

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DOUTORADO EM GEOGRAFIA**

ANGELA GOMES DE SOUZA

**CORPO - CIDADE - LUGAR:
Mapeamentos e espaços híbridos**

VITÓRIA, 2021

ANGELA GOMES DE SOUZA

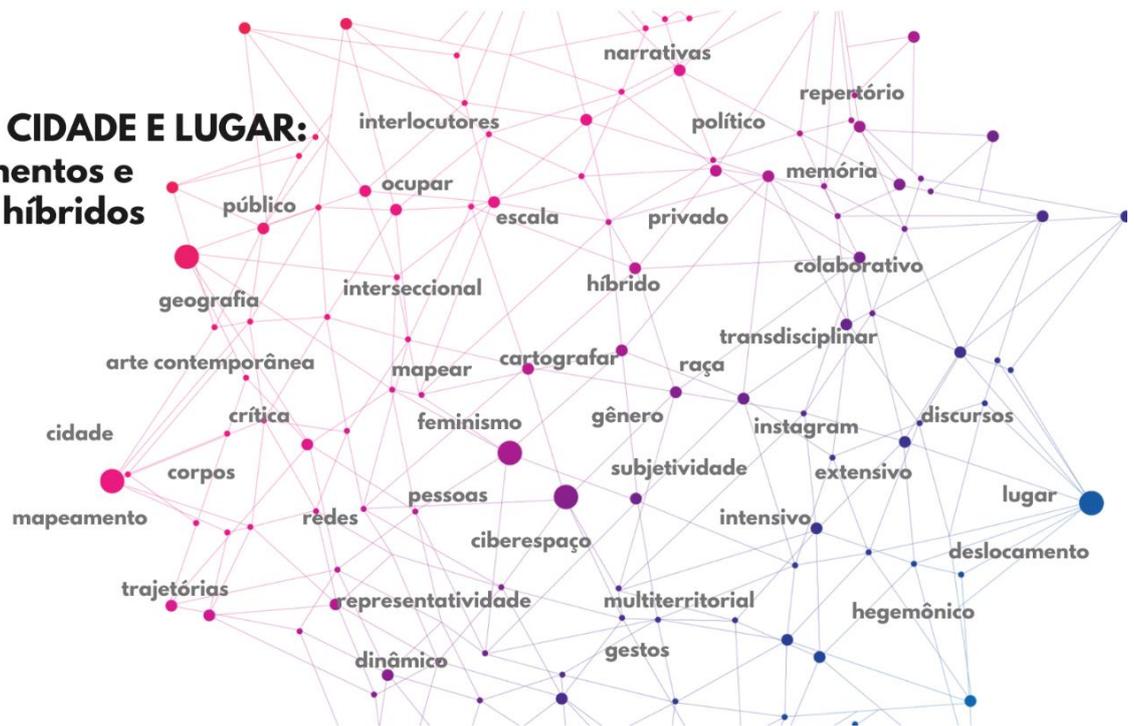
**CORPO - CIDADE - LUGAR:
Mapeamentos e espaços híbridos**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) como requisito para obtenção do título de Doutora em Geografia.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gisele Girardi

VITÓRIA, 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DOUTORADO EM GEOGRAFIA

**CORPO, CIDADE E LUGAR:
mapeamentos e
espaços híbridos**



VITÓRIA, 2021
ANGELA GOMES DE SOUZA

Angela Gomes de Souza

**“CORPO, CIDADE E LUGAR:
Mapeamentos e espaços híbridos”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutora em Geografia.

Aprovada em 30 de março de 2021.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Gisele Girardi (UFES)
Orientadora e Presidente da Comissão Examinadora

Prof. Dr. Antônio Carlos Queiroz Do Ó Filho (UFES)
Examinador Titular Interno

Profa. Dra. Gisele Girardi
Por: **Profa. Dra. Ana Maria Hoepers Preve (UDESC)**
Examinadora Titular Externa

Profa. Dra. Gisele Girardi
Por: **Profa. Dra. Eliana Mara Pellerano Kuster (IFES/VITÓRIA)**
Examinadora Titular Externa

Profa. Dra. Gisele Girardi
Por: **Profa. Dra. Melissa Ramos da Silva Oliveira (UVV)**
Examinadora Titular Externa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
GISELE GIRARDI - SIAPE 2286315
Departamento de Geografia - DG/CCHN
Em 31/03/2021 às 10:58

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/166868?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por ANTONIO CARLOS QUEIROZ DO O FILHO - SIAPE 1715605
Departamento de Geografia - DG/CCHN
Em 31/03/2021 às 11:14

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/166886?tipoArquivo=O>

CORPO, CIDADE E LUGAR:

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas às pessoas, aos familiares e às instituições que possibilitaram a realização deste trabalho. Agradeço, em especial, ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), à professora Dra. Gisele Girardi, ao grupo de pesquisa Poesi, às contribuições da banca de qualificação, aos professores que aceitaram participar da banca de defesa de tese e ao coletivo *A partir do Centro*. À Crislayne Zeferina, Déborah Sabará, Juliana Lisboa, Rozilene de Sá e Stael Magesck por aceitarem conceder seu tempo para a pesquisa. Estendo meus agradecimentos à Julia Brahim, Julia Monteiro e Lyvia Justino pelo apoio na organização da oficina, na edição de imagens e na revisão final do texto, respectivamente.

“This page intentionally left blank”.
Doreen Massey

RESUMO

O uso das redes sociais foi ampliado significativamente em 2020, sendo necessário refletir também sobre a experiência geográfica de formação de redes e de deslocamentos na pandemia. Ao incrementar o uso das tecnologias digitais no nosso cotidiano, devido à impossibilidade de usufruir integralmente da cidade, modificamos profundamente as nossas relações físicas, culturais e corporais com a cidade. As sobreposições entre as redes que se formaram na pandemia, com rebatimento no território, e as redes virtuais conformam espaços híbridos. No recorte corpo-cidade-lugar, que nomeia essa tese, interessa-nos as intersecções entre mapeamento e dispositivos móveis, mediados pelas redes pré-existentes e novas redes que se formaram ao longo do ano de 2020. Na pesquisa, investiga-se a experiência de mapeamento das redes de cinco mulheres com atuação comunitária no bairro Centro, em Vitória, no Espírito Santo, que simbólica e materialmente constroem uma outra cidade. A premissa da metodologia é de processo de conhecimento em construção, não necessariamente linear ou explicitamente acadêmico sobre a relação entre mapeamento extensivo e intensivo, questão principal da pesquisa. Estão presentes questões complementares como arte contemporânea, feminismo e ciberespaço. A estrutura geral da pesquisa está subdividida em cinco partes. A introdução apresenta uma aproximação conceitual com as questões principais da pesquisa, a justificativa, a metodologia e contexto da pesquisa. A segunda parte aborda a relação corpo e cidade. Os capítulos seguintes, três e quatro, são específicos sobre mapeamento, registros de deslocamentos e instrumentos de análise para compreensão desses espaços híbridos. Na conclusão, resgatamos a relação mapa extensivo e intensivo, o percurso construído na tese e reflexões sobre outros caminhos possíveis para o mapeamento.

Palavras-chave:

Mapeamento; Ciberespaço; Corpo e Cidade; Cartografia intensiva, Oficina.

ABSTRACT

The usage of social networks was significantly expanded in 2020, making it is also necessary to analyze the geographical experience of networking and displacement in the pandemic. By increasing the use of digital technologies in our daily lives, due to the impossibility of fully enjoying the city, we have profoundly modified our physical, cultural and bodily relations with the city. The overlaps between the networks that were formed in the pandemic, with impact on the territory, and the virtual networks make up hybrid spaces. In the body-city-place cut, which names the thesis, we are interested in the intersections between mapping and mobile devices, mediated by the pre-existing networks and new networks that were formed during the year 2020. This research analyses the experience of mapping the networks of five women who work with in community activities in Centro, Vitória, Espírito Santo, Brazil, and who symbolically and materially build another city. The premise of the methodology is a knowledge process under construction, not necessarily linear or explicitly academic about the relationship between extensive and intensive mapping, the main issue of the research. Complementary issues such as contemporary art, feminism and cyberspace are present. The general structure of the research is divided into five parts. The introduction presents a conceptual approach to the main research questions, the justification, the methodology and context of the research. The second part deals with the relationship between body and city. The following chapters, three and four, are specific about mapping, displacement records and analysis tools for understanding these hybrid spaces. In conclusion, we rescued the extensive and intensive map relationship, the route built on the thesis and reflections on other possible paths for mapping.

Keywords:

Mapping; Cyberspace; Body and City; Cartography, Workshop.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Bairros da região central de Vitória	39
Figura 2 – Exemplo de planilha de dados das <i>lives</i>	51
Figura 3 – Exemplo de mapa elaborado com <i>Google My Maps</i>	51
Figura 4 – Exemplo de mapa elaborado com <i>Google My Maps</i> com contatos de Crislayne Zeferina	52
Figura 5 – Exemplo de mapa elaborado com <i>Google My Maps</i> com contatos de Déborah Sabará.....	53
Figura 6 – Exemplo de mapa elaborado com <i>Google My Maps</i> com contatos de Juliana Lisboa.....	54
Figura 7 – Exemplo de mapa elaborado com <i>Google My Maps</i> com contatos de Rozilene de Sá.....	55
Figura 8 – Exemplo de mapa elaborado com <i>Google My Maps</i> com contatos de Stael Magek.....	56
Figura 9 – Formulário <i>google forms</i> com respostas de Crislayne Zeferina.....	59
Figura 10 – Formulário <i>google forms</i> com respostas de Déborah Sabará.....	62
Figura 11 – Formulário <i>google forms</i> com respostas de Juliana Lisboa.....	65
Figura 12 – Formulário <i>google forms</i> com respostas de Rozilene de Sá.....	69
Figura 13 – Formulário <i>google forms</i> com respostas de Stael Magek.....	73
Figura 14 – Exemplos de redes de contato na Grande Vitória	80
Figura 15 – Exemplo de contatos realizados além do ES	81
Figura 16 – Exemplos de contatos realizados além do Brasil	81
Figura 17 – Redes de contatos concentradas no Centro de Vitória	82
Figura 18 – Hélio Oiticica – A segunda parte de Belo Horizonte, 1950.....	99

Figura 19 – Panfleto do projeto História da _rte. Prêmio Rumos Itaú Cultural. São Paulo.....	101
Figura 20 – História da _rte. Prêmio Rumos Itaú Cultural. São Paulo	101
Figura 21 – Capa do Manual de Uso da Grande Vitória, para&por corpos negros-bichas.....	102
Figura 22 – Conexões Terra I Mar I e II	105
Figura 23 – Tríptico	105
Figura 24 – Mapa produzido pela turma do curso de extensão da UFBA/2020, “Habitar o fim do mundo e imaginar o infinito”	106
Figura 25 – Imagens selecionadas para a Oficina.....	110
Figura 26 – Oficina realizada durante a pesquisa.....	114
Figura 27 – Oficina realizada durante a pesquisa.....	116
Figura 28 – Mapeamento coletivo produzido na oficina da pesquisa	117
Figura 29 – Mapeamento produzido na oficina, detalhe ampliado.....	119
Figura 30 – Mapeamento produzido na oficina, detalhe ampliado	120
Figura 31 – Oficina realizada durante a pesquisa.....	123
Figura 32 – Captura de imagem do vídeo “Como se preparar para guerra”, de Castiel Vitorino (2018)	130
Figura 33 – Diagrama nuvens de palavras.	130
Figura 34 – Ilustração elaborada pela autora, a partir da oficina, com técnica de colagem digital	132
Figura 35 – Ilustração elaborada pela autora, a partir da oficina, com técnica de colagem digital	133
Figura 36 – Recorte da oficina	134
Figura 37 – Ilustração elaborada pela autora, a partir da oficina, com técnica de colagem digital	135

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Participantes da pesquisa	40
Quadro 2 – Síntese dos eventos	49
Quadro 3 – Perguntas para entrevistadas	52
Quadro 4 – Monumentos, fatos históricos e vida cotidiana do Centro.....	111

SUMÁRIO

1.	APROXIMAÇÃO	15
2.	CORPO - CIDADE	29
2.1.	CORPO, CIDADE E MULHERES	30
2.2.	O CENTRO E CINCO MULHERES	38
3.	QUANDO EU MAPEAR	77
3.1.	MAPAS PRODUZIDOS	78
3.2.	DESLOCAMENTOS E MAPEAMENTO	88
4.	NÓS MAPEAMOS	94
4.1.	ARTE CONTEMPORÂNEA E MAPEAMENTO	95
4.2.	NARRATIVAS E MAPEAMENTO – OFICINA	103
5.	OUTROS CAMINHOS	124
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	137

1. APROXIMAÇÃO

Em 2016, ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGG), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), após ter concluído o mestrado em Artes na mesma instituição, a intenção era ampliar a pesquisa anterior para o campo da cidade, por meio da cartografia e mapeamento colaborativo, sem perder de vista o campo da arte. Pensar a ciência junto com a arte poderia ajudar a “rasgar” o mapa tradicional.

No projeto inicial do doutorado, com temáticas relacionadas à caminhabilidade, práticas de mapeamento, lugar e gênero, cujo prazo de conclusão era abril de 2020, estavam previstas, além da revisão da literatura referentes aos temas de estudo, incursões na cidade, a pé, baseadas em processos e experimentos previamente selecionados, utilizando dispositivos móveis para registros em mapas. Porém, ainda era uma perspectiva de certa forma distanciada da cidade, como observadora somente.

Entre 2019 e 2020, como coordenadora do projeto cultural *A partir do Centro*, durante atividade voluntária, estabelecemos contato com a realidade cotidiana do Centro de Vitória, por meio de entrevistas, reuniões e encontros, que apontaram outros caminhos para a pesquisa inicial, tendo como fonte uma rede de interlocutores vinculada ao Centro de Vitória. Por motivos pessoais, houve interrupção da pesquisa, tendo sido retomada em 2020.

No entanto, após a retomada, o Sars-CoV-2, causador da Covid-19, já havia se espalhado por vários países. Com isso, ocorreu uma solicitação de prorrogação de prazo para retomar e finalizar a pesquisa, cujas ações previstas inicialmente não aconteceram de forma presencial.

A impossibilidade de realizar atividades nos espaços públicos devido à pandemia desestruturou a pesquisa e houve a necessidade de redesenhar a organização dos capítulos da tese, bem como alterar a metodologia, para articular e refletir também sobre autores e métodos que consideram a dimensão do ciberespaço. Nessa mudança de rumos, trouxemos como contribuição principal para a pesquisa a interlocução com pessoas que vivenciam o Centro de Vitória.

A proposta inicial de pesquisa sobre os temas “Caminhabilidade: práticas de mapeamento, lugar e gênero” enfatizava as práticas colaborativas de mapeamento em campo e a importância das narrativas locais, porém desconsiderava a dimensão das redes que se formam no ciberespaço, assunto que foi evidenciado pela pandemia.

O mapeamento, enquanto processo extensivo de caminhar, não poderia ocorrer de forma virtual. No entanto, deslocar-se tem um sentido mais amplo, estando relacionado também às questões subjetivas, ao mapeamento intensivo enquanto uma prática social e uma leitura do espaço com outros alcances. Desta forma, de acordo com Ana Preve (2010, p. 85), é possível fazer uma analogia com o contexto da pandemia, pois “na imobilidade alguma coisa se move”.

Mapas intensivos são instantes de sensação quando ela toma consistência e se efetua e, novamente, se abre a novos encontros. Enquanto a cartografia apresenta os movimentos de transformação das paisagens (o que se passa, o que acontece) os mapas intensivos apresentam, as reterritorializações. Consistências. O mapa intensivo como consistência é aberto às conexões. Não é um todo estático ou definitivo de algo ou alguém, é a mobilidade dos afetos (PREVE, 2010, p. 85).

O uso intensivo das tecnologias móveis e das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) possibilitam que as pessoas se expressem no ambiente virtual sem mediação. No entanto, os algoritmos existentes nas redes sociais mapeiam nossas preferências e ações no mundo digital e nos conduzem a uma espécie de controle de ofertas de contatos, de serviços e de produtos, pertencentes a ordem econômica digital, que impacta diretamente na sociedade, sendo um fenômeno atual.

Levy (1999, p. 47) destaca que “é virtual aquilo que existe apenas em potência e não em ato”, enfatizando que no entendimento filosófico contemporâneo “é virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular”.

Um dos papéis dos profissionais e pesquisadores com atuação na temática urbana é justamente se indagar sobre o que pode ser feito para aprimorar as condições de vida nas cidades, considerando as tecnologias disponíveis, os novos materiais e as potentes ferramentas para planejamento e mapeamento. Outro ponto de

questionamento passa pelo esvaziamento dos espaços públicos, por medo e insegurança da população, e pelo o que pode ser colocado em prática para retomar a ideia de cidade cosmopolita, na ocupação desses espaços, inclusive possibilitando novas conexões entre pessoas para diferentes formas e funções que permitam apoiar a vida.

A inserção das tecnologias digitais no cotidiano “promoveu profundas alterações nas relações físicas e culturais constituídas no âmbito do corpo e do espaço, estabelecendo novas dinâmicas, imputando relações que reconfiguram aparências, valores, desejos” (SILVA et al., 2018, p. 11). Desta forma, observa-se que no recorte Corpo-Cidade, as intersecções entre identidade cultural do Centro de Vitória, mapeamento e dispositivos móveis são mediadas pelas redes pré-existentes ou novas redes que se formaram no ciberespaço durante pandemia.

Por intermédio da participação no projeto cultural *A partir do Centro*, projeto realizado em Vitória, cuja pesquisadora é membra ativa, obtivemos uma proximidade com a história e o cotidiano da cidade, mediados por convidados pesquisadores, artistas e moradores, o que contribuiu para a construção da tese. A iniciativa possibilitou reflexões sobre temas presentes na cidade, tais como: o abandono de edificações, a relação porto x cidade, a questão da moradia, a condição de capital do Estado e a ausência de investimentos, o desinteresse das três esferas de poder (Federal, Estadual e Municipal) em articular políticas públicas para o Centro e a relação do Centro com a Região Metropolitana, além dos protagonismos e participações do setor cultural.

A articulação de forças políticas governamentais aliada aos interesses de grandes construtoras como discurso único acelerou o deslocamento de atividades econômicas para novas frentes lucrativas para o setor imobiliário, situadas a leste da ilha de Vitória, em áreas de aterro. Trata-se de um processo histórico e, ao mesmo tempo, ampliam-se as áreas desprovidas de infraestrutura consideradas “periféricas”, como as áreas de morro e de mangue. Por outro lado, os investimentos em mobilidade, ainda muito baixos e centralizados no modal rodoviário, apontam uma rearticulação de fluxos de pessoas e objetos na cidade incidindo sobre a dinâmica urbana.

A premissa da pesquisa é de processo de conhecimento em construção, não necessariamente linear ou explicitamente acadêmico. Careri (2017, p.115), relembra a etimologia da palavra “Método”, que deriva do grego *methòdos* (*metá* = depois, através; *hòdos* = via, caminho): “depois do caminho”. A metodologia pertence ao caminhar. Ela é construída, “ao longo do caminho”. O método se compreende “enquanto se está procedendo” e “uma metodologia do parar só pode ser construída ao parar”. Neste sentido, o projeto também é visto enquanto processo e não como algo fechado, acabado:

[...] mas a experiência ensina que tanto o método como o projeto podem ser e permanecer indeterminados, desenvolverem-se durante o caminhar. Isso é a base do saber como proceder como perder-se na exploração urbana, mas também de como produzir transformações materiais e imateriais, como uma obra de arte, uma arquitetura ou uma pesquisa (CARERI, 2017, p.115).

A questão principal da pesquisa, portanto, é a relação entre mapeamento intensivo e extensivo, o caminhar e cartografar relacionados com “as mulheres que fazem a cidade, que constroem essa cidade outra”. Busca-se tensionar a relação entre mapa extensivo (territorial) e mapa intensivo, como rede de relações que não possuem escalas possíveis. Como se deslocar do intensivo para o extensivo e vice-versa? Pretende-se avaliar as conexões entre uma cartografia, inicialmente construída por nós, que se abre para novas construções pelas próprias pessoas pesquisadas. As questões complementares e transversais, que atravessam a pesquisa estão relacionadas ao feminismo, ao corpo e à arte contemporânea.

Neste sentido, a pesquisa é uma contribuição aos campos da Geografia e do Urbanismo, que lidam com abordagens relativamente recentes e críticas para pensar a cidade, sendo o recorte de gênero uma dessas abordagens, um modo de fazer decorrente do feminismo.

A pesquisa apresenta reflexões referentes às questões urbanas, buscando debater, propor e avançar na construção coletiva de metodologias para compreensão, mapeamento e construção de novos horizontes possíveis, em que a participação e atuação da pesquisadora no projeto *A partir do centro* funciona como articulador de conteúdos e reflexões que se desdobraram na realização da tese/pesquisa.

As pessoas cujas trajetórias foram mapeadas, que se autodenominam mulheres, estão envolvidas em lutas urbanas ligadas a temas como direito à memória, acesso a serviços, infraestrutura, moradia, entre outros. Estes assuntos, no entanto, podem ter sua discussão ampliada na cidade ao serem atravessados pelas questões de gênero, classe e raça. Neste sentido, por meio de um recorte temporal e cartográfico elaborado durante a pandemia, busca-se contribuir para o fortalecimento das iniciativas de pessoas que já atuam no Centro de Vitória, para construir novos diálogos, estratégias e ações para cidades mais justas.

Para esta pesquisa, adotaremos a valorização de caminhos investigativos de memória incorporada, como relatos e oficina, em complemento aos caminhos investigativos tradicionais dos arquivos, do *Instagram* e do formulário. O trabalho que se constitui a partir do contexto urgente e impositivo da presença da pandemia, o qual a pesquisadora abriu espaço para o inesperado, para pensar e refletir sobre o contemporâneo.

É necessário ter novos olhares sobre o espaço público, os deslocamentos em espaços híbridos e sobre as fronteiras e sobreposições que existem entre campos disciplinares. Portanto, justifica-se investigar os novos procedimentos discursivos conceituais e conceptivos de representação da cidade, que a reforçam como espaço de mediações políticas, sociais e culturais, e que participam da construção de novos significados da cidade para as pessoas. Neste sentido, as palavras Corpo - Cidade - Lugar se articulam essencialmente por meio da percepção, aqui tratadas como vivências da cidade, tanto das mulheres pesquisadas quanto da pesquisadora. Por outro lado, ao nomear o título com três palavras reafirmamos o compromisso com as fronteiras entre as definições das mesmas, para constituir o campo “entre”, o hífen, articulando conteúdos ao longo da pesquisa.

Tanto as palavras quanto as imagens configuram imaginações espaciais, o que consta no texto faz parte desse processo de encontros e desencontros da pesquisadora. Os arranjos e as configurações das imagens na tese também indicam escolhas. A tese não possui “anexos”, que foram incorporados ao texto principal por serem relevantes para a sequência e compreensão do conteúdo da mesma.

O recorte temporal para o levantamento de dados da pesquisa e mapeamento ocorreu entre 15 de março e 30 de outubro de 2020, período em que fizemos um cadastramento e mapeamento das *lives* de cinco pessoas com atuação cultural, política e social no Centro de Vitória, Espírito Santo. *Lives* são transmissões ao vivo de áudio e vídeo pela internet, feitas por redes sociais. No caso desta pesquisa, utilizando-se da rede social de compartilhamento de fotos e vídeos, o *Instagram*, podendo ser arquivadas no formato de plataformas de compartilhamento de vídeos, como *YouTube* ou *IGTV*, dentro do própria aplicativo de compartilhamento de fotos já citado.

Para mapeamento e identificação das redes de interlocutores das pessoas pesquisadas, utilizamos o *Google My Maps*, ferramenta de criação de mapas extensíveis, mensuráveis e personalizados do *Google*, sendo de uso livre e compatível com a entrada de dados de tabelas do programa *Microsoft Excel* e formulários do *Google Forms*. As demais atividades práticas da pesquisa, como formulário e oficina (mapeamento intensivo), ocorreram nos meses de dezembro de 2020 e início de janeiro de 2021, atividades que foram fundamentais como procedimentos para romper a estrutura do mapa tradicional e revelar aspectos até então subjacentes ao processo de mapeamento.

Para realização da pesquisa percorremos basicamente as seguintes etapas:

1. Revisão da literatura sobre os conceitos-chaves da pesquisa;
2. Elaboração de planilhas no *Google Sheets*: coleta de dados no *Instagram*;
3. Elaboração de mapas no *Google My Maps*, ferramenta escolhida devido às conexões diretas entre geolocalização, planilhas e formulários;
4. Elaboração de formulário individual de entrevista no *Google Forms*;
5. Organização e realização de oficina com cinco pessoas;
6. Trocas, ilustrações e reflexões.

O quadro teórico conceitual se desenvolve, principalmente, a partir dos autores e pesquisadores Doreen Massey, Raquel Rolnik, Paola Berenstein Jacques e Francesco Careri, além de autores do campo da geografia, da cartografia crítica e da arte contemporânea, apresentados a seguir.

Nas últimas décadas assistimos às transformações do espaço urbano como consequência da integração global promovida pelo capital internacional, com rebatimento na reconfiguração de territórios, lugares e tecnologias, especialmente à informacional/comunicacional. A globalização não acarreta simplesmente a “homogeneização”. A “globalização das relações sociais é uma outra fonte (da reprodução) do desenvolvimento geográfico desigual e, assim, da singularidade do lugar”, existindo a especificidade do lugar, o “centro de uma mistura distinta das relações sociais mais amplas com as mais locais” (MASSEY, 2000, p. 185).

As transformações “vertiginosas das tecnologias da informação e da comunicação apresentam um mundo global que existe em função daquilo que os meios de comunicação de massa transmitem”, existindo “um mundo global”, midiático, que é enfocado, e o “resto do mundo – o da luta cotidiana, da miséria endêmica, dos movimentos urbanos e alternativos”, que se encontra quase oculto do foco midiático. Por outro lado, a própria “facilidade de acesso aos sistemas de comunicação” oferecem novos canais pelos quais realidades antes invisíveis se tornam visíveis (MONTANER; MUXÍ, 2014, p.81).

Como possibilidade de captura de multiplicidades, subjetividades e identidades espaciais do lugar, Jacques (2012, p. 24), destaca a postura do urbanista “que se preocupa mais com as práticas, ações e percursos, do que com as representações gráficas, planificações ou projeções, ou seja, com os mapas e os planos, com o culto do desenho e da imagem”. Neste sentido, considera a errância, forma de caminhar sem destino previamente estabelecido, adotada por diversos artistas e escritores ao longo da história, fundamental para conhecimento do espaço urbano como um todo.

Espaço e lugar em constante devir, segundo Massey (2008, p.32) nunca finalizado e acabado, sendo processos e produtos de inter-relações construídas por meio de relações com outras partes:

O espaço jamais poderá ser essa simultaneidade completa, na qual todas as interconexões já tenham sido estabelecidas e no qual todos os lugares já estão ligados a todos os outros. Um espaço, então, que não é nem recipiente para identidades sempre já constituídas nem um holismo completamente fechado. É um espaço de resultados imprevisíveis e de ligações ausentes. Para que o futuro seja aberto, o espaço também deve sê-lo (MASSEY, 2008, p.32).

Ainda no aspecto de captura de subjetividades, Suely Rolnik (2014, p. 23) traça uma analogia entre o cartógrafo e o antropólogo, estabelecendo pontos em comum:

Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa, representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropólogo (ROLNIK, 2014, p. 23).

Interessa-nos, à princípio, compreender e identificar pontos em comum entre os mapeamentos, a arte contemporânea e a cidade, por um recorte específico que protagonize mulheres que sejam vinculadas ao Centro de Vitória, capital do Espírito Santo, como exemplo de rebatimento espacial, porém numa perspectiva que permita transitar entre campos acadêmicos e saberes.

Os temas trabalhados pelos artistas contemporâneos, segundo Renata Marquez (2009, p. 22), contribuem para expansão do campo da cartografia, pois tratam dos seguintes aspectos:

Sistemas de poder, sistemas econômicos, situações de exílio e desterritorialização, solidão e coletividade, traçados de infraestruturas territoriais, trânsitos globais de pessoas e produtos ou registros de microhistórias inaudíveis ocupam os temas desenvolvidos pelos artistas. As suas expedições, mapas e paisagens salientam na geografia o relevo das alteridades do espaço, transportando o conhecimento espacial para territórios culturais onde ele passa a atuar sem um rótulo disciplinar (MARQUEZ, 2009, p. 22).

Por outro lado, ao priorizar as manifestações artísticas no espaço público, com ênfase no político, na alteridade, e na diferença, não podemos prescindir dos “rótulos” e considerar também o que não é produzido de forma institucional, ou seja, a arte que não consta nos circuitos institucionais, como algo “alternativo”. Girardi (2012, p. 41) aborda a definição de “alternativo”, no âmbito dos “produtos cartográficos” com rebatimento nos campos social e político, no sentido de “contra-hegemonia”.

A autora (2014, p. 87) nos auxilia a repensar os mapas como estratégia de desconstrução:

[...] visando à leitura das entrelinhas do mapa como estratégia de revelar o poder imbuído nos mapas sob uma aura de neutralidade. Isto é particularmente forte no âmbito dos estudos de cartografias pós-coloniais e nas chamadas “cartografias sociais”, nos quais se busca revelar e reverter a sobrescrição, na imagem cartográfica, de uma cultura sobre a outra” (GIRARDI, 2014, p. 87).

Girardi (2014, p. 88) estabelece um diálogo entre a possibilidade de leitura de políticas espaciais em mapas e a cartografia crítica, que ampliam as abordagens dos mapas e afirma que “todo mapa apresenta um lugar, ao mesmo tempo em que o constitui discursivamente e que tanto é produzido como produz imaginações e práticas espaciais” (GIRARDI, 2014, p. 90), sendo que a apresentação do mapa possui um “caráter de ficção, ou seja, de invenção com efeito de verdade, porque se ajusta aos modos como aprendemos a ler e a ver a realidade” (GIRARDI, 2014, p. 91).

De acordo com Andrea Fraser (2008, p. 186), conforme citado por Souza (2015, p. 73), no campo da arte, na vertente da crítica institucional, não existiria estar dentro ou fora do âmbito institucional. Fraser, cuja prática artística é dedicada à crítica das instituições de arte, como museus, galerias, circuitos de arte, entre outros, afirma que representações do “mundo da arte” como algo totalmente distinto do “mundo real”, assim como representações da “instituição” como separadas de “nós”, possuem funções específicas de legitimação do discurso artístico.

Neste sentido, nas interfaces entre arte e geografia, Marquez (2006, p. 05) alega que “a arte pretende cartografar processos e margens, transladando da contemplação para a ação humana junto às paisagens que ela constantemente conforma”, como contraponto a cartografia de caminhos e paisagens. Desta forma, “toda imagem é discurso, pois é o mundo praticado, a práxis do sujeito no mundo. As imagens são sempre pontos de vista, fragmentos de um todo que não existe independente de nós”.

A ideia de arte que nos interessa não se refere aos meios de representação que poderiam, de maneira instrumental, incrementar a apresentação de informações e dados sobre o conhecimento espacial; não se trata de uma expressividade de apoio. Tomando uma direção totalmente distinta, entendemos a arte como veículo epistemológico, parceiro de outros saberes na formação de um conhecimento espacial. A arte inscreve na cultura modos de olhar o mundo, discursos que trabalham na infinita tarefa de indagação, tradução e imaginação do espaço (MARQUEZ, 2006, p.19).

No que se refere ao processo cartográfico tradicional, partindo da coleta de dados, envolve estudo, análise, composição e representação de observações, de fatos, fenômenos e dados pertinentes a diversos campos científicos associados à superfície terrestre (IBGE, 2016). No entanto, os mapas tradicionais não contemplam as características subjetivas, uma vez que os trajetos formais ou informais são realizados pelo fluxo de pessoas e por onde elas percorrem. Porém, “o errante não vê a cidade somente de cima, a partir da visão de um mapa, mas a experimenta de dentro. Ele inventa sua própria cartografia a partir de sua experiência itinerante” (JACQUES, 2012, p. 24).

No tema cartografia crítica, Kitchin; Perkins; Dodge (2009, p. 343) estabelecem uma conceituação da cartografia a partir de uma perspectiva relacional, tratando mapas não como representações uniformes, mas como processos em curso. Esses autores (KITCHIN; PERKINS; DODGE, 2009, p. 333) afirmam que o mapa é um conjunto de práticas culturais que envolve contextos históricos que enfatizam a interação entre “lugares, tempos, ações e ideias”.

Portanto, a arte é uma dessas práticas e tem, também, um papel político, sendo essas as principais proximidades com a “cartografia Pós-Representacional” ou a cartografia contemporânea, uma “cartografia marcada por imagens, pela arte e por símbolos, sem regras cartográficas, como a ausência do norte e da legenda” (KITCHIN; PERKINS; DODGE, 2009, p. 338).

No sentido amplo, considerando também a identidade do lugar, o conceito de espaço pode ser melhor compreendido ao se destacar as três proposições e argumentos de Doreen Massey:

1. O espaço é um produto de inter-relações. Ele é constituído através de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno [...].
2. O espaço é a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade; é a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; [...] Multiplicidade e espaço são co-constitutivos.
3. Finalmente, e precisamente *porque* o espaço é o produto de relações entre relações que são práticas materiais necessariamente embutidas *que precisam ser efetivadas*, ele está sempre num processo de devir, está sempre sendo feito – nunca está finalizado, nunca se encontra fechado (MASSEY, 2004, p. 8).

Neste modo de conceituar o espaço, em constante devir, este nunca estaria acabado

e fechado. Adotando o conceito de identidade do espaço, essa não seria pré-constituída e fechada, sendo o entendimento da identidade do lugar, construída por meio de relações com outras partes (espaço relacional), a própria condição do político (MASSEY, 2004, p. 9).

Vale destacar também o conceito de território, que de acordo com Haesbaert (2007, p. 20), está relacionado ao “poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”, e sim ao poder no sentido mais explícito, de dominação, e também ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação”, manifestando “um sentido multi-escalar e multi-dimensional que só pode ser devidamente apreendido dentro de uma concepção de multiplicidade, tanto no sentido da convivência de “múltiplos”, tipos de território quanto da construção efetiva da multiterritorialidade” (HAESBAERT, 2007, p. 42). O território, então, “desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais 'concreta' e 'funcional' à apropriação mais subjetiva e/ou 'cultural-simbólica” (HAESBAERT, 2007, p. 21).

Haesbaert (2007, p. 35) distingue “multiterritorialidade num sentido amplo, ligada à propriedade genérica da multiplicidade territorial (que, por sua vez, faz eco à ‘multiplicidade’ do espaço, no sentido enfatizado por Massey, 2004), e multiterritorialidade num sentido mais estrito, que envolve a experiência efetiva de múltiplos territórios e/ou territorialidades”. Pensar em processos de desterritorialização de forma simplista pode ser um acordo com o desejo capitalista de, “num mundo globalmente móvel, sem estabilidade, marcado pela imprevisibilidade e a fluidez das redes e pela virtualidade do ciberespaço, ficarmos quase todos à mercê dos poucos que efetivamente controlam estes fluxos e redes” (HAESBAERT, 2007, p. 39).

Podemos traçar uma analogia entre a virtualidade do ciberespaço e espaço público. Em termos de componentes, no espaço público, o que mais se assemelha ao ciberespaço é o seu poder comunicacional. De acordo com Gomes (2018, p. 117), os espaços públicos possuem um poder comunicacional, isto é, “tornar público significa oferecer ao julgamento e à opinião dos outros indivíduos essas características”, as diferenças. O mesmo autor ressalta que os espaços públicos possuem propriedades que os tornam realmente públicos, tais como desenvolvimento de uma cultura pública,

um “código comportamental”, um protocolo que prevê “atitudes, distâncias, gestos, condições e formas de interação”, “convidam a observação e a vivência da alteridade”. Possuem ainda a propriedade da reflexividade, ou seja, observamos e somos observados.

Neste sentido, a experiência de se comunicar via redes na pandemia é uma experiência geográfica, sendo uma das questões da pesquisa. Os deslocamentos no ciberespaço durante a pandemia também são atravessados pelas questões de gênero, raça e classe, assim como no espaço público.

O texto a seguir se desenvolve, intencionalmente, como um caminhar, não necessariamente linear, contendo pontos de contatos entre temas e autores, releituras, conversas, idas e vindas, que são acionadas pela memória e reforçadas pelos temas em discussão, conformando um trajeto de reflexão que se constrói ao mesmo tempo em que se movimenta entre corpo-cidade-lugar. Como uma errante, a pesquisadora costura e constrói seu próprio caminho.

O Capítulo Dois, “Corpo - Cidade”, aborda a relação corpo-cidade na perspectiva do movimento feminista e do movimento negro, além de apresentar as cinco mulheres pesquisadas. Apresentamos de forma breve o Centro de Vitória, local onde as pessoas pesquisadas possuem vínculos territoriais e afetivos e o total de *lives* realizadas por meio do *Instagram* durante o período de isolamento social da pandemia, em 2020.

No Capítulo Três, “Quando eu mapear”, apresentamos os mapas produzidos com a ferramenta *Google My Maps*, a partir dos dados levantados das *lives* realizadas; reflexões sobre processos cartográficos tradicionais, tecnologias de mapeamento, uso de dispositivos móveis e espaços híbridos. Abordamos também os processos históricos de deslocamentos e suas conexões com o campo da arte.

No Capítulo Quatro, “Nós mapeamos”, refletimos sobre os processos criativos que se apropriam do mapeamento enquanto método e recurso para tensionar as questões urbanas e algumas práticas com abertura para o campo da arte e situamos alguns recursos e técnicas a serem adotadas nas oficinas. Apresentamos também a

organização e realização da oficina, os mapeamentos e os depoimentos obtidos, que foram fundamentais para a realização do trabalho.

Por último, em “Outros Caminhos”, Capítulo Cinco, resgatamos a relação mapa extensivo e intensivo, o percurso construído com a oficina, as novas conexões que se formaram nesses movimentos, com reflexões sobre outros caminhos possíveis para o mapeamento.

2. CORPO – CIDADE

2.1. CORPO, CIDADE E MULHERES

A relação corpo, cidade e mulheres é decorrente de fatores históricos que podem ser compreendidos pela visão do movimento feminista e também do movimento negro. Ambos ampliam a perspectiva de leitura do que ocorre hoje, inclusive nos processos de deslocamentos das mulheres na cidade, pois o sentido que temos do espaço e da cidade está vinculado, às estruturas de gênero e de etnia da sociedade, além das contradições inerentes ao capitalismo, que estabelece a desigualdade como princípio.

A cidade é o espaço onde as relações se constituem, se realizam. Na cidade, constroem-se e consolidam-se relações. Na esfera pública, constitui-se uma identidade e uma história coletiva, a análise do corpo aponta para a “análise da relação entre o espaço privado (da casa, da família) e os espaços públicos, marcados pela centralidade do encontro” (CARLOS, 2021, p. 476)

Outro aspecto a ser destacado, refere-se à perda de conexão entre o corpo e a cidade por razões históricas. Entre estas, a aceleração espaço x tempo, a própria natureza dos processos econômicos globalizados, os meios de comunicação e a condição física do corpo em deslocamentos motorizados, que reforça essa sensação de desconexão do corpo com o espaço (SENNETT, 2016, p. 14-16).

Mas a percepção entre corpo e espaço não é a mesma entre homens e mulheres. As mulheres sempre estiveram subordinadas aos homens, segundo Beauvoir, enquanto classe oprimida, “a mulher sempre foi, se não a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições” (BEAUVOIR, 1970, p. 17).

Para Costa; Sardenberg (2008, p. 24), “o feminismo, como doutrina que preconiza a igualdade entre os sexos e a redefinição do papel da mulher na sociedade, é certamente a expressão máxima de consciência crítica feminina”. As transformações do sistema econômico, com o início do capitalismo, levaram as mulheres para o meio produtivo, com o rompimento do isolamento doméstico. No entanto, elas permaneciam sem ter os direitos reconhecidos, o que levou gradativamente à subversão a

percepção da exploração e da opressão a que estavam submetidas (COSTA; SARDENBERG, 2008, p. 25).

Rolnik (2014, p. 88) lembra o quanto as mulheres se “desterritorializam do lar, do ninho, da família”, com as mudanças culturais decorrentes também da industrialização da cultura, que “se deu progressivamente, durante todo o século XX (o cinema, na virada do século, o cinema falado, o rádio nos anos 30, e a televisão nos anos 50)”, que tiveram rebatimento também na ampliação da presença das mulheres em áreas que eram predominantemente masculinas (ROLNIK, 2014, p. 89).

Outras questões que fizeram parte da luta feminista, foram o combate ao patriarcado e o direito ao corpo. É dentro desse contexto de questionamentos sociais e quebra de padrões sobre feminilidade que se inicia, na década de 70, o debate sobre gênero. Para a norte americana Joan Scott (2019, p. 49), uma das primeiras a utilizá-lo como categoria analítica, as feministas utilizaram a palavra gênero “como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos”. Para a autora, a palavra poderia ser considerada uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”, e “seu uso comporta um elenco tanto de posições teóricas quanto de simples referências às relações entre os sexos” (SCOTT, 2019, p. 51).

O termo "gênero" faz a inclusão das mulheres de forma não nominal, sendo uma busca da legitimidade acadêmica para os estudos feministas na década de 80. Scott resume as abordagens das análises de gênero em três posições teóricas:

A primeira, um esforço inteiramente feminista que tenta explicar as origens do patriarcado. A segunda se situa no seio da tradição marxista e procura um compromisso com as críticas feministas. A terceira, fundamentalmente dividida entre pós-estruturalismo francês e teorias anglo-americanas das relações de objeto, inspira-se nas várias escolas de psicanálise para explicar a produção e a reprodução de identidade de gênero do sujeito (SCOTT, 2019, p. 55).

De acordo com Pinheiro (2016, p. 11), gênero é um conceito político criado pelo movimento feminista em sua luta contra desigualdades com o objetivo de demonstrar que “as diferenças físicas entre mulheres e homens não geram a desigualdade verificada, mas, ao contrário, são usadas para naturalizá-la”.

Com a definição do conceito de gênero delimitada, uma série de estudos feministas foram produzidos nas duas últimas décadas, no âmbito das ciências sociais. De acordo com Sorj (2019, p. 99), eles “produziram uma considerável reavaliação das explicações correntes da vida social, apoiadas na experiência das mulheres e na crítica às teorias sociais”.

A própria autora questiona, no entanto, a identidade coletiva das mulheres, sem considerar as diferentes culturas, comunidades e sociedades:

Se uma das grandes originalidades do movimento feminista pós-1960, foi a de insistir na existência de uma nova identidade coletiva e forçar sua legitimação política, o movimento nunca logrou unir as mulheres em um único discurso ou promover uma única identidade coletiva. [...] Reconhecer essas múltiplas identidades que coexistem no universo da subjetividade e da política implicaria a relativização do peso conferido ao gênero na explicação da constituição dos sujeitos (SORJ, 2019, p. 101).

Este discurso universalista, que considerava a mulher como sujeito unificado, passou a ser objeto de crítica, por considerar que a “ideia de um sujeito universal – que torna gerais características particulares dos grupos dominantes – construía, na verdade, uma categoria opressora e normativa, tornando os grupos dominados ausentes ou invisíveis” (PINHEIRO, 2016, p. 15). Enquanto as mulheres brancas, heterossexuais e de classe média tinham monopolizado as demandas na fase universalista, nesta fase destacam-se outros grupos dentro do movimento feminista, como os de mulheres negras, latino-americanas, do terceiro mundo, das ex-colônias e lésbicas (PINHEIRO, 2016, p. 13).

Desde o período colonial, a mulher negra sofre opressões que a colocam como subalterna em relação à mulher branca. Como pontua Beatriz Nascimento (2019, p. 260) “contrariamente à mulher branca, sua correspondente no outro polo, a mulher negra é considerada uma mulher essencialmente produtora, papel semelhante ao homem negro, isto é, desempenha um papel ativo”.

Sueli Carneiro (2011a) ressalta que o discurso clássico de opressão da mulher não considera as diferenças qualitativas da opressão sofrida pela mulher negra, além de sua história diferenciada, e as consequências que têm em sua identidade.

[...] poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão (CARNEIRO, 2011a).

O racismo articulado ao sexismo, segundo Lélia Gonzalez (2019, p. 238) “produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular”. Carneiro reafirma este pensamento ao constatar que a articulação do racismo com às questões mais amplas das mulheres é histórica, “uma vez que a variável racial produziu gêneros subalternizados”:

Por isso, para as mulheres negras atingirem os mesmos níveis de desigualdades existentes entre homens e mulheres brancas significaria experimentar uma extraordinária mobilidade social, uma vez que os homens negros, na maioria dos indicadores sociais, encontram-se abaixo das mulheres brancas (CARNEIRO, 2019, p. 274).

Carneiro (2011b, p. 90), demonstra a existência no Brasil de um contrato racial, tido por ela como “[...] um acordo de exclusão e/ou subalternização dos negros, no qual o epistemicídio cumpre função estratégica em conexão com a tecnologia do biopoder”, contexto que nega a capacidade dos povos não brancos de produzir saber.

Beatriz Nascimento (2019, p. 260) reforça que a mulher negra ocupa “os mesmos espaços e papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. Dessa maneira, a “herança escravocrata” sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra”.

De acordo com Sueli Carneiro (2019, p. 272), o movimento feminista brasileiro se recusava a reconhecer a existência de uma dimensão racial na temática de gênero, desconsiderando os privilégios e desvantagens entre as mulheres. Para a autora, apesar da luta feminista ter alcançado conquistas memoráveis, assim como outros movimentos progressistas da sociedade brasileira, o movimento também esteve “prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres”.

A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. [...] Enegrecendo o feminismo é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construído em sociedades multirraciais e pluriculturais. Com essas iniciativas, pôde-se compor uma agenda específica que combateu,

simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero [...] (CARNEIRO, 2019, p. 273).

A invisibilidade da raça na maioria dos estudos feministas latino-americanos foi criticada também por Lélia Gonzalez, constituindo-se num problema teórico e político (1988, p. 135). Gonzalez (2019, p. 224) afirma que o duplo fenômeno do racismo e do sexismo “se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular”. Neste sentido, a autora aciona as noções de consciência e de memória:

Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. [...] Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadadas do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar esse jogo aí, das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere à gente, à crioulada, a gente saca que a consciência faz tudo prá nossa história ser esquecida, tirada de cena. E apela prá tudo nesse sentido. Só que isso ta aí... e fala (GONZALEZ, 2019, p. 241).

Carneiro (2019, p. 274) argumenta que a diversificação introduzida no feminismo pela ótica de grupos subalternizados é resultado de um processo dialético: “de um lado, promove a afirmação das mulheres em geral como novos sujeitos políticos; de outro, exige o reconhecimento da diversidade e desigualdades existentes entre essas mesmas mulheres”.

A participação ativa das mulheres negras no movimento feminista e a introdução dessas questões raciais na esfera pública contribuem para a ampliação “dos sentidos de democracia, igualdade e justiça social, noções sobre as quais gênero e raça impõem-se como parâmetros inegociáveis para a construção de um novo mundo”. Carneiro (2019, p. 287) enfatiza que os efeitos do racismo e sexismo são tão brutais que foram capazes de impulsionar as mulheres negras na luta por recobrir as perdas de séculos de dominação.

O eferescente protagonismo das mulheres negras, orientado, num primeiro momento, pelo desejo de liberdade, pelo resgate de humanidade negada pela escravidão e, num segundo momento, pontuado pelas emergências das organizações das mulheres negras e articulações nacionais de mulheres negras, vem desenhando novos cenários e perspectivas para as mulheres negras e recobrando perdas históricas. [...] Sumariamente, podemos afirmar que o protagonismo político das mulheres negras tem se constituído em força

motriz para determinar as mudanças nas concepções e o reposicionamento político feminista no Brasil (CARNEIRO, 2019, p. 287).

É neste contexto, ao final dos anos 80, que o feminismo negro ganha força e surge um conceito de extrema importância para a compreensão das múltiplas opressões que perpassam a construção da identidade das mulheres negras – a interseccionalidade. Akotirene destaca que interseccionalidade é um conceito elaborado pela teórica feminista negra norte-americana, Kimberlé Crenshaw, que reconhece que os aparatos coloniais imbricam “racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe” (AKOTIRENE, 2019, p. 19).

De acordo com Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade é, simultaneamente, a maneira sensível de pensar a identidade e sua relação com o poder, não sendo exclusiva para mulheres negras, mesmo porque as mulheres não-negras devem pensar de modo articulado suas experiências identitárias. Ademais, transsexuais, travestis e queers estão incorporadas na perspectiva da autora (AKOTIRENE, 2019, p. 118).

Nos estudos de interseccionalidade desenvolvidos pelas feministas negras brasileiras, os fatores de opressão passaram a ser considerados como impulso teórico e como um importante conhecimento de uma realidade social complexa dentro do cenário nacional, amparadas pelas reflexões de Kimberlé Crenshaw:

[...] a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro (AKOTIRENE, 2019, p. 19).

Ao politizar as desigualdades de gênero, segundo Carneiro (2019, p. 273), o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Para a autora, essa condição permite que os sujeitos tenham olhares diversos a partir do local que estão inseridos, fazendo com que outros processos particulares sejam desencadeados na luta de cada grupo particular.

Ou seja, grupos indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, na essência, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso. Essas óticas particulares vêm exigindo, paulatinamente, práticas igualmente diversas que ampliem a concepção e o protagonismo feminista na sociedade brasileira, salvaguardando as especificidades. Isso é o que determina o fato

de o combate ao racismo ser uma prioridade política para mulheres negras [...] (CARNEIRO, 2019, p. 273).

O movimento feminista negro no Brasil, portanto, trouxe destaque para o enfrentamento do racismo dentro do campo do movimento feminista, bem como colocou em debate a suposta democracia racial do país. Nesse contexto, Sueli Carneiro (2019, p. 275) enfatiza que foi essa exclusão, e o fato que a consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial intragênero, que levou as mulheres “a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil”.

O patriarcado é entendido como sistema político e cultural de dominação masculina sobre as mulheres e, no sentido amplo,

[...] é reforçado pela religião e família nuclear que impõem papéis de gênero desde a infância baseados em identidades binárias, informadas pela noção de homem e mulher biológicos, sendo as pessoas cisgêneras aquelas não cabíveis necessariamente nas masculinidades e feminilidades duais hegemônicas. A despeito do gênero atribuído socialmente, pessoas não-cis estão fora da identificação estética, corpórea e morfo-anatômicas instituídas (AKOTIRENE, 2019, p. 118).

O fenômeno da violência contra diversidade sexual e de gênero pode ser compreendido enquanto,

[...] um processo sustentado por crenças de superioridade (heterocentrismo e ciscentrismo), as quais fundamentam práticas de invisibilização e estigmatização que são dessensibilizadas no cotidiano. Essas práticas se transformam, em suas expressões mais radicais, na violência extrema contra lésbicas, gays, bissexuais, pansexuais, assexuais, transexuais, travestis, pessoas transgênero, pessoas intersexo e em não conformidade de gênero. (GASPODINI; JESUS, 2020, p. 13).

Vale destacar que as questões relacionadas à estabilidade do conceito de gênero feminino, biologicamente determinado, começaram a ser questionadas na década de 1980, apoiadas em formulações dos campos da psicanálise e filosofia. “A ‘mulher’ não era mais uma categoria cuja estabilidade” absoluta havia sido convencionalizada “nos discursos feministas dos anos 1960 e 1970 (fundamentalmente centrados na libertação da mulher)”, a teoria *queer* (do inglês: *queer theory*) surgiu de “uma aliança (às vezes incômoda) de teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas” que já estava em curso sobre a formação dos sujeitos (SALIH, 2017, p.19).

Enquanto os estudos de gênero, os estudos gays e lésbicos e a teoria feminista podem ter tomado a existência de “o sujeito” (isto é, o sujeito gay, o sujeito lésbico, a “fêmea”, o sujeito feminino) como um pressuposto, a teoria *queer* empreende uma investigação e uma desconstrução dessas categorias, afirmando a indeterminação e a instabilidade de todas as identidades sexuadas e “genericadas” (SALIH, 2017, p. 20).

Butler (2017, p. 20) alega que “a crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca emancipação”. Assim, tornou-se “impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida”. Butler (2017, p. 47), afirma que “a regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica”.

De forma complementar, na medida em que há uma vida sempre conectada e mesclada com equipamentos eletrônicos, Haraway (2009, p. 37) avança no conceito político de Ciborgue:

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica. Nas tradições da ciência e da política ocidentais (a tradição do capitalismo racista, dominado pelos homens; a tradição do progresso; a tradição da apropriação da natureza como matéria para a produção da cultura; a tradição da reprodução do eu a partir dos reflexos do outro), a relação entre organismo e máquina tem sido uma guerra de fronteiras. As coisas que estão em jogo nessa guerra de fronteiras são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação (HARAWAY, 2009, p. 37).

Haraway (2009, p. 64), numa perspectiva feminista, afirma que “as tecnologias de comunicação e as biotecnologias” são fundamentais no processo de transformação de nossos corpos e impondo “novas relações sociais para as mulheres no mundo todo”.

As tecnologias e os discursos científicos podem ser parcialmente compreendidos como formalizações, isto é, como momentos congelados das fluidas interações sociais que as constituem, mas eles devem ser vistos também como instrumentos para a imposição de significados. A fronteira entre ferramenta e mito, instrumento e conceito, sistemas históricos de relações sociais e anatomias históricas dos corpos possíveis (incluindo objetos de conhecimento) é permeável. Na verdade, o mito e a ferramenta são mutuamente constituídos (HARAWAY, 2009, p. 64).

As trajetórias das mulheres pesquisadas se articulam, então, com o movimento feminista no sentido de compreender que sua inserção ou não na sociedade, conseqüentemente, na cidade, é decorrente de processos e lutas históricas. Neste sentido, o espaço público não é neutro e o planejamento das cidades reproduz as estruturas ainda vigentes de poder e de opressão. O fato de ser mulher implica um determinado tipo de comportamento no espaço público, como por exemplo o uso do transporte público.

Existem 92 milhões de mulheres adultas no Brasil, e elas são maioria no uso do transporte público. Também usam o serviço mais vezes, já que muitas têm jornadas duplas ou triplas. Elas também convivem diariamente com a insegurança e o medo do assédio sexual, o que muitas vezes faz com que elas escolham trajetos mais longos ou evitem lugares. Esse cenário as priva de um direito básico: usar a cidade (DUBAS; CARVALHO, 2020).

No entanto, a mudança desse quadro não diz respeito somente as mulheres, mas a todas as pessoas que buscam inclusão plena nas cidades e, hoje, por extensão, pessoas que buscam vencer barreiras e preconceitos que são reproduzidos também no ambiente virtual.

No âmbito do feminismo, como manifestação das transformações da cultura, ao manifestar o conceito de espaço, Doreen Massey apresenta “a reflexão em torno de sua posicionalidade como mulher e feminista que lhe possibilitaram a produzir uma imaginação geográfica”, que trouxe avanços conceituais e inspirou outras geógrafas no processo de fazer científico (SILVA; ORNAT; CHIMIN JR, 2017, p. 13).

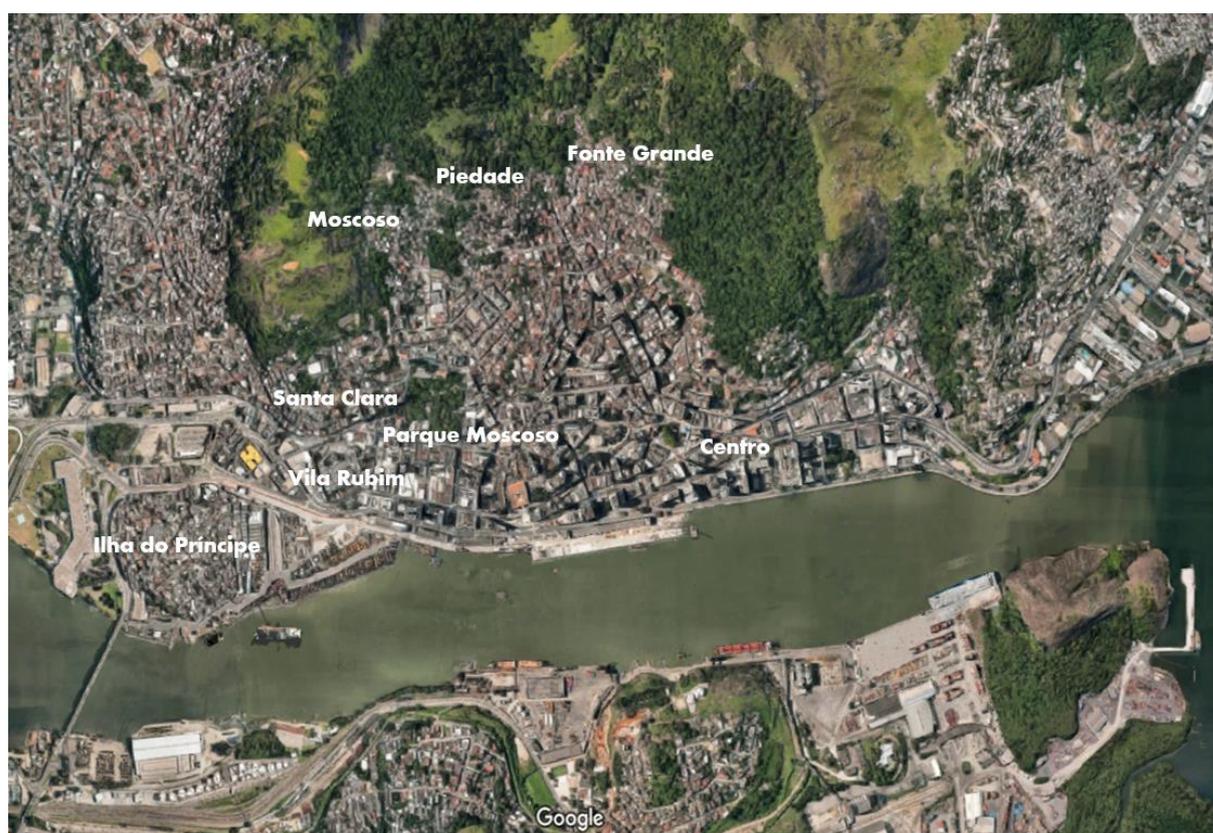
A imaginação espacial, a escrita acadêmica, o arranjo teórico e as tensões da pesquisa são atravessadas também pela presença da pesquisadora, mulher e negra.

2.2. O CENTRO E CINCO MULHERES

O município de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, possui 358.267 habitantes, integrando a Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), composta por mais seis municípios (Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana e Vila Velha) totalizando 1.951.673 habitantes, sendo Vitória o quarto município mais populoso, segundo dados de projeções estatísticas de 2018 (PMV, 2020).

A região Central de Vitória, área onde se iniciou o processo histórico de formação da cidade, compreende um conjunto de bairros situados em áreas de aterro e morros: Centro, Do Moscoso, Fonte Grande, Ilha do Príncipe, Parque Moscoso, Piedade, Santa Clara e Vila Rubim (PMV, 2020), conforme Figura 1. A parte histórica é conhecida como cidade alta e abriga algumas igrejas e o Palácio Anchieta, sede do governo estadual, enquanto a parte baixa concentra as atividades comerciais e de serviços. No entanto, entre as duas, existem os morros que conformam os bairros Fonte Grande, Piedade e Moscoso.

Figura 1 – Bairros da região Central de Vitória



Fonte: Elaborado pela autora baseado em dados da Prefeitura de Municipal de Vitória e *Google Maps*

Renata Hermann (2009, p. 17) afirma, em relação ao contexto do Espírito Santo, que pode ser considerado também para o município de Vitória, que de sua condição original, predominantemente natural, pouco, ou quase nada, pode-se reconhecer.

Transformada pelas técnicas, a natureza se fez uma antropológica paisagem. Uma rugosa paisagem, para ser interpretada com a razão, munida dos dados e fatos objetivos, e nem sempre assertivos, representados pela História; mas, também, para ser percebida com os sentidos, conduzidos pela matéria móvel, instável e sempre em construção da Memória (HERMANNY, 2009, p.17).

No Centro se entrelaçam o direito à memória, a falta de acesso ao saneamento, os imóveis abandonados, o descumprimento da função social da propriedade, a cidade vazia e perigosa para as mulheres, as questões de segurança, a falta de vontade política, a ausência de gestão pública democrática, a demanda por urbanismo reparador, a história registrada nos nomes das ruas, praças e monumentos, o porto em processo de desestatização. Várias camadas históricas que foram sobrepostas, muitas vezes sob a primazia de um olhar de vertente europeia e colonialista. Planos urbanísticos e instrumentos de gestão existem e não são aplicados.

As intervenções elaboradas para instalação de “ponte, estação e porto sustentam a mais ampla remodelação da paisagem antrópica herdada do passado colonial”, conquistadas em nome da “higiene, a beleza, e a fluidez”, representam estruturas “arquitetônicas e urbanísticas” referenciadas na “tradição clássica” e nos traços constantes de “inspiração romântico-culturalista” (HERMANNY, 2009, p. 25).

Quanto ao porto, às margens da baía de Vitória e presença marcante na cidade por sua volumetria horizontalizada dos armazéns, foi instalado nas primeiras décadas do século 20 e, hoje, “na paisagem do século 21, permite guardar referências de ocupações remotas do sítio, dando ao porto distinção histórica, cultural e paisagística de inegável valor patrimonial” (CAMPOS; FIM; SORTE, 2018).

Hermannny (2009, p. 25), destaca que “o caminhar pelas ruas do Centro de Vitória é experimentação de contundente simultaneidade temporal, espacializada em ruas, praças, edifícios da Cidade-Présépio”.

Neste sentido, os nomes dos principais logradouros da cidade não valorizam a memória indígena, com exceção de Araribóia, e a memória negra. No caso da memória negra, creditam a Princesa Isabel, nome de uma avenida, “a libertação dos escravizados, ignorando o protagonismo de negros e negras nos processos que culminaram com o fim do sistema escravocrata”. Situação similar acontece com o Porto de Vitória, “porta de entrada de milhares de escravizados, trazidos do continente africano e de outras partes do Brasil,” que muitos anos depois, “foi ampliado e modernizado pelos descendentes dos cativos que ali desembarcaram” e que,

atualmente, contribuem como trabalhadores para o funcionamento do local (BARBOSA, 2018, p. 77).

O Centro abriga ainda a sede do Governo do Estado, museus, centros culturais e teatros. O declínio comercial atual não é devido somente a existência de outros polos comerciais e de serviços nos bairros, mas o comércio também foi afetado pelo comércio eletrônico, que dispensa a presença física em lojas. Por outro lado, há no Centro um vigor proveniente de ações ligadas ao setor cultural que se expandem aos bares e restaurantes locais, e são essas pessoas que buscam pelas melhorias do local por meio da Associação de Moradores do Centro (AMACentro) ou por ações independentes.

Ao longo dos anos, foram elaboradas algumas propostas de revitalização por parte da administração municipal, inseridas no âmbito da legislação urbana e de Planos Diretores Urbano, relacionadas “à preservação do patrimônio histórico-cultural, ao incentivo à ocupação de edificações para habitação de interesse social e ao fomento à visitação da área” na vertente cultural e turística (FERRAZ, 2019, p. 37). No entanto, um esforço efetivo entre as esferas estadual e municipal, somados à sociedade civil, nunca foi, efetivamente, colocado em prática.

Apoiados nesse consenso, programas e políticas públicas de revitalização urbana passaram a ser desenvolvidos, priorizando a restauração de imóveis identificados como de interesse de preservação e pretendendo dar “nova” vida econômica e social para o bairro, sem preocupação com seus habitantes e frequentadores (FERRAZ, 2019, p. 38).

As políticas públicas de Vitória já foram mais eficientes, articulando intervenção e demarcação de Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), regularização fundiária e desenvolvimento humano.

A Prefeitura Municipal de Vitória – ES (PMV–ES) dispõe de programas habitacionais e de urbanização iniciados há mais de 30 anos. A redução do ritmo desses programas desde 2013 se deve tanto aos cortes orçamentários como à revisão ideológica do enfoque do problema da habitação mediante a integração das Políticas Públicas de desenvolvimento local e humano. Além disso, a demanda específica por habitação tem sido exponencialmente maior do que a capacidade de resposta do governo municipal (MIRANDA; ALMEIDA; MARTINS, 2018, p. 2).

O modelo de transporte metropolitano e o volume intenso do tráfego que é inadequado para o sistema viário (vias arteriais) do Centro de Vitória é um dos fatores que impacta

na redução da apropriação e da vida urbana. No entorno dessas vias, também existem “muitas edificações desocupadas, abandonadas e subutilizadas, o que contribui a sua degradação socioambiental e econômica” (MIRANDA; ALMEIDA; MARTINS, 2018, p. 13).

Desde a década de 80, o Centro de Vitória passa por um processo histórico de declínio econômico e, conseqüentemente, da estrutura física, decorrente de um processo de crescimento e expansão da cidade com ações de deslocamento de atividades comerciais, de serviços e institucionais para a Enseada do Suá, vinculado ao discurso das novas frentes imobiliárias, da ausência de vagas para estacionamento e da insegurança.

O protagonismo histórico do Centro, como sede da capital do Espírito Santo, foi dissolvido com a expansão territorial da Grande Vitória até se tornar um bairro a mais na cidade. Neste bairro, a vida cotidiana permanece sendo estratificada entre os moradores da parte considerada histórica, dotada de infraestrutura, e outra parte que abriga os morros do seu entorno, desprovidos de infraestrutura urbana adequada.

Ferraz (2019, p. 39) alega que os estratos dominantes que versam sobre o esvaziamento do bairro não se preocupam “em conhecer ou priorizar o cotidiano do lugar como mantenedor da diversidade urbana e da atratividade da área, mas isso não significa dizer que as áreas centrais estão esvaziadas ou não possuem tal diversidade”.

Contudo, ainda coexistem na área central elementos da economia formal:

[...] bancos, estabelecimentos financeiros, estabelecimentos ligados ao comércio exterior, diversas instituições públicas (algumas aguardando finalização de novas sedes fora do centro), lojas de departamento, há inclusive atividades identificadas com a economia criativa. Essas atividades são geradoras de fluxos, dispositivos da coexistência dos pobres com as outras classes sociais. Apesar disso, os estabelecimentos de comércio popular formal estão se retirando do centro (MIRANDA; ALMEIDA; MARTINS, 2018, p. 182).

Desde o início da pandemia da Covid-19, em março de 2020, destaca-se que a grave crise sanitária “escancarou a violência social e as desigualdades no país”. No entanto, essa constatação legítima é um sintoma de algumas pessoas aos problemas que não

as afetam diretamente. De fato, “as desigualdades e a violência remontam a muito antes – e já estavam bastante visíveis para quem quisesse ver” (BERTH, 2020b).

Berth (2020a) afirma que um dos grandes problemas na formação das cidades brasileiras são as questões estruturais e históricas que precisam ser superadas e se referem ao direito à cidade.

[...] é a ausência de um olhar específico para questões que deveriam ser centrais, como a questão racial, por exemplo. Não tem como pensarmos que os privilégios que a branquitude foi acumulando ao longo da história não interferiram na configuração das cidades que temos atualmente. Morar se tornou um privilégio por conta das políticas fundiárias que estão sendo empregadas ao longo dos anos, a ocupação das cidades, o lugar onde se pode ou não frequentar, acho que tudo isso deixou de ser considerado e o urbanismo foi trabalhando em cima de uma linha muito tecnicista, sempre pensando de maneira muito focada na academia e não se pensou nas questões sociais que são determinantes de como vai funcionar uma política urbana na prática (BERTH, 2020a).

De acordo com Miranda; Almeida; Martins (2018, pg. 179), Vitória apresenta bons Índices de Desenvolvimento Humano (IDH), “porém, tem mais de metade de seu território urbanizado reconhecido como área de ZEIS”, e “cerca de 1/3 da população de Vitória vive em situação de vulnerabilidade social’, sendo usuária de programas municipais, como o Projeto Terra, um programa formado por ações integradas nas áreas social, fundiária, ambiental e habitacional.

Quanto a área central, o município não cumpre o estabelecido no Plano Diretor Urbano em relação aos instrumentos da política urbana que incentivem à moradia e o repovoamento das áreas vazias ou subutilizadas no Centro para reverter a situação de abandono dos imóveis e de degradação ambiental, apesar do conhecimento da existência de mais de 100 imóveis em situação de abandono ou subutilizados identificados pela Associação de Moradores do Centro (AMACentro), descumprindo a função social da propriedade. Este número é maior do que o número de famílias em situação de déficit habitacional no município de Vitória (MIRANDA; ALMEIDA; MARTINS, 2019, p. 180).

Podemos destacar vários moradores que atuam no Centro para obter melhorias para as questões já citadas. Entre estes, as cinco pessoas que selecionamos para a

pesquisa devido ao histórico de atuação comunitária, em especial, durante a pandemia (Quadro 1):

Quadro 1 – Participantes da pesquisa



Juliana Lisboa (@julisboa): é designer, co-fundadora do espaço empreendedor OPARQUE, plataforma cultural que foi desativada em 2015, e co-fundadora do Cidade Quintal, escritório de projetos de práticas e narrativas urbanas.

Fonte: *Instagram*, outubro 2020



Rozilene de Sá
(*@rozilenedesa*)
: bacharel em
Direito,
Psicopedagoga
e também
ativista cultural,
ligada ao
Grêmio
Recreativo
Escola de
Samba Unidos
da Piedade e à
Associação de
Moradores do
Centro
(AMACentro);

Fonte: *Instagram*, outubro 2020



Stael Magesck
([@staelmagesc](#))
: artista
multimídia e
produtora
cultural, foi
candidata a
vereadora de
Vitória pelo
Partido
Socialista
Brasileiro (PSB).
Mantém, há
doze anos, por
iniciativa
própria, o
Centro Artístico
Stael Magesck;

Fonte: *Instagram*, outubro 2020



Crislayne Zeferina
(@zeferinacris):
Pedagoga e presidente do Fórum Estadual de Juventude Negra do Espírito Santo (Fejunes). Zeferina, apesar de não residir no Centro, atua no Território do Bem em ações que são consideradas referência na Grande Vitória.

Fonte: *Instagram*, outubro 2020



Fonte: *Instagram*, outubro 2020

Déborah Sabará
(*@deborahsabara*): presidente da Associação Grupo Orgulho, Liberdade e Dignidade (GOLD), organização da sociedade civil com atuação estadual na área de Direitos Humanos, cuja sede fica no Centro. A GOLD integra a diretoria da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transsexuais (ABGLT);

Nesta pesquisa, mapeamos as redes formadas durante a pandemia por essas cinco mulheres e suas atividades de encontros e debates promovidas e divulgadas por meio do *Instagram*, além de tentar compreender as narrativas, os pontos em comum e as diferenças de atuação. Interessa-nos, observar como os debates/*lives* ampliaram as lutas, no sentido de hibridizar espaço físico e ciberespaço na ampliação das reivindicações.

Inicialmente, observamos que as cinco pessoas pesquisadas participaram de 111 eventos (Quadro 2), que foram promovidos por elas mesmas ou foram convites recebidos para debater sobre temas diversos com outras pessoas, cujas informações encontram-se nas tabelas e planilhas do *Google*, que serão apresentadas nas Figuras 2 e 3.

O quadro a seguir apresenta a data do primeiro evento de cada pessoa pesquisada, na primeira quinzena do mês de abril, após o decreto do Governo do Estado do Espírito Santo sobre a pandemia. Apresenta ainda o total de eventos apurados e os principais temas.

Quadro 2 – Síntese dos Eventos

Nome	Total de eventos	Data do 1º evento	Temas
Crislayne Zeferina	26	11/04/2020	Cotidiano das mulheres e pandemia; pandemia e poder público, coletivos periféricos, impacto da Covid-19 nas favelas e na população negra;
Déborah Sabará	22	16/04/2020	Coronavírus e LGTBTQI+, Diversidade LGBT e visibilidade trans, vulnerabilidades sociais LGBT e pandemia, juventude e preconceito;
Juliana Lisboa	13	22/05/2020	Narrativas urbanas, design, arte e tecnologia, co-criação de futuros;
Rozilene de Sá	23	16/04/2020	Universo feminino no samba, cultura e pandemia, dia da mulher negra latino-americana, sistema prisional, segurança pública.
Stael Magesck	27	03/04/2020	Espaços culturais e pandemia, direito à moradia, centro histórico, arte e educação, arte e pandemia, corpo e arte;
Total	111		

Fonte: Elaboração própria, baseada em dados de levantamentos do *Instagram*, entre março e outubro de 2020

Quanto aos temas dos eventos, observamos uma preocupação com questões específicas da pandemia, como as ações de enfrentamento do poder público à Covid-19, o cotidiano das mulheres periféricas, a suspensão dos encontros e atividades ligados à cultura, a insegurança, entre outros. Vale destacar que várias *lives* não existem mais porque foram somente transmitidas ao vivo e não foram gravadas, o que vai demandar a colaboração das pessoas pesquisadas para obtenção de relatos complementares das *lives*, sobre o que efetivamente é significativo para elas no conjunto dos eventos.

A pandemia desnudou aspectos históricos referentes à segregação urbana, como a baixa disponibilidade de acesso ao saneamento, à saúde, à educação e ao lazer, entre outros, por uma grande parcela da população. Joice Berth afirma que em 2020 ocorreu o “encontro de dois vírus: o da Covid-19 e o da negligência do poder público”, sendo a mobilização de comunidades resultado do abandono político (BERTH, 2020a).

A pandemia destacou um cenário já conhecido: a mobilização popular surge com força nas periferias para suprir demandas não atendidas pelo poder público, mas esse cenário não é o ideal e deve haver cuidado para não romantizá-lo. Uma saída para valorizar essa atuação e gerar mudança, defende a arquiteta urbanista, é uma maior participação de pessoas com experiência de articulação nesses territórios nos espaços de decisão das políticas urbanas (BERTH, 2020a).

Em dezembro de 2020, realizamos um questionário individual com as participantes da pesquisa por meio do *Google Forms*, aplicativo de gerenciamento de pesquisas do *Google*, que permite respostas pelo celular. As participantes tiveram acesso às tabelas de dados de *lives* de cada uma delas e também aos mapas produzidos por meio do *Google My Maps*, que interliga ponto a ponto as pessoas citadas nas planilhas.

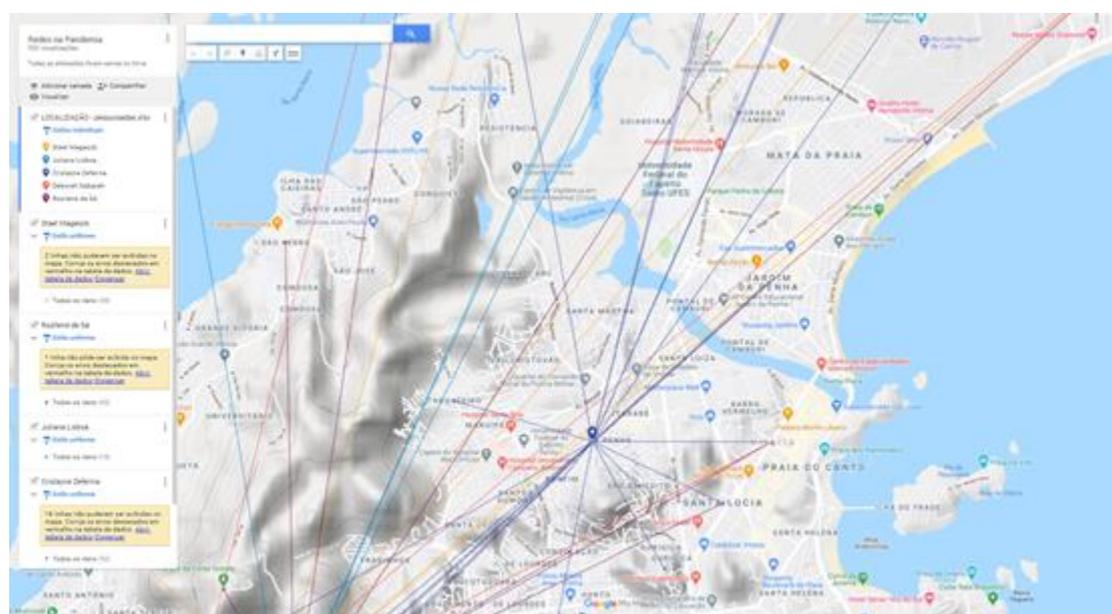
As figuras 2 e 3 exemplificam o padrão de planilha e de mapa produzidos.

Figura 2 – Exemplo de planilha de dados das *lives*

ENCONTRO N°	PESSOA	PROFISSÃO	USUÁRIO	DATA	LOCALIZAÇÃO
1	Jefinho Faraó	MC	jefinhofaraoficial	11 DE ABRIL	Bonfim, Vitória - ES
2	Camila Valadão	Candidata a vereadora de Vitória	camilavaladaopsol	17 DE ABRIL	
2	Carlos Silva	Estudante, membro do Coletivo Beco	_carlos_silva	18 DE ABRIL	Tabuazeiro, Vitória ES
3	Ingrid Farias	Articuladora Política	iingridfarias	28 DE ABRIL	Brasília Teimosa, Recife - PE
4	Jesus dos Santos	Candidato a Deputado	fala.jesus	29 DE ABRIL	
5	Juarez Xavier	Professor da UNESP		30 DE ABRIL	São Paulo
6	André Carvalho	Estudante de Ciências Sociais Ufes	acarvalhobr	30 DE ABRIL	Maria Ortiz, Vitória
7	André Constantine	Babilônia Utópia - RJ	andre.constantine.3	1 DE MAIO	
8	Ana Karla Pereira	Candidata a vereadora do Recife Secretária da Federação Nacional das Tabaladoras Domésticas	karlarecife	5 DE MAIO	Recife
9	Creuza Maria Oliveira	Arquiteta Urbanista e candidata	creuzamariaoliveira	6 DE MAIO	Bahia
10	Tainá de Paula	Arquiteta Urbanista e candidata	tainadepaularj	11 DE MAIO	Rio de Janeiro
11	Luará Monteiro	Artista plástica e articuladora cultural	lualamonteiro	19 DE MAIO	Centro, Vitória-ES
11	Tiago Uliana	Produtor Cultural	tiago.uf	19 DE MAIO	Riviera da Barra
12	Viviana Corrêa		vivianacorr	20 DE MAIO	
12	Daniellen Brandão			20 DE MAIO	
12	Erineusa da Silva			20 DE MAIO	
13	Roberto Martins	Professor e candidato a Vereador de Vitória	professorrobertomartins	18 DE MAIO	Santa Lúcia, Vitória - ES
14	Isabella Mamedi	movimento estudantil e militante	isamamedi	20 DE MAIO	Vitória - ES
15	Miguel Intra	Candidato a Vereador de Vitória	miguelintra	29 DE MAIO	Jardim da Penha, Vitória - ES
16	Jean de Deus	Engenheiro Civil	jean_god	4 DE JUNHO	
17	João Victor dos Santos	Cientista político na CPC	vipens	26 DE JUNHO	Vitória- ES
17	Thiago Prado		thiagonprado	26 DE JUNHO	
18	Beatriz Bento	mãe e autônoma		9 DE JULHO	Consolação
19	Sthéfanie da Penha Silva	Assistente Social		16 DE JULHO	Serra
20	Simony Nobre		simony.n.silva	23 DE JULHO	Jaburu, Vitória, ES
20	Fátima Rodrigues			23 DE JULHO	Bairro da Penha, Vitória, ES
21	Deborah Sabará	Coordenadora da associação GOLD	deborahsabara	16 DE JULHO	Nova Carapina II, Serra - ES
21	Eliana Kuster	Arquiteta Urbanista e Professora	elianakuster	16 DE JULHO	
21	Julia Meneghel	Arquiteta e Urbanista	juliapela	16 DE JULHO	Vitória - ES
22	Vitor Burgo	Professor e candidato a Vereador de Vitória	vtorburgo	17 DE JULHO	Centro, Vitória - ES
23	Maurício Prates	Colunista	mauricioprates15	18 DE AGOSTO	
24	Vinicius Lamego	Defensor público urbanista	viniciuslamegode	20 DE AGOSTO	Vitória - ES
24	Bruna Costa	Idalizadora do Abraço Periférico	eu.brunacosta	20 DE AGOSTO	
24	Lia de Oliveira	Minas da quebrada/Flexal 2		20 DE AGOSTO	
24	Valmir Rodrigues	Líder comunitário do Fórum Bem Maior	valmirrodriguesdantas	20 DE AGOSTO	São Benedito, Vitória - ES
24	Rayelle Maria	Militante do Levante ES	coriscomaria_	20 DE AGOSTO	Carapina
24	Clara Luiza Miranda	Professora Arq e Urb UFES	miranda.clara	20 DE AGOSTO	
25	Luana Negralu	Coordenadora Col. Negro Léila Gonzalez	negralu_nf	7 DE SETEMBRO	Nova Friburgo
26	Henrique Chaves	Pesquisador e Mestre em Sociologia		7 DE OUTUBRO	
26	Yasmin Boni Rodrigues	Coletivo Pedalante	yasbrodrigues	7 DE OUTUBRO	Vitória - ES
26	Marina Dalcolmo da Silva	Defensora pública	marinadalcolmo	7 DE OUTUBRO	

Fonte: Levantamento realizado pela autora, em consulta aos dados do *Instagram*

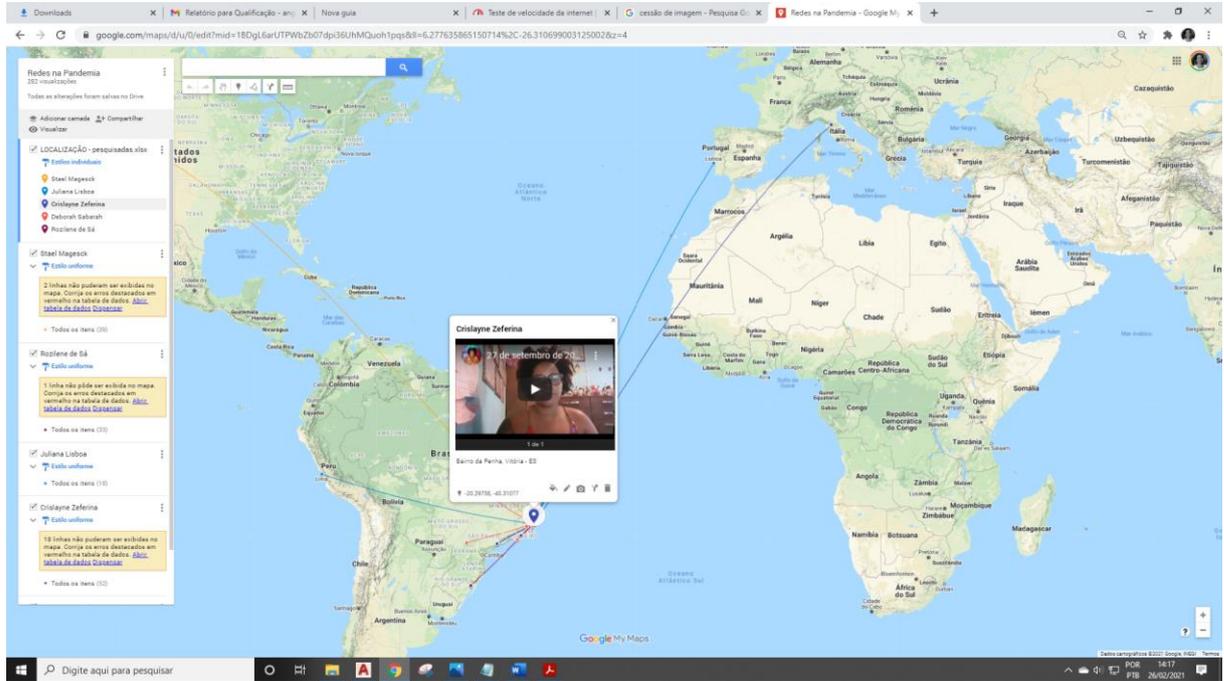
Figura 3 – Exemplo de mapa elaborado com *Google My Maps*



Fonte: Elaborado pela autora baseado em dados do *Instagram*

Na sequência, apresentamos exemplos de mapas e planilhas referentes a cada pessoa pesquisada (figuras 4 a 8).

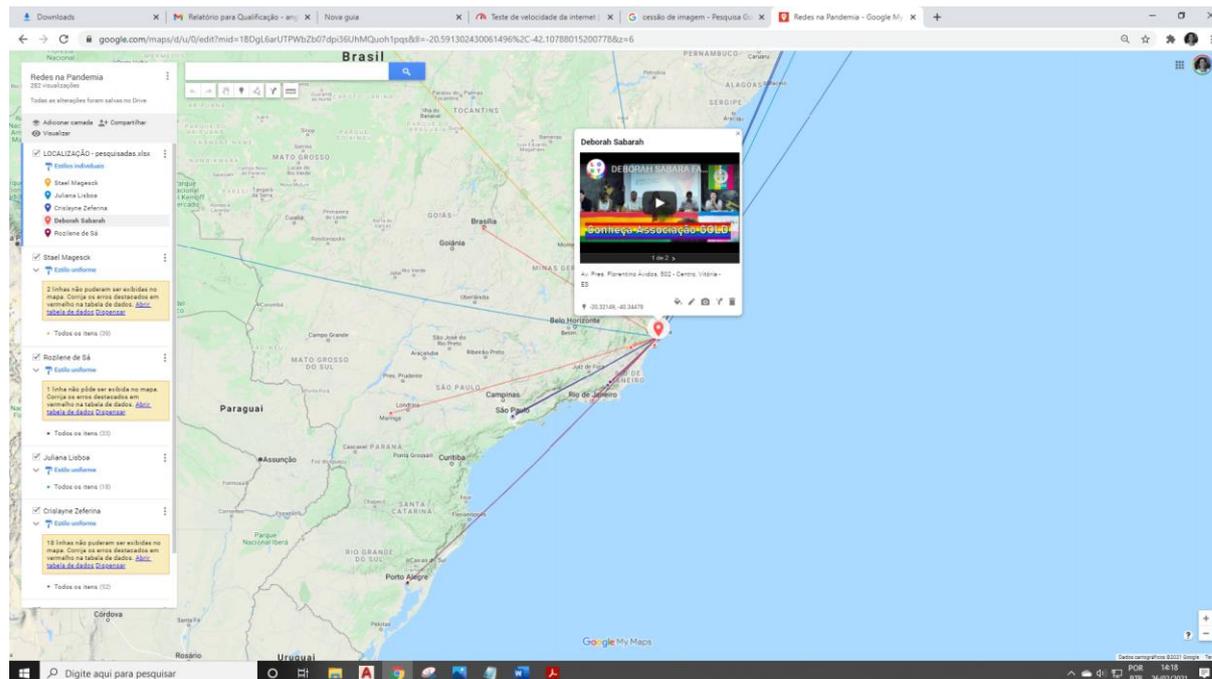
Figura 4 – Exemplo de mapa elaborado com *Google My Maps* com contatos de **Crislayne Zeferina**



	A	B	C	D	E	F	G	H	I
10	7	André Constantine	Babilônia Utopia - RJ	andre.constantine.3	1 DE MAIO		Autonomia e organização das favelas em tempos de Co	promoveu	Instagram
11	8	Ana Karla Pereira	Candidata a vereadora do Recife Secretária da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas	kariarecife	5 DE MAIO	Recife	Pessoas negras e o fim do isolamento social	promoveu	Instagram
12	9	Creuza Maria Oliveira	Arquiteta Urbanista e candidata	creuzamariaoliveira	6 DE MAIO	Bahia	A luta das trabalhadoras domésticas em tempos de Co	promoveu	
13	10	Tainá de Paula	Artista plástica e articuladora cultura	tainadedepaula	11 DE MAIO	Rio de Janeiro	Habitação e relações étnico-raciais em tempo de pand	promoveu	
14	11	Luara Monteiro	Produtor Cultural	lualuamonteiro	19 DE MAIO	Centro, Vitória-ES	O futuro só pode ser coletivo	participou	
15	11	Tiago Uliana		tiago.u	19 DE MAIO	Riviera da Barra	O futuro só pode ser coletivo	participou	
16	12	Viviana Corrêa		vivianacorrea	20 DE MAIO		O cotidiano das mulheres em tempos de Pandemia.	participou	webex
17	12	Daniellen Brandão			20 DE MAIO		O cotidiano das mulheres em tempos de Pandemia.	participou	webex
18	12	Erineusa da Silva			20 DE MAIO		O cotidiano das mulheres em tempos de Pandemia. O protagonismo das ações comunitárias de enfrentamento	participou	webex
19	13	Roberto Martins	Professor e candidato a Vereador de V	professorrobertomartins	18 DE MAIO	Santa Lúcia, Vitória - ES	à pandemia frente à inoperância do poder público		
20	14	Isabella Mamede	movimento estudantil e militante	isamamede	20 DE MAIO	Vitória - ES	Vulnerabilidade e políticas sociais em tempos de pandemia		
21	15	Miguel Intra	Candidato a Vereador de Vitória	miguelintra	29 DE MAIO	Jardim da Penha, Vitória - ES	A auto organização popular no combate do corona vírus	participou	
22	16	Jean de Deus	Engenheiro Civil	jean_god	4 DE JUNHO		Ações na luta dos coletivos periféricos	participou	Instagram
23	17	João Victor dos Santos	Cientista político na CPC	vipens	26 DE JUNHO	Vitória- ES	Pandemia: Impactos nas favelas e nas populações neg	participou	
24	17	Thiago Prado		thiagonprado	26 DE JUNHO		Pandemia: Impactos nas favelas e nas populações neg	participou	
25	18	Beatriz Bento	mãe e autônoma		9 DE JULHO	Consoiação	Enfrentando o covid19 e o abismo social	participou	facebook/Insta
26	19	Stéfanie da Penha Silva	Assistente Social		16 DE JULHO	Serra	As vertentes do racismo em território periférico		
27	20	Simony Nobre		simony.n.silva	23 DE JULHO	Jaburu, Vitória, ES	Vendendo amor em tempos de pandemia		
28	20	Fatima Rodrigues			23 DE JULHO	Bairro da Penha, Vitória, ES	Vendendo amor em tempos de pandemia		
29	21	Deborah Sabará	Coordenadora da associação GOLD	deborahsabara	16 DE JULHO	Nova Carapina II, Serra - ES	Corpo-cidade	participou	zoom
30	21	Eliana Kuster	Arquiteta Urbanista e Professora	elianakuster	16 DE JULHO		Corpo-cidade	participou	zoom
31	21	Julia Meneghel	Arquiteta e Urbanista	juliapela	16 DE JULHO	Vitória - ES	Corpo-cidade	participou	zoom
32	22	Vitor Burgo	Professor e candidato a Vereador de V	vitorburgo	17 DE JULHO	Centro, Vitória - ES	Respostas populares para problemas institucionais	participou	Instagram
33	23	Maurício Prates	Colunista	mauricioprates15	18 DE AGOSTO		Ações nas comunidades em tempos de Covid19	participou	Instagram
34	24	Vinicius Lamego	Defensor público urbanista	viniciuslamego	20 DE AGOSTO	Vitória - ES	O enfrentamento ao Covid nas periferias capixabas	participou	youtube
35	24	Bruna Costa	Idalizador da Abraço Periférico	eu.brunacosta	20 DE AGOSTO		O enfrentamento ao Covid nas periferias capixabas	participou	youtube
36	24	Lia de Oliveira	Minas da quebrada/Flexal 2		20 DE AGOSTO		O enfrentamento ao Covid nas periferias capixabas	participou	youtube
37	24	Valmir Rodrigues	Líder comunitário do Fórum Bem Maic	valmirrodriguesdanta	20 DE AGOSTO	São Benedito, Vitória - ES	O enfrentamento ao Covid nas periferias capixabas	participou	youtube
38	24	Rayelle Maria	Militante do Levante ES	coriscomaria_	20 DE AGOSTO	Carapina	O enfrentamento ao Covid nas periferias capixabas	participou	youtube
39	24	Clara Luiza Miranda	Professora Arq e Urb UFES	miranda.clara	20 DE AGOSTO		O enfrentamento ao Covid nas periferias capixabas	participou	youtube
40	25	Luana Negralu	Coordenadora Col. Negro Lélia Gonzal	negralu_nf	7 DE SETEMBRO	Nova Friburgo	Fake News e perseguição política	participou	youtube
41	26	Henrique Chaves	Pesquisador e Mestre em Sociologia		7 DE OUTUBRO		As experiências e desafios de se locomover na Gd Vitória	participou	zoom
42	26	Yasmin Boni Rodrigues	Coletivo Pedalamente	yasbrodrigues	7 DE OUTUBRO	Vitória - ES	As experiências e desafios de se locomover na Gd Vitória	participou	zoom
43	26	Marina Dalcolmo da Silva	Defensora pública	marinadalcolmo	7 DE OUTUBRO		As experiências e desafios de se locomover na Gd Vitória	participou	zoom

Fonte: Elaborado pela autora baseado em dados do *Instagram*

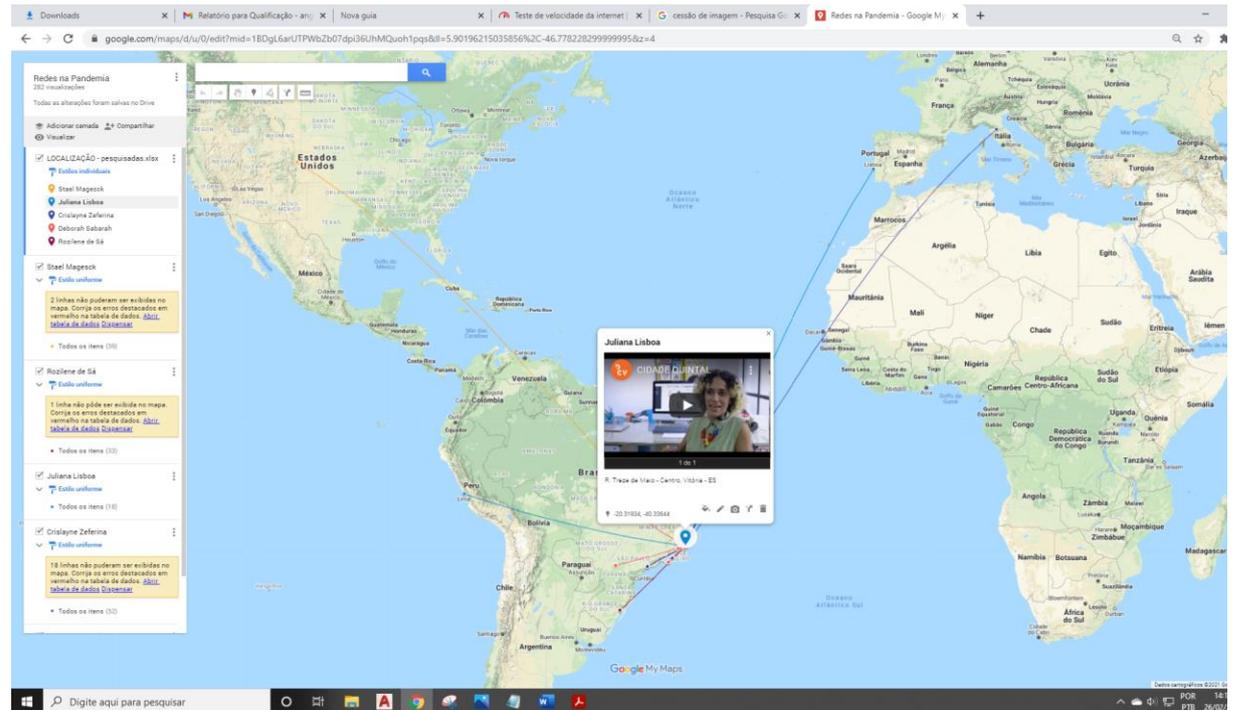
Figura 5 – Exemplo de mapa elaborado com *Google My Maps* com contatos de **Déborah Sabará**



Rede Deborah Sabará								
ENCONTRO Nº	PESSOA	PROFISSÃO	USUÁRIO	DATA	LOCALIZAÇÃO	TEMA	STATUS	VEICULAÇÃO
1	Ethel Maciel	Epidemiologista	ethelmaciel	16 DE ABRIL		Coronavírus e LGBTQI+ - cuidados e prevenção	participo	instagram
4	Luiz Henrique Borges	Infetologista	lhborgesvix	16 DE ABRIL		Coronavírus e LGBTQI+ - cuidados e prevenção	participo	instagram
5	Eder Moreira	Engenheiro	edemoreira7777	16 DE ABRIL	Alegre - ES	Coronavírus e LGBTQI+ - cuidados e prevenção	participo	instagram
6	Wellington Ronildo Clari	Biólogo		4 DE MAIO		Traços genéticos e sociais da comunidade LGBTQI+	participo	instagram
7	Aline de Menezes Bregon	Professora	alinebregonci	4 DE MAIO		Traços genéticos e sociais da comunidade LGBTQI+	participo	instagram
8	Roberta Goroncio	Advogada		19 DE MAIO	Guarapari - ES	Vivência e militância da população LGBTQI+ em tempos de pandemia	participo	instagram
9	Fabiano Contarato	Senador	fabianocontarato	18 DE MAIO		Lutas de Maio	participo	facebook
10	Rogério Giannini	Psicólogo	rgpitacos	18 DE MAIO		Lutas de Maio	participo	facebook
11	Luisa de Marillac	Promotora de Justiça	luisa_de_marillac	18 DE MAIO	Brasília - DF	Lutas de Maio	participo	facebook
12	Jozelma Rodrigues	Militante do JAE	jozelma.r	22 DE MAIO	Guarapari - ES	Diversidade LGBT e visibilidade trans	participo	instagram
13	Eduardo Benigno	Militado ABGLT	carloseduardocostaben	26 DE MAIO		Um bate papo com os afiliados do ABGLT	participo	facebook
14	Fávia Pinto	Socióloga e gestora	maeflavpinto	4 DE JUNHO	Rio de Janeiro	Acolhimento religioso da população LGBTQI+ e pandemia	participo	instagram
15	Julia Pires	Psicóloga	julias.pires	11 DE JUNHO	Guarapari - ES	Situação da população LGBTQI na pandemia	participo	instagram
16	Júlia Del Fiume	Psicóloga	juliadel fiume	12 DE JUNHO		diversidade sexual e identidade de gênero	participo	instagram
17	Marina Franciscaueto	Psicóloga	marinabernabe	24 DE JUNHO	Rua do Vintém, Centro, Vitória - ES	impactos da covid19 na população LGBTQI+	participo	webex
18	Alexandro Rodrigues	Professor UFES	alexandro.rodrigues.90	24 DE JUNHO		impactos da covid19 na população LGBTQI+	participo	webex
19	Carlos Eduardo de Mello			24 DE JUNHO		impactos da covid19 na população LGBTQI+	participo	webex
20	Barbara Hora	Candidata prefeitura Guarapari	13barbarahora	24 DE JUNHO	Guarapari - ES	A importancia das politicas LGBTQI+	participo	webex
21	Victor Ribeiro	Defensor Público		29 DE JUNHO		Orgulho, respeito e os direitos LGBTQI+	participo	facebook
22	Douglas Admiral	Defensor Público	douglasadmiral	29 DE JUNHO	Vila Velha - ES	Orgulho, respeito e os direitos LGBTQI+	participo	facebook
23	Adriana Shepherd	Assistente Social	drica_shepherd	30 DE JUNHO	Vitória - ES	Transfobia: Entre desafios e superações de violências	participo	instagram
24	Fabricao Noronha	Secretário da Cultura do ES	fabricao noronha	2 DE JULHO	Centro, Vitória - ES	Papo da tarde	participo	instagram
25	Eliane Maio	Psicóloga	eliane.maio	6 DE JULHO	Maringá	Debatendo a LGTBfobia	participo	instagram
26	Harley Henriques	coordenador Fundo Positivo	harleyhenriques	15 DE JULHO	Salvador - BA	Vulnerabilidades sociais LGBT na pandemia	participo	YT e FB
27	Thiago Pinheiro	Psicólogo		15 DE JULHO		Vulnerabilidades sociais LGBT na pandemia	participo	YT e FB
28	Eliana Kuster	Arquiteta Urbanista e Professora	elianakuster	16 DE JULHO		Corpo-cidade	participo	zoom
29	Chica Chiclete	fashion designer e performer	euchicaciclete	31 DE AGOSTO		Império de Fátima e você	participo	Instagram
30	Adriete Jacomini	Conselheira CMJ		1 DE SETEMBRO		Juventude x preconceitos	participo	FB e insta
31	Kenner Terra	Professor	kenner.terra	1 DE SETEMBRO		Juventude x preconceitos	participo	FB e insta
32	Noemi Dandara	Advogada	noemi.dandara	1 DE SETEMBRO	Vila Velha - ES	Juventude x preconceitos	participo	FB e insta
33	Neidy Torrezani	Diretora da SG		23 DE SETEMBRO		Empregabilidade para pessoas trans	participo	webex
34	Haroldo Vidal	Pesquisador sobre Gênero e Sexualidade	haroldovidaljr	28 DE SETEMBRO	Jardim Camburi - ES	Gênero e sexualidade: (Re)existências	participo	Instagram
35	João Paulo Rocha	Colunista e editor da Raça	uniquijoao	26 DE OUTUBRO	Vitória - ES	A democracia e o combate à LGTBfobia	participo	instagram

Fonte: Elaborado pela autora baseado em dados do *Instagram*

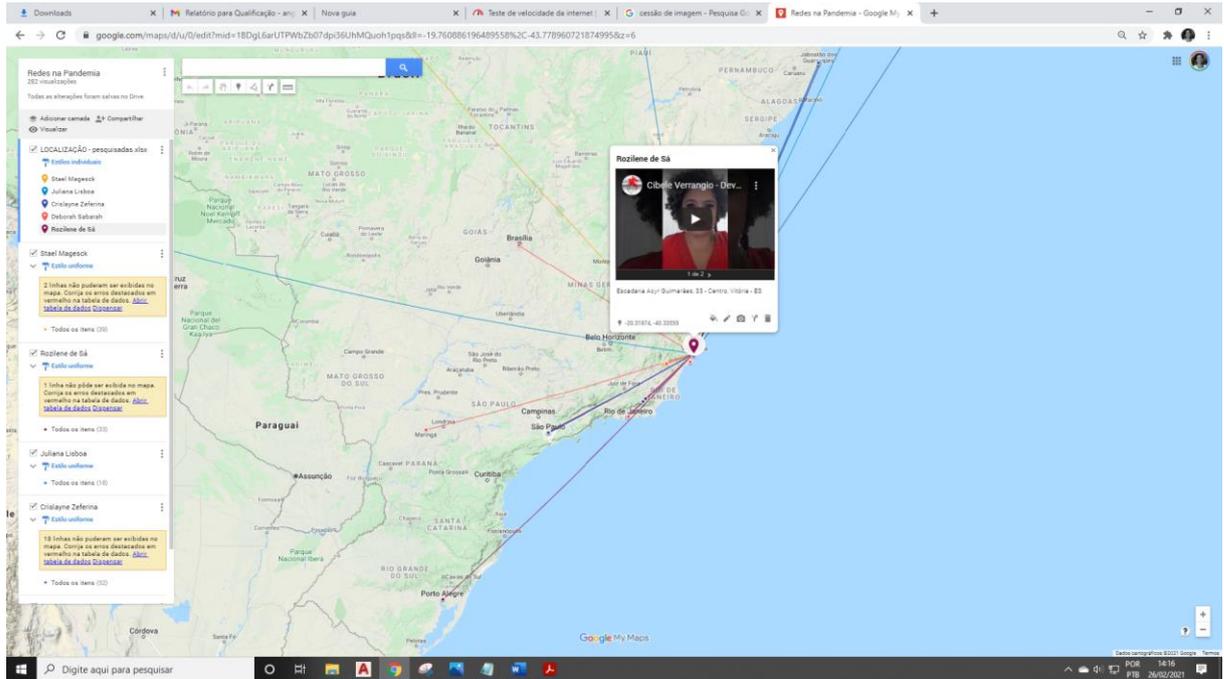
Figura 6 – Exemplo de mapa elaborado com *Google My Maps* com contatos de **Juliana Lisboa**



Rede Juliana Lisboa									
	A	B	C	D	E	F	G	H	I
1									
2	ENCONTRO N°	PESSOA	PROFISSÃO	USUÁRIO	DATA	LOCALIZAÇÃO	TEMA	STATUS	VEICULAÇÃO
3	1	Maria Luiza de Bar	Arquiteta Urbanista / integra o Cidade Q	marialuizabr	22 DE MAIO	Barra Funda - SP	Narrativas urbanas em tempos de Covid	promoveu	WebEx
4	1	Renato Pontello	Arquiteto Urbanista / integra o Cidade Q	renatopontello	22 DE MAIO	Rua Treze de Maio, Centro	Narrativas urbanas em tempos de Covid	promoveu	WebEx
5	2	Edmo Campos	Arquiteto e Artista Visual	edmocampos	27 DE MAIO	Teresina - Piauí	Relações Verdadeiras entre Pessoas e Lugares	promoveu	Instagram
6	3	Fátima Finizola	Designer e pesquisadora da UFPE	fafillete	18 DE JUNHO	Recife - PE	Letras Urbanas	promoveu	youtube
7	3	João Oliveira	Cineasta	joaoopn	18 DE JUNHO	Jardim da Penha, Vitória	Letras Urbanas	promoveu	youtube
8	3	Azucena Del Carm	Professora e Pintora	azuochenad	18 DE JUNHO	Lima - Peru	Letras Urbanas	promoveu	youtube
9	4	Raul Zito	Artista visual e sonoro	zito.raul	20 DE AGOSTO	São Paulo - SP	Lambe-lambe	promoveu	youtube
10	4	Luara Monteiro	Artista plástica e articuladora cultural	lualuamonte	20 DE AGOSTO	Centro, Vitória-ES	Lambe-lambe	promoveu	youtube
11	4	André Lopes	Dono de gráfica e produtor de lambe-lambe	lopesgrafica	20 DE AGOSTO	Olinda - PE	Lambe-lambe	promoveu	youtube
12	5	Stael Magesck	Artista e candidata a Vereadora	staelmagesck	02 DE SETEMBR	Rua Sete de Setembro, Ce	Arte e Tecnologia Ressignificando Territórios	participou	Instagram
13	6	Mario Rosa	Designer - Echos Innovation	mario_rosa	15 DE SETEMBR	Lisboa - PT	Design de serviços na co-criação de futuros des	promoveu	Youtube
14	6	André Taveira	Designer - Fluyd	andretaveira	15 DE SETEMBR	Jardim da Penha, Vitória	Design de serviços na co-criação de futuros des	promoveu	Youtube
15	6	Lucas Aragão	Designer - Chaord	llaragao	15 DE SETEMBR	Jardim da Penha, Vitória	Design de serviços na co-criação de futuros des	promoveu	Youtube
16									
17									
18									
19									
20									
21									
22									
23									

Fonte: Elaborado pela autora baseado em dados do *Instagram*

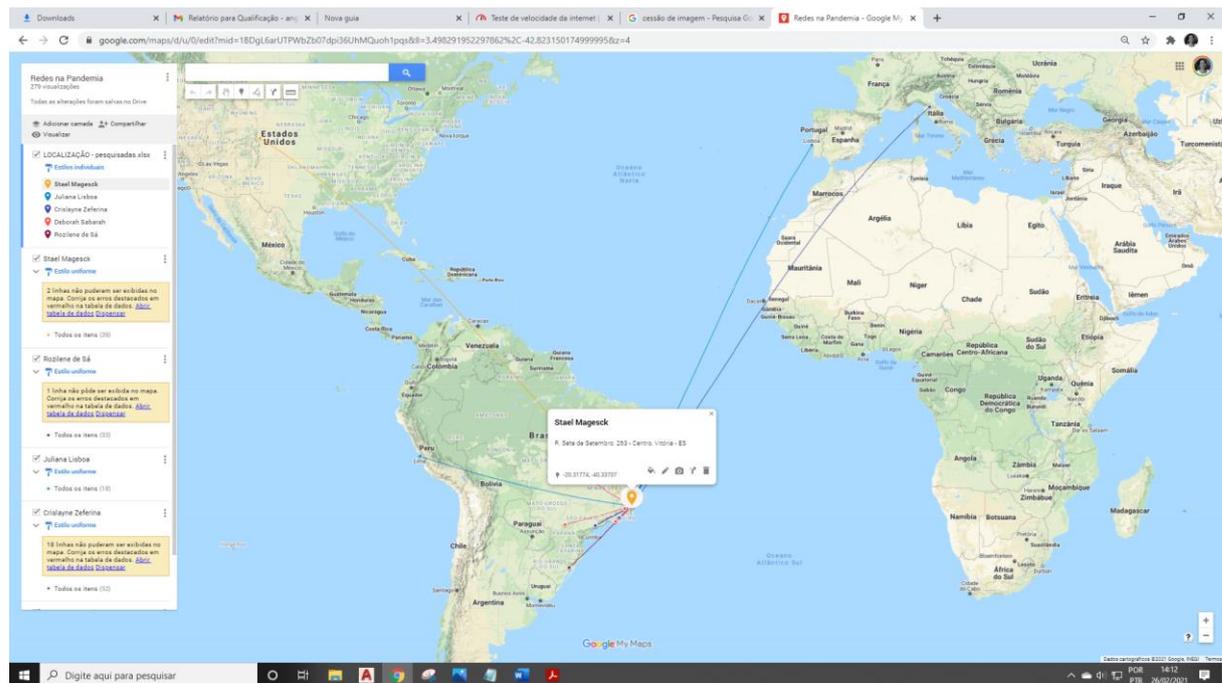
Figura 7 – Exemplo de mapa elaborado com *Google My Maps* com contatos de Rozilene de Sá



	A	B	C	D	E	F	G	H	I
1						Rede Rozilene de Sá			
2	ENCONTRO Nº	PESSOA	PROFISSÃO	USUÁRIO/CONTA	DATA	LOCALIZAÇÃO	TEMA	STATUS	VEÍCULAÇÃO
3	2	Bruna Medeiros	Sambista	abruna_medeiros	16 DE ABRIL	Consolação, Vitória - ES	Mulheres Percussionistas	promoveu	Instagram
4	2	Juliana Barcelos	Ritmista e Percussionista	juliana_barcelos	16 DE ABRIL	Morro da Fonte Grande, Vitória	Mulheres Percussionistas	promoveu	Instagram
5	3	Luciana Silva	Presidente da Escola de Samba Tom	luciana_tommaior	09 DE MAIO	Barra Funda, São Paulo - SP	Universo feminino no mundo do Samba	participo	Site e rádio
6	3	Celia Domingues	Presidente da AMEBRAS	celiardomingues	09 DE MAIO	Morro da Mangueira - RJ	Universo feminino no mundo do Samba	participo	Site e rádio
7	3	Caren Nurimar	Sambista da Mangueira	carennurimar	09 DE MAIO	Porto Alegre - RS	Universo feminino no mundo do Samba	participo	Site e rádio
8	3	Michêlé Volkweis	Compositora de Samba-Enredo	estrelamika	09 DE MAIO	Porto Alegre - RS	Universo feminino no mundo do Samba	participo	Site e rádio
9	3	Monique Rocha	Cantora, Atriz e Produtora	moniquerocha.official	09 DE MAIO	Centro, Vitória - ES	Universo feminino no mundo do Samba	participo	Site e rádio
10	4	Marcos Moreira	Radialista	kakopaxeo	09 DE MAIO	São Paulo - SP	Universo feminino no mundo do Samba	participo	Site e rádio
11	4	Iamara Nascimento	Comentarista Carnaval de Vitória	nascimentoiamara	11 DE MAIO	Centro, Vitória - ES	Universo feminino no mundo do Samba	participo	Facebook
12	5	Juracy Silva	Professor, Mestre em Direito	juracy.official	11 DE MAIO	Serra - ES	Samba	participo	Zoom
13	5	Saint'Clair Nascimento	Professor, Mestre em Direito	saintclairprof	11 DE JUNHO	Serra - ES	Desvendando o Sistema Prisional	promoveu	Zoom
14	6	Roberto Martins	Professor e candidato a Vereador de	professorrobertomartins	22 DE JULHO	Santa Lúcia, Vitória - ES	Desvendando o Sistema Prisional	participo	Zoom
15	6	Ana Paula Rocha	Professora de História	anapaula.rocha50	22 DE JULHO	Santa Lúcia, Vitória - ES	Desvendando o Sistema Prisional	participo	Zoom
16	6	Maria Helena	Estudante de serviço social na UFES	mariahellenam	22 DE JULHO	Jacarajuba, Serra - ES	Desvendando o Sistema Prisional	participo	Zoom
17	6	Nelma Monteiro	Professora	nel22monteiro	22 DE JULHO	São Pedro, Vitória - ES	Desvendando o Sistema Prisional	participo	Zoom
18	6	Pandora da Luz	Ativista e educadora social	pandoradaluz	22 DE JULHO	Barra do Jucu - ES	Desvendando o Sistema Prisional	participo	Zoom
19	7	Marjorie Botelho	Médica Homeopata	marjoriebotelho	24 DE JULHO	Vitória - ES	Desvendando o Sistema Prisional	participo	Zoom
20	8	Henriqueta Sacramento	Psicóloga e Homeopata	henriqueta.teresa	24 DE JULHO	Bom Jardim - Rio de Janeiro	Desvendando o Sistema Prisional	participo	Zoom
21	9	Saulo Ribeiro	Médica Homeopata	sauro_ribeiro_	25 DE JULHO	Jardim Camburi, Vitória - ES	Desvendando o Sistema Prisional	participo	Zoom
22	9	Camilla Beneath	Escritor e Editor	camilla.beneath	06 DE AGOSTO	Centro, Vitória - ES	Desvendando o Sistema Prisional	participo	Zoom
23	9	Stael Magestck	Arquiteta e Urbanista	staelmagestck	06 DE AGOSTO	Centro, Vitória - ES	Desvendando o Sistema Prisional	participo	Zoom
24	10	Gláuber Fonseca	Artista e Produtora Cultural	glauber.fonseca	06 DE AGOSTO	Rua Sete de Setembro, Centro, Vitória - ES	Desvendando o Sistema Prisional	participo	Zoom
25	10	Isaias Santana	Guarda Civil	fonseca.gapp	27 DE AGOSTO	Centro, Vitória - ES	Desvendando o Sistema Prisional	participo	Zoom
26			Candidato a Vereador de Vitória	isaias.santana.rocha	27 DE AGOSTO	Rua Gama Rosa, Centro, Vitória	Desvendando o Sistema Prisional	participo	Zoom
27									
28									

Fonte: Elaborado pela autora baseado em dados do *Instagram*

Figura 8 – Exemplo de mapa elaborado com *Google My Maps* com contatos de **Stael Magesk**



	A	B	C	D	E	F	G	H	I
						Redes Stael Magesk			
1									
2	ENCONTRO	PESSOA	PROFISSÃO	USUÁRIO	DATA	LOCALIZAÇÃO	TEMA	STATUS	VEICULAÇÃO
3	1	Edson Ferreira	Ator e Cineasta	edferreira	3 DE ABRIL	Aurora, Colorado - EUA	Quarentena cultural	participou	Instagram
4	2	Gabriela King	Designer	gabkingdesigner	26 DE ABRIL	Viçosa - ES	"Entre quatro paredes"	participou	Instagram
5	3	Fernando e Tom	Músicos	mpblues_oficial	30 DE ABRIL	Viçosa - ES	"Bebendo Belchior III"	participou	Instagram
6	4	Antônio Vitor	Psicólogo, Professor, Gestor Cultural	antoniovitor	8 DE MAIO	São Diego, Serra - ES	Espaços culturais em tempos de pandemia	participou	Instagram
7	5	Mara Coradello	Redatora publicitária, Escritora	maracoradello	13 DE MAIO	Vila Velha - ES	Arte na Pandemia	participou	Instagram
8	5	Wynny Rocha	artista, professor, pesquisador, produtor cultural	wynny.rocha	13 DE MAIO	R. Quirino Bocaiuva, Centro, Vitória - ES	Arte na Pandemia	participou	Instagram
9	6	Jaqueline Moraes	Vice-Governadora do ES	jaquelinemoraes_es	26 DE MAIO	Viçosa - ES	Web Conferência Estadual de Cultura do ES	participou	Zoom
10	7	Ery Vieira Jr	Escritor, cineasta, pesquisador, professor	eryvieira jr	27 DE MAIO	Jardim da Penha, Vitória - ES	Arte na Pandemia	participou	Instagram
11	8	Ludmila Rogueta	Arte e Produtora Cultural	lul_porto	28 DE MAIO	Viçosa - ES	Histórias de produção	participou	Instagram
12	9	Cláudia Mariel	Artista, Educadora Sexual	claudia_mariel	17 DE JUNHO	Vila Velha - ES	A sexualidade e o corpo como arte	participou	Instagram
13	10	Sergio Majeski	Professor de geografia e Deputado	sergiomajeski	10 DE JUNHO	Centro, Vitória - ES	Eleições 2020 e a importância do poder legislativo municipal	participou	Instagram/facebook
14	11	José Celso Cavaliéri	Diretor, Produtor, Dramaturgo, Ator	josecelso.queirozav	3 DE JULHO	Viçosa - ES	Bate papo, Trajetória artística, ativismo, trabalhos sociais...	participou	Instagram
15	12	Andréia Nascimento	Dra. Professora de Psicologia da UFES	andreasnascimento12	8 DE JULHO	Viçosa - ES	Isolamento Social e Violência Contra a Mulher	participou	Instagram/facebook
16	13	Laysa	Proprietária do Espaço Casa Azul	espaço.casa.azul	3 DE JULHO	Ciudad - ES	O fazer artístico em tempos de pandemia, lei Alda Elano e mais	participou	Instagram
17	14	Winius Lamego	Defensor público urbanista	winiuslamego de	15 DE JULHO	Viçosa - ES	O direito à moradia e o papel da defensoria pública	participou	Instagram
18	15	Saulo Ribeiro	Escritor	_saulo_ribeiro_	22 DE JULHO	Centro, Vitória - ES	O(A) artista enquanto corpo expressão social/artístico/político e os desafios nas relações, espaço físico e territórios da arte na	participou	facebook
19	15	Ana Luiza Brinquente	Diretora do MAES	analuzabrinquente	22 DE JULHO	Vila Velha - ES	O(A) artista enquanto corpo expressão social/artístico/político e os desafios nas relações, espaço físico e territórios da arte na	participou	facebook
20	16	Junior Bola	Professor e Subsecretário de Direitos Humanos	profjuniorbola	22 DE JULHO	Viçosa - ES	A educação e os direitos humanos	participou	Instagram
21	17	Eliandra Fernandes	Assistente Social	eulafernandes	23 DE JULHO	Linhares - ES	A participação feminina na produção agroecológica	participou	Instagram
22	18	Fernando Achiamé	Arquiteto, Historiador, Pesquisador	fernando_achiamé	5 DE AGOSTO	Viçosa - ES	Protagonismo cultural e desenvolvimento da cidade	participou	Instagram
23	19	Camila Benezath	Arquiteta Urbanista	camila.benezath	6 DE AGOSTO	Centro, Vitória - ES	Cultura e Cidade	participou	Zoom
24	19	Rocilene de Sá	Psicopedagoga, Bacharel em Direito, Ativista Cultural	roclenede sa	6 DE AGOSTO	R. Antônio Aguiar, Centro, Vitória - ES	Cultura e Cidade	participou	Zoom
25	20	Neide Lima	Socióloga	neidelimaveste	12 DE AGOSTO	Av Governador Etáico Piresende, Jardim Camburi	Lei maria da penha: proteção e direitos da mulher	participou	Instagram
26	21	Haroldo Vidal	Jornalista e Professor de Rádio e TV	haroldovidaljr	17 DE AGOSTO	Jardim Camburi - ES	O jovem como agente de transformação social	participou	Instagram
27	22	Vanessa D'Amari	Arte educadora, Atiz, Palhaça	vanessadamani	26 DE AGOSTO	Morro da Piedade - Vitória, ES	Arte e educação como ferramentas de transformação social	participou	Instagram/facebook
28	23	Juliana Lisboa	Designer e co-fundadora da Cidade Quintal	julibosas	2 DE SETEMBRO	R. Treze de Maio, Centro, Vitória - ES	Arte e tecnologia ressignificando territórios	participou	Instagram/facebook
29	24	Sergio Sá	engenheiro civil e vice prefeito de Vitória	sergiosaw	3 DE SETEMBRO	Ensada do Suá, Vitória - ES	Viçosa 465 anos: Uma cidade de todos?	participou	Instagram/facebook
30	25	Martha M Campos	Arquiteta Urbanista e Professora	martha.m.campos	15 DE SETEMBRO	Ilha do Boi, Vitória - ES	Centro Histórico de Vitória: Do colonial à metropole	participou	Instagram/facebook
31	26	Lais Garcia	Arte-Educadora	laigarcia88	23 DE SETEMBRO	Viçosa - ES	Quais os caminhos para uma Vitória mais sustentável	participou	Instagram/facebook
32	27	Lara Toledo	Produtora Cultural	laratoledo_	7 DE OUTUBRO	Centro, Vitória - ES	Lei Alda Elano e políticas públicas culturais no pós pandemia	participou	Instagram/facebook
33									
34									

Fonte: Elaborado pela autora baseado em dados do *Instagram*

Na sequência, elaboramos um formulário individual preparatório para a oficina, visando obter informações complementares sobre cada uma das pessoas pesquisadas. Formulamos perguntas gerais (Quadro 3) baseadas nas informações das planilhas, sem a pretensão de ser uma entrevista formal e detalhada, pois informações específicas sobre a atuação das entrevistadas podem ser coletadas na internet. A proposta da oficina era ser um espaço para produção de conteúdo próprio e coletivo, utilizando mapeamento, com destaque para os assuntos de maior interesse de cada uma.

Quadro 3 – Perguntas para entrevistadas

O que as informações sobre suas <i>lives</i> e encontros indicam sobre você e a sua história, antes e durante a pandemia?
As experiências urbanas (e agora as virtuais) ficam inscritas no próprio corpo. O corpo experimenta e vivencia essas novas experiências, que agora são híbridas. Como você se vê dentro dessa rede de relações, pessoas, temas e lugares?
Como tem sido para você “se deslocar” e “parar” em 2020, usando também a tecnologia? O que te moveu e o que te paralisou ao longo do ano? Se quiser, cite um fato marcante do ano para você.
Existem outras redes e/ou pessoas que você considera importante fazer contatos, conhecer e trocar ideias?
Gostaria de indicar alguma referência que você admira muito (pessoas, músicas, filmes, instituição, ONGs, documentários, imagens, obras de artistas, outros)
A rede social <i>Instagram</i> pode incentivar as pessoas a se manifestarem quanto ao desenvolvimento das cidades, com força para influenciar decisões na área pública?
A rede social <i>Instagram</i> reflete e reproduz os comportamentos da sociedade?
Qual a sua relação com a cidade e com os bairros e vizinhança em que mora e trabalha?
Espaço para você comentar, complementar ou sugerir assuntos não abordados aqui e importantes para você

Fonte: Perguntas elaboradas pela autora no formulário *Google Forms*

Apresentamos, sequencialmente, as questões que se destacaram nas respostas e algumas considerações referentes à pesquisa, ordenadas de acordo com a data de retorno ao formulário, em dezembro de 2020: Crislayne Zeferina (dia 18), Déborah Sabará (dia 21), Juliana Lisboa (dia 25), Rozilene de Sá (dia 26) e Stael Magesck (dia 28). As datas são relevantes porque demonstram o comprometimento das mesmas com a pesquisa, apesar das confraternizações pelo encerramento de um ano atípico. Uma parte das respostas dos formulários será comentada a seguir e as respostas também serão apresentadas na íntegra (figuras 9 a 13).

Valorizamos os relatos dos formulários e, quando necessário, complementamos com informações disponíveis no *Instagram*, em entrevistas e artigos de jornais. Vale destacar que a própria escolha das perguntas do *Google Forms* pressupõe interesses da pesquisadora e não pretendem ser neutras. Houve uma escolha baseada nas

observações da listagem de *lives* de cada pessoa e também buscava-se um possível caminho para a oficina.

Crislayne Zeferina, 28 anos, respondeu ao formulário de forma direta e objetiva, demonstrando convicção quanto aos seus dados apresentados em mapas e tabelas. Zeferina, como prefere ser chamada, afirma que as informações apresentadas em mapas e planilhas sobre os eventos que participou indicam que há “luta e perseverança por um mundo mais justo para todxs”. Considera que a pandemia causou um distanciamento corporal ao mantê-la “impossibilitada de curar pelo abraço, afeto e sorriso”, principalmente quando se trata de saúde, um ponto que demonstrou, durante a pandemia, o quanto precisa de investimento. Para ela, os momentos mais marcantes foram “perder meu padrinho e notar as pessoas passando fome nas comunidades sem ajuda do estado e ver a moradia de várias casas precárias e em pleno século XXI sem saneamento básico”.

Zeferina aponta como desafio enfrentado durante a pandemia a tecnologia, visto que não estava adaptada a usar este recurso. Quanto à indicação de novas redes que ainda gostaria de conhecer, não citou e não se lembrava de nenhuma. No entanto, destacou como referências o Coletivo Beco e o Fórum Estadual de Juventude Negra do Espírito Santo (Fejunes).

De modo geral, observa-se que o seu *Instagram* é amplamente utilizado para expor pensamentos e se posicionar no mundo. O Coletivo Beco (*Instagram*: @coletivobeco) é formado por jovens ligados à cultura e ao conhecimento da comunidade do Território do Bem, situado no Bairro da Penha, em Vitória. Com atuação intensa em ações emergenciais durante a pandemia, também está ligado à mobilização e à formação de parcerias para educação popular e comunitária, ações de combate a opressão policial e ações de fortalecimento das mulheres, pelo projeto Conectando Mulheres (COLETIVO BECO, 2021).

O Coletivo Beco destacou-se também em ações de enfrentamento à violência policial no Território do Bem, cujos moradores cobram diálogo com o Governo do Estado, devido ao aumento da opressão policial, como afirma Zeferina (2020), em entrevista.

Já o Fejunes (*Instagram: @fejunes*) tem como missão organizar a Juventude Negra do Estado do Espírito Santo, numa perspectiva “autônoma, quilombola, militante, protagonista, democrática, combativa e de resistência na luta contra o racismo, qualquer forma de opressão e pela emancipação do povo negro”. Durante a pandemia, o coletivo desenvolveu uma série de atividades, voltada para idosos do Território do Bem, além de diversas *lives* sobre a relação Covid-19 e Periferia e “ações ligadas a população LGBTQI+, entre outros” (FEJUNES, 2021).

Zeferina foi selecionada, em 2020, para participar do encontro “Economy of Francesco”, com o Papa Francisco, na Itália, juntamente com outros dois mil jovens, para "apresentar uma nova economia que entenda a orientação sexual de todos e respeite a diversidade". Zeferina (2020) afirma ainda que “ser bissexual é uma tarefa dura em um país homofóbico que normatiza as relações sexuais ditando a heterossexualidade como padrão único”.

Figura 9 – Formulário *google forms* com respostas de **Crislayne Zeferina**

1. O que as informações sobre suas lives e encontros indicam sobre você e a sua história, antes e durante a pandemia?

A luta e perseverança por um mundo mais justo para tdxs.

2.As experiências urbanas (e agora as virtuais) ficam inscritas no próprio corpo. O corpo experimenta e vivencia essas novas experiências, que agora são híbridas. Como você se vê dentro dessa rede de relações, pessoas, temas e lugares?

Impossibilitada de curar pelo abraço, afeto e sorriso.

3. Como tem sido para você “se deslocar” e “parar” em 2020, usando também a tecnologia? O que te moveu e o que te paralisou ao longo do ano? Se quiser, cite um fato mais marcante do ano para você.

Muito complicado, sobretudo pela questão da saúde, que neste momento se demonstrou o quanto precisa-se ser investida . A tecnologia foi um desafio para mim, uma vez que não era adaptado. O mais marcante foi perder meu padrinho e notar as pessoas passando fome nas comunidades sem ajuda do estado e ver a moradia de várias casas precárias e em pleno século XXI sem saneamento básico.

4. Existem outras redes e/ou pessoas que você considera importante fazer contatos, conhecer e trocar ideias?

Não que me lembro.

5. Gostaria de indicar alguma referência que você admira muito (pessoas, músicas, filmes, instituição, ongs, documentários, imagens, obras de artistas, outros)

COLETIVO BECO e FEJUNES

6. A rede social Instagram pode incentivar as pessoas a se manifestarem quanto ao desenvolvimento das cidades, com força para influenciar decisões na área pública?

- Sim
- Não
- Talvez

7. A rede social instagram reflete e reproduz os comportamentos da sociedade?

- Sim
- Não
- Talvez

8. Qual a sua relação com a cidade e com os bairros e vizinhança em que mora e trabalha?

b0A

9. Nome completo

Crislayne Zeferina Pereira

Déborah Sabará, 41 anos, afirma que suas *lives* indicam uma “história de visibilidade e resistência e ajudam a sensibilizar a população CIS a respeito do protagonismo travesti”. Indicam ainda que é possível chegar até locais e populações que eram inacessíveis até então como “professores de escolas prisionais (300 professores), empresas como PicPay e adolescentes de escolas estaduais”.

Por outro lado, mover e se deslocar em 2020 foi afetado por saber que “Bolsonaro é presidente depois de tantas violações de direitos humanos”. Neste sentido, Déborah cita as redes que considera importantes manter contato: a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transsexuais (ABGLT) e as Secretarias de Estado.

Na Associação GOLD (*Instagram: @associacaogold*), cuja sede é em Vitória, no Centro, ela é presidente e coordenadora de projetos na área de Direitos Humanos, que envolvem atuação em ações de enfrentamento à pandemia do coronavírus, com distribuição de alimentos para pessoas LGBTQIA+, ações com população de rua e população carcerária, distribuição de kits de saúde, máscaras, ações de preservação da saúde física e mental das pessoas trans, entre outros. São projetos que envolvem secretarias estaduais, especialmente a Secretaria de Direitos Humanos (SEDH), e o Ministério Público do Trabalho no Espírito Santo, e contam com apoio do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI).

A GOLD é parceira do Fundo Internacional de Emergência para a Infância das Nações Unidas (Unicef). Déborah (2020) afirma que as travestis saem do núcleo familiar muito cedo, devido as agressões verbais e físicas, decorrentes de um processo histórico construído socialmente, sem concluir os estudos, e acabam na prostituição para sobreviver.

Figura 10 – Formulário *google forms* com respostas de **Déborah Sabará**

1. O que as informações sobre suas lives e encontros indicam sobre você e a sua história, antes e durante a pandemia?

História de visibilidade e resistência ajudam a sensibilizar a população CIS a respeito do protagonismo travesti.

09/02/2021 Untitled form - Google Forms

2. As experiências urbanas (e agora as virtuais) ficam inscritas no próprio corpo. O corpo experimenta e vivencia essas novas experiências, que agora são híbridas. Como você se vê dentro dessa rede de relações, pessoas, temas e lugares?

Me vejo atingindo locais e populações que antes eram inacessíveis, como por exemplo: professores de escolas prisionais (300 professores) empresas como PicPay e adolescentes de escolas estaduais.

3. Como tem sido para você “se deslocar” e “parar” em 2020, usando também a tecnologia? O que te moveu e o que te paralisou ao longo do ano? Se quiser, cite um fato mais marcante do ano para você.

Continuar sabendo que Bolsonaro é presidente depois de tantas violações de direitos humanos.

4. Existem outras redes e/ou pessoas que você considera importante fazer contatos, conhecer e trocar ideias?

Outras associações como ANTRA, ABGLT, Secretarias de Estado

5. Gostaria de indicar alguma referência que você admira muito (pessoas, músicas, filmes, instituição, ongs, documentários, imagens, obras de artistas, outros)

Musica: Samba. Filme: Energia Pura. Ongs: Antra, ABGLT. Documentário: Todos sobre a história do Brasil.

6. A rede social Instagram pode incentivar as pessoas a se manifestarem quanto ao desenvolvimento das cidades, com força para influenciar decisões na área pública?

Sim

Não

Talvez

7. A rede social instagram reflete e reproduz os comportamentos da sociedade?

- Sim
- Não
- Talvez

8. Qual a sua relação com a cidade e com os bairros e vizinhança em que mora e trabalha?

Ótima relação, troca de experiências e vida.
.....

9. Nome completo

Déborah Sabará
.....

Perguntas a respeito da minha atuação nos Movimentos Sociais e na Instituição em que atuo.
.....

Submitted 12/21/20, 2:55 PM

Fonte: Formulário *google forms* com perguntas elaborada pela autora.

Juliana Lisboa Santana, 34 anos, mora e trabalha no Centro, é Designer, articuladora cultural, co-criadora do OPARQUE (2008), já encerrada, porém com forte atuação na área do Centro. É co-fundadora da InovaTE e do Cidade Quintal, serviços de Design e Arte Urbana.

Juliana comenta que as informações sobre suas *lives* e mapas demonstram que essas novas conexões “possibilitadas pelas plataformas digitais e pela nova dinâmica da audiência para mim serviram para resgatar laços e relações que se deram em um outro momento, com pessoas de diferentes lugares”, sendo percebido como um “período de maior exposição, produção de conteúdo e de pensamento sobre as minhas práticas”. No entanto, Juliana sente no corpo o cansaço dessa nova dinâmica virtual iniciada junto com a pandemia, em março de 2020, de forma abrupta. “Se por um lado já existe uma adaptação, por outro existe uma exaustão e necessidade de “desplugar” dessa lógica”.

Na dinâmica “corpo-tela-lugar”, Juliana destaca a continuidade da sua participação como aluna em aulas de flamenco, que pratica desde 2017, pelo meio virtual.

Minha sala de casa foi adaptada para conter um computador plugado de forma visível assumindo o papel do espelho e da professora como referência espacial para a execução dos movimentos. Comandos vindos da professora como “execute tal movimento diagonal do canto esquerdo da sala em direção a sua tela” se tornaram comuns. Foi uma experiência muito diferente, principalmente pela falta da referência dos outros corpos no mesmo espaço, o que afeta muito a prática corporal.

Outra situação de destaque para a Juliana foi o desenvolvimento de uma mentoria para 14 pequenos empreendedores, incluindo mercearias, bares e lojas, de cinco bairros do Território do Bem. Realizado em conjunto com um grupo de estudantes voluntários de Design da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) por meio de vídeo-chamadas do *Whatsapp*, sendo uma “experiência que se concretizou em entregas pertinentes para as necessidades desses negócios periféricos”, por meio de “estratégias de comunicação, redesigns, redesenhos dos espaços internos e externos”.

Juliana informa que ficou em casa entre março e julho de 2020, saindo poucas vezes apenas para realizar compras, andando. Morando muito perto do trabalho, a partir de

julho, passou a realizar algumas visitas semanais à Vila Rubim e à Ilha do Príncipe, também a pé, para executar um trabalho. Em outubro e novembro, mudou sua forma de deslocamento e entrou “em um carro para ir a outra cidade para trabalhos”.

O que me moveu foi o medo e o que me paralisou também. Medo de não conseguir executar os trabalhos, de não dar conta de entregar coisas em 2020, de ficar impossibilitada, de ter que demitir pessoas ou coisas do tipo me fizeram me movimentar para pensar em saídas novas. E o medo do risco eminente de estar assintomática ou convivendo com alguém assintomático me fez criar medidas, transformar o trabalho das minhas colaboradoras no escritório 50% remoto e com turnos alternados.

O Cidade Quintal (*Instagram: @cidadequintal*) é “uma organização que busca transformar positivamente a cidade a partir da arte, do design e do urbanismo, que ajudem a potencializar lugares e pessoas” (CIDADE QUINTAL, 2020).

Figura 11 – Formulário *google forms* com respostas de **Juliana Lisboa**

1. O que as informações sobre suas lives e encontros indicam sobre você e a sua história, antes e durante a pandemia?

Antes da pandemia por mais que utilizasse recursos remotos para encontros e trabalho no meu cotidiano, a maior parte dos eventos que organizava ou era convidada acontecia de forma presencial. Essas novas conexões possibilitadas pelas plataformas digitais e pela nova dinâmica da audiência para mim serviram para resgatar laços e relações que se deram em um outro momento, com pessoas de diferentes lugares. Pude me apresentar e apresentar meu trabalho em variados contextos, para grupos abertos ou fechados. Percebo que foi um período de maior exposição, produção de conteúdo e de pensamento sobre as minhas práticas.

2. As experiências urbanas (e agora as virtuais) ficam inscritas no próprio corpo. O corpo experimenta e vivencia essas novas experiências, que agora são híbridas. Como você se vê dentro dessa rede de relações, pessoas, temas e lugares?

Me vejo de muitas formas. Falando aqui no dia de hoje (25 de dezembro) percebo o meu corpo cansado dessa dinâmica que virou de forma abrupta de março pra cá. Se por um lado já existe uma adaptação, por outro existe uma exaustão e necessidade de “desplugar” dessa lógica. Um caso expoente que vivenciei nessa dinâmica corpo-tela-lugar foi a continuidade das minhas aulas de flamenco - que pratico desde 2017, pelo meio virtual. No segundo semestre realizei o curso de “Tientos”, uma modalidade de tango flamenco, por meio de encontros semanais no zoom, oferecido pela Sala Baila. Ganhei o tempo que gastaria no trânsito indo para Jardim da Penha e tive colegas de sala em Salvador e Fortaleza. Minha sala de casa foi adaptada para conter um computador plugado de forma visível assumindo o papel do espelho e da professora como referência espacial para a execução dos movimentos. Comandos vindos da professora como “execute tal movimento diagonal do canto esquerdo da sala em direção a sua tela” se tornaram comuns. Foi uma experiência muito diferente, principalmente pela falta da referência dos outros corpos no mesmo espaço, o que afeta muito a prática corporal. O fator mais interessante é que a professora conseguiu trabalhar com a vídeo-dança como apresentação final, fazendo com que as alunas se gravassem apresentando a coreografia que estudamos o semestre todo e isso foi compilado, editado e lançado numa live de Mostra de fim de ano no youtube (https://www.youtube.com/watch?v=YaDKCHhialL8&ab_channel=salaBaila%21). Outro caso expoente para mim neste último semestre foi ter dado mentoria em design para 14 empreendedores de 5 bairros do Território do Bem, por meio de vídeo-chamadas no whatsapp. Sem ter realizado nenhum contato presencial, mobilizei um grupo de estudantes de design voluntários da UFES para o qual levava o diagnóstico realizado individualmente com cada empreendedor(a) que foi uma experiência que se concretizou em entregas pertinentes para as necessidades desses negócios periféricos como estratégias de comunicação, redesigns, redesenhos dos espaços internos e externos de mercearias, botecos e lojas, com uma profundidade que eu não esperava. Me vejo completamente conectada a essa lógica, seja criando experiências para outras pessoas e também consumindo conteúdos. Me vejo hoje interessada em investigar mais essa dinâmica de inteligência coletiva que me mostrou que com os inputs certos, com a combinação certa de pessoas muitas coisas concretas podem ser criadas.

3. Como tem sido para você "se deslocar" e "parar" em 2020, usando também a tecnologia? O que te moveu e o que te paralisou ao longo do ano? Se quiser, cite um fato mais marcante do ano para você.

De março de 2020 até a primeira semana de julho me mantive praticamente parada em casa, saindo poucas vezes a pé para compras, digamos que a maior distancia que percorria era de 600 metros. Como minha casa fica a 7 minutos do meu escritório, a partir de julho retornei a essa rota - também a pé, com algumas visitas semanais a Vila Rubim e Ilha do Príncipe onde estava realizando um trabalho. Somente em outubro e novembro entrei em um carro para ir a outra cidade para trabalhos. O que me moveu foi o medo e o que me paralisou também. Medo que não conseguir executar os trabalhos, de não dar conta de entregar coisas em 2020, de ficar impossibilitada, de ter que demitir pessoas ou coisas do tipo me fizeram me movimentar para pensar em saídas novas. E o medo do risco eminente de estar assintomática ou convivendo com alguém assintomático me fez criar medidas, transformar o trabalho das minhas colaboradoras no escritório 50% remoto e com turnos alternados. Um dos fatos marcantes foi a confraternização de final de ano da firma, que tradicionalmente aconteceria com uma reunião com todos os colaboradores e seus(as) companheiros(as), este ano se resumiu a um plantão festivo para entrega de um kit de fim de ano, fazendo com que 24 colaboradores que trabalharam este semestre comigo se deslocassem em horários diferentes na janela entre 15h e 19h, ficando um tempo reduzido e formando grupos pequenos e alternados. Foi muito estranho, mas funcionou.

4. Existem outras redes e/ou pessoas que você considera importante fazer contatos, conhecer e trocar ideias?

Sem dúvidas existem. Para 2021 já tenho algumas linhas de interesse traçadas para essas trocas. Um delas envolve criar a partir de janeiro uma comunidade de aprendizagem em plástico. A ideia é reunir pessoas do ES, de outros estados e outros países unidas pelo interesse em trabalhar ou estudar esse material, suas propriedades, seu contexto e suas possibilidades criativas. Será uma rede nova para mim.

5. Gostaria de indicar alguma referência que você admira muito (pessoas, músicas, filmes, instituição, ongs, documentários, imagens, obras de artistas, outros)

Indico como referencia o caso da Sala Baila que falei anteriormente, que explorou em tempo real durante a pandemia as possibilidades de conexão entre pessoas e gerou resultados positivos. Valeria a pena conversar com a educadora Ivna Messina, pois foi muito interessante ver como ela adaptou dinâmicas de aula, contextos espaciais para o modo remoto > https://www.youtube.com/watch?v=YaDKCHhial8&ab_channel=salaBaila%21

6. A rede social Instagram pode incentivar as pessoas a se manifestarem quanto ao desenvolvimento das cidades, com força para influenciar decisões na área pública?

- Sim
- Não
- Talvez

7. A rede social instagram reflete e reproduz os comportamentos da sociedade?

- Sim
- Não
- Talvez

8. Qual a sua relação com a cidade e com os bairros e vizinhança em que mora e trabalha?

Moro e trabalho no mesmo bairro que é o Centro de vitória.
.....

9. Nome completo

Juliana Lisboa Santana
.....

Boa sorte com a pesquisa :)
.....

Submitted 12/25/20, 8:55 PM

Fonte: Formulário *google forms* com perguntas elaborada pela autora.

Rozilene Aparecida de Sá, 46 anos, é bacharel em Direito, Psicopedagoga, comerciante e moradora apaixonada pelo Centro de Vitória, como ela mesma afirma. Faz parte da Associação de Moradores do Centro (AMACentro), onde exerce atividades relacionadas à questão cultural e de segurança no bairro. Atua também no Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Piedade, em eventos culturais e religiosos no Centro.

Rozi afirma que as *lives* realizadas mostram seus pontos de pertencimento, tratando de “assuntos que são do meu cotidiano, fora que era a rota de fuga para um pouco do cotidiano não se apagasse”. Rozi se viu como formadora de opinião e, sabendo que o grupo que seria impactado pelas *lives* era maior que o de seu dia a dia, realizava um preparo adicional para cada evento on-line.

Durante a fase de isolamento devido à pandemia, Rozi participou ativamente de projetos sociais em parceria com pessoas físicas e a iniciativa privada para fornecimento de cartão alimentação para “profissionais autônomos, ambulantes da região do Centro para sanar as necessidades alimentares, quando não se tinha acesso ao auxílio emergencial”. Destaca também a ação da Central de Alimentos, instalada na histórica Rua Sete, no Centro, que “reuniu várias religiões, instituições e coletivos” e conseguiu subsidiar várias famílias necessitadas dos bairros Centro, por oito meses.

O Coletivo Afoxé (*Instagram: @coletivoafoxees*), do qual Rozi faz parte, também foi destacado por ela devido a uma parceria realizada com a creche Menino Jesus para uma ação de suporte a mulheres, idosos e crianças, nos morros da Grande Vitória. O Coletivo desenvolve ações no Centro de Vitória, desde 2010, voltadas para as mulheres negras, envolvendo as questões de gênero e a cultura afro-brasileira do Samba e do Congo (COLETIVO AFOXÉ, 2021).

Rozi demonstra sua religiosidade, seu conhecimento histórico e cultural do Centro ao relatar sobre a Festa de São Jorge, que tradicionalmente ocorre no mês de abril de forma presencial, organizado pelo Coletivo Afoxé, devotos, moradores, sambistas. Devido a impossibilidade de participação direta dos devotos, além das *lives*, foi

programado um cortejo reduzido, formado por um veículo com a imagem de São Jorge, orações e música, que percorreu os morros da regional.

Imagem inesquecível desse ano foi em abril, quanto a imagem de São Jorge, pela primeira vez, percorreu as ruas e morros do Centro num trio elétrico. Ao atravessar a Jerônimo Monteiro, da Gruta da Onça até o Morro do Moscoso, às 19hs, sem um único veículo na frente. Foi um momento de muita emoção, choramos muito e a Mãe de Santo que nos acompanhava sozinha, segurando a imagem, dizia que muitas vidas iam nos deixar em 2020, mas que não podíamos deixar de ter fé, pois a ciência em algum momento ia falar da importância da fé para a cura das pessoas contaminadas pelo Covid-19.

Figura 12 – Formulário *google forms* com respostas de **Rozilene de Sá**

09/02/2021

Untitled form - Google Forms

1. O que as informações sobre suas lives e encontros indicam sobre você e a sua história, antes e durante a pandemia?

Penso que as lives e encontros indicam os pontos onde possuo maior pertencimento. Todas foram prazerosas, pois tratou de assuntos que são do meu cotidiano, fora que era a rota de fulga para um pouco do cotidiano não se apagasse.

Por outro lado saber que de alguma forma você se torna um formador de opinião pública ainda é um fator que estou me acostumando.

Nós, capixabas, somos culturalmente de "grupos" é quanto se vai para uma live, por exemplo o grupo se amplia, está é uma preocupação que sempre tive de forma responsável, por isso me preparava além do censo comum, para cada uma delas.

2. As experiências urbanas (e agora as virtuais) ficam inscritas no próprio corpo. O corpo experimenta e vivencia essas novas experiências, que agora são híbridas. Como você se vê dentro dessa rede de relações, pessoas, temas e lugares?

Me vejo limitada por um lado e mais aberta as novas tecnologias que nos foram apresentadas com mais intensidade.

Me assusto por ter agenda de lives.

Fiquei feliz por acordar fazendo oração, ginástica e assistindo as primeiras aulas do dia em casa, com meu café e frutas do lado, no início da pandemia.

A frieza no trato as pessoas penso que será o mais difícil pra se acostumar. Gosto do conta no físico, hoje até pra abraçar a pessoa que me relaciono da um certo receio, tudo isso por causa do impacto diário que temos notícia do no sofrimento e morte de pessoas diariamente.

Não apreciar a cidade, por causa da praticidade de fazer compras on line é ainda uma atividade que estou lutando pra não me adaptar. Sinto falta de encontrar os vizinhos, passear pela beira mar, sem máscara, simplesmente sair de casa pra ir ao comércio da Vila Rubim, dando uma olhada nos demais comércios...são hábitos que em 2020 não fiquei a vontade pra contextualizar.

3. Como tem sido para você "se deslocar" e "parar" em 2020, usando também a tecnologia? O que te moveu e o que te paralisou ao longo do ano? Se quiser, cite um fato mais marcante do ano para você.

4. Existem outras redes e/ou pessoas que você considera importante fazer contatos, conhecer e trocar ideias?

As Associações de moradores de bairro são ricas em no "cuidado" com o cotidiano, vale a pena ouvir.

5. Gostaria de indicar alguma referência que você admira muito (pessoas, músicas, filmes, instituição, ongs, documentários, imagens, obras de artistas, outros)

6. A rede social Instagram pode incentivar as pessoas a se manifestarem quanto ao desenvolvimento das cidades, com força para influenciar decisões na área pública?

- Sim
- Não
- Talvez

7. A rede social instagram reflete e reproduz os comportamentos da sociedade?

- Sim
- Não
- Talvez

8. Qual a sua relação com a cidade e com os bairros e vizinhança em que mora e trabalha?

Ao responder preencher o formulário pelo celular, Rozi não conseguiu registrar os itens 5 a 8 no *google forms*, porém foram enviados pelo aplicativo de mensagens instantâneas *whatsapp*.

Stael Magesck Serra, 47 anos, é multi-artista e produtora cultural que mantém, há 13 anos, um Centro Cultural independente conhecido como Casa da Stael ou Stael Magesck Centro Artístico, situado na Rua Sete, no Centro. Stael acredita que as *lives*

[...] reforçaram a imagem da Stael, profissional da cultura, mas "apresenta" também a Stael política. E, sendo a cultura pauta transversal, pude expressar meu interesse em dialogar politicamente sobre a cidade, e a fluidez com que transito por diversos segmentos que a permeiam, como: segurança, educação, Patrimônio, mobilidade, habitação... Assim como, também, naturalmente, automaticamente e, conseqüentemente, falar da minha topofilia (conceito que carrego pra vida) com o território que habito. Pra mim, é muito importante, sempre, em tudo o que faço, dar voz à minha identidade cultural. De onde vim, venho, meus antepassados, meus ancestrais... Nada é por acaso!

Stael, como agente cultural, busca espaço para “o protagonismo cultural no processo de pensar a construção e desenvolvimento das cidades”, valoriza “estar mais junto com outras redes” e pautar suas escolhas em propósitos “que possam colaborar ainda mais com a coletividade, com o bem comum”, modo de vida que foi mantido na pandemia. Vale destacar que o pai da Stael faleceu de Covid-19 no final de dezembro de 2020.

Tive várias fases na pandemia. No início, havia continuado às aulas com minha professora de Pilates (por vídeo), lá em abril, parei. Me entreguei total às *lives* de cursos, palestras, tutorias, com o foco voltado para as questões sócio urbanas e culturais. Queria estar junto no debate (e ainda quero) e isso, pelo menos no meu caso, me sobrecarregou e eu senti literalmente no corpo. Passei a dormir tarde, a perder o sono, a não ter disposição e nem tempo de me cuidar da mesma forma como antes. Por inúmeras vezes, durante o ano, parei em frente ao espelho para me olhar... É impressionante como me sinto muito diferente do início da pandemia, e isso não é só interior, eu vi na pele essa "transformação".

A campanha política como candidata a vereadora foi um fato muito marcante para Stael, porém, “o modo virtual auxiliou muito nesse processo, pois o tempo, de algum modo, rendeu, dava para estar em mais de um compromisso e até se conectar com várias pessoas, na mesma hora, mesmo dia”. Por outro lado, “não consegui dar vazão às minhas criações no atelier”. Porém, o fator político criou um deslocamento “para

outras instâncias, possibilitou enxergar novas perspectivas e despertou outros interesses”.

No começo da pandemia, Stael participou da produção três festivais de artes *on-line* (Festival Fico em Casa I, II e Festival Pandêmico), “sem nem conhecer e encontrar pessoalmente a equipe de produção, pois sequer tivemos reuniões virtuais, nosso contato todo via *Messenger* e *WhatsApp*”. Ela conta que foi gratificante formar uma rede de mais de 500 artistas de vários segmentos para a realização dos eventos, pois “me sentia movendo uma energia” no trabalho. Outra atividade destacada foi a participação em atividades *on-line* de troca, diálogo e conhecimento com as equipes do *BR Cidades*, *Plano Comunitário do Centro* e *A partir do Centro*, com foco nas discussões de temas urbanos, relacionados ao cotidiano do Centro. No entanto, Stael relata que sua relação com o Centro é controversa:

Minha relação é de amor e ódio, rs. No Centro Histórico e ao seu redor, vivo intensamente. Gosto de me comunicar com os comerciantes, moradores, frequentar o comércio local, consumir no entorno... Faço parte dos movimentos sócio-culturais que intervêm no território, e estou sempre pensando em como interagir artisticamente, seja com o meu trabalho como estilista, ativista... Participo do coletivo de Lideranças Comunitárias, de grupos sociais da igreja (Catedral), Plano Comunitário do Centro, Distrito Criativo, Blocão... E quando falo da relação de amor e ódio, é por acreditar muito no potencial da cidade, mas ver pouco investimento do Poder Público por uma cidade mais moderna e potente turisticamente e culturalmente.

Figura 13 – Formulário *google forms* com respostas de **Stael Magesk**

09/02/2021

Untitled form - Google Forms

1. O que as informações sobre suas lives e encontros indicam sobre você e a sua história, antes e durante a pandemia?

Acredito que as lives puderam reforçar a imagem da Stael, profissional da cultura, mas "apresentar" também a Stael política. E, sendo a cultura pauta transversal, pude expressar meu interesse em dialogar politicamente sobre a cidade, e a fluidez com que transito por diversos segmentos que a permeiam, como: segurança, educação, Patrimônio, mobilidade, habitação...Assim como, também, naturalmente, automaticamente e, conseqüentemente, falar da minha topofilia (conceito que carrego pra vida) com o território que habito. Pra mim, é muito importante, sempre, em tudo o que faço, dar voz à minha identidade cultural. De onde vim, venho, meus antepassados, meus ancestrais...Nada é por acaso!

2.As experiências urbanas (e agora as virtuais) ficam inscritas no próprio corpo. O corpo experimenta e vivencia essas novas experiências, que agora são híbridas. Como você se vê dentro dessa rede de relações, pessoas, temas e lugares?

Sou uma eterna aprendiz. Sempre na escuta, atenta, com sede de quero aprender mais, rs Mas também com muito a oferecer, a trocar, a dialogar... Como agente cultural, sinto a necessidade de "provocar" para buscar o espaço do protagonismo cultural no processo de "pensar" a construção e desenvolvimento das cidades...Mas percebo que as pessoas hoje já estão mais conscientes dessa importância. Também vejo o quanto quero estar mais junto com outras redes e pautar minhas escolhas com base nos propósitos que possam colaborar ainda mais com a coletividade, com o bem comum.

Porém, não nego, preciso de umas férias. Parar umas semanas sem me conectar com nada.

Tive várias fases na pandemia. No início, havia continuado às aulas com minha professora de Pilates (por vídeo), lá em abril, parei. Me entreguei total às lives de cursos, palestras, tutorias, com o foco voltado para as questões sócio urbanas e culturais. Queria estar junto no debate (e ainda quero) e isso, pelo menos no meu caso, me sobrecarregou e eu senti literalmente no corpo. Passei a dormir tarde, a perder o sono, a não ter disposição e nem tempo de me cuidar da mesma forma como antes. Por inúmeras vezes, durante o ano, parei em frente ao espelho para me olhar... É impressionante como me sinto muito diferente do início da pandemia, e isso não é só interior, eu vi na pele essa "transformação". Obvio que envelhecemos todos os dias, mas senti uma aceleração nesse processo. E isso me incomoda, confesso, rs Realmente, esse ano, é um divisor de águas.

3. Como tem sido para você "se deslocar" e "parar" em 2020, usando também a tecnologia? O que te moveu e o que te paralisou ao longo do ano? Se quiser, cite um fato mais marcante do ano para você.

O bacana de "parar" é que vi aí uma grande chance para buscar aprender mais, pois eu estava "de férias", então foquei em estudar, assistir muitas lives sobre ativismo urbano e aprender bastante com grupos como o BR Cidades, o Plano Comunitário do Centro...e até mesmo o "A Partir do Centro", que para mim sempre foi fonte de trocas, diálogo e conhecimento.

A campanha política foi um fato muito marcante para mim. Mas antes dela, logo no início da Pandemia, tive uma experiência muito bacana, que foi estar na produção de 03 festivais de artes ON LINE (Festival Fico Em Casa I, II e Festival Pandêmico). Algo até então, ainda não vivenciado. Fazer produção sem nem conhecer e encontrar pessoalmente a equipe de produção, pois sequer tivemos reuniões virtuais, nosso contato todo via Messenger e WhatsApp. Essa experiência formou uma rede de mais de 500 artistas de vários segmentos e isso foi muito gratificante, pois mesmo em pandemia, sentia movendo uma energia, não estava à toa, tinha trabalho a fazer. Aliás, muito trabalho, rs E essas conexões só foram possíveis, por conta da tecnologia.

De julho em diante, comecei a focar na Campanha e, o mode virtual auxiliou muito nesse processo, pois o tempo, de algum modo, rendeu, dava para estar em mais de um compromisso e até se conectar em várias pesquisas, na mesma hora, mesmo dia. Por outro lado, não consegui dar vazão às minhas criações no atelier. Tive o meu trabalho interrompido. Pois me dediquei total à política, o lado bom é que senti que isso também "me deslocou" para outras instâncias e possibilitou enxergar novas perspectivas e a despertar outros interesses.

Um fato pessoal, não tem como não citar, é a recente perda do meu pai. Jamais imaginaria terminar o ano sem o meu pai. Várias coisas esse ano foram muito marcantes, mas nada se compara a essa perda. Há duas semanas senti minha vida mudando drasticamente, e agora a menos de uma semana para o fim de 2020, tô eu tentando uma sobre força para retomar, ressignificar e pensar a minha vida sem essa figura que era tão importante pra mim.

4. Existem outras redes e/ou pessoas que você considera importante fazer contatos, conhecer e trocar ideias?

Eu conheço muita gente das hortas comunitárias, porém, em função do meu trabalho, tive pouca oportunidade de estar junto nas atividades práticas. Assim como, também, o AVES (Aventureiros do ES). É um grupo de turismo de aventura. Particularmente, quero dar mais vazão ao meu lado "aventureira" e estar mais em contato com a natureza e atividades lúdicas e esportivas que possam me desacelerar. Outro grupo que acho interessante, é o de grafite, arte urbana, muralismo.

5. Gostaria de indicar alguma referência que você admira muito (pessoas, músicas, filmes, instituição, ongs, documentários, imagens, obras de artistas, outros)

- *Acompanho muito o estilista mineiro Ronaldo Fraga, que trás a brasilidade e a regionalidade, muito marcantes no seu trabalho como designer;
- *Cris Pinheiro Guimaraes também é estilista, e tem uma pegada muito arte na estampa dela;
- *Dudu Bertholini, comunicador de moda;
- *Fábrica Bhering (não conheço pessoalmente) mas é um polo criativo da Zona Portuária do RJ;
- *De um modo geral, sigo vários arquitetos e designers de interiores, pois, aprecio muito arquitetura e decor;
- *Um pessoa que tenho como referência é o professor e artista plástico Rosindo Torres;
- * Liza Tancredi artista plástica capixaba (pinta muito as paisagens capixabas);
- *A artista visual paulista Karen Dolorez, tem um trabalho interessante com linhas de tecer e é bem feminista;
- *Pessoa incrível, o professor e historiador Wallace Bonicenha;
- * Diácono Paulo (da Catedral).

6. A rede social Instagram pode incentivar as pessoas a se manifestarem quanto ao desenvolvimento das cidades, com força para influenciar decisões na área pública?

- Sim
- Não
- Talvez

7. A rede social instagram reflete e reproduz os comportamentos da sociedade?

- Sim
- Não
- Talvez

8. Qual a sua relação com a cidade e com os bairros e vizinhança em que mora e trabalha?

Minha relação é de amor e ódio, rs No Centro Histórico e ao seu redor, vivo intensamente. Gosto de me comunicar com os comerciantes, moradores, frequentar o comércio local, consumir no entorno...Faço parte dos movimentos sócio culturais que intervêm no território, e estou sempre pensando em como interagir artisticamente, seja com o meu trabalho como estilista, ativista...Participo do coletivo de Lideranças Comunitárias, de grupos sociais da igreja (Catedral), Plano Comunitário do Centro, Distrito Criativo, Bloção...E quando falo da relação de amor e ódio, é por acreditar muito no potencial da cidade, mas ver pouco investimento do Poder Público por uma cidade mais moderna e potente turisticamente e culturalmente.

9. Nome completo

Stael Magesck Serra

Fonte: Formulário *google forms* com perguntas elaborada pela autora.

Assim como a luta pelos Direitos Humanos e pela igualdade social une Zeferina, Rozi e Déborah por abordagens específicas, o samba é um ponto que articula Stael Magesck com a Déborah e a Rozi. Por outro lado, conhecer as narrativas de pessoas que vivem e trabalham no Centro como empreendedoras é o que conecta Juliana Lisboa a Stael, pelo aspecto cultural de resgate do Centro, com as demais pesquisadas. Juliana também está interligada a ações no Território do Bem, local de atuação de Zeferina.

Portanto, os levantamentos e mapas produzidos levam em consideração o contexto da área Central e suas interrelações com o ciberespaço, pois conforme citado anteriormente, a experiência de se comunicar via redes na pandemia é uma experiência geográfica e os deslocamentos no ciberespaço durante a pandemia também são atravessados pelas questões de gênero, raça e classe.

3. QUANDO EU MAPEAR

3.1. MAPAS PRODUZIDOS

As transformações aceleradas das tecnologias da informação e da comunicação ocorridas ao longo da história tiveram rebatimento em diversos campos do conhecimento. No que se refere à cartografia, as novas tecnologias possibilitaram inúmeras formas de mapeamento de informações, manipulação, análise e tratamento de dados estatísticos e espaciais, contribuindo para alimentar com informações técnicas as instituições que atuam na cidade. Como exemplo, podemos citar o uso de indicadores para produção de dados e mapas sobre caminhabilidade.

Destacam-se, também, os dispositivos móveis e aplicativos que possibilitam que o cidadão comum mapeie, participe e intervenha em soluções para demandas no espaço urbano. Ao mesmo tempo em que temos acesso a uma imensidão de dados técnicos e participamos de um amplo processo de globalização, ações locais e de captura de dados subjetivos devem ser destacados por possibilitar a leitura mais próxima do cotidiano das pessoas, mesmo quando mediada por instrumentos tecnológicos.

O processo tradicional cartográfico, partindo da coleta de dados, envolve estudo, análise, composição e representação de observações, de fatos, fenômenos e dados pertinentes a diversos campos científicos associados a superfície terrestre (IBGE, 2016). No entanto, os mapas tradicionais não contemplam as características subjetivas, uma vez que, os trajetos formais ou informais são realizados pelo fluxo de pessoas e por seus percursos. O errante não vê a cidade somente de cima, a partir da visão de um mapa, mas a experimenta de dentro. “Ele inventa sua própria cartografia a partir de sua experiência itinerante” (JACQUES, 2012, p. 24).

Os espaços híbridos mesclam as mídias locativas, as tecnologias de geolocalização e os deslocamentos no ciberespaço (território digital) com os ambientes físicos e os deslocamentos, tanto nos sistemas cartográficos quanto de sentidos, vivências e/ou capturados por processos de subjetivação, como os processos oriundos do campo da arte e da psicologia, entre outros.

Neste sentido, fizemos uma experiência metodológica para investigar as

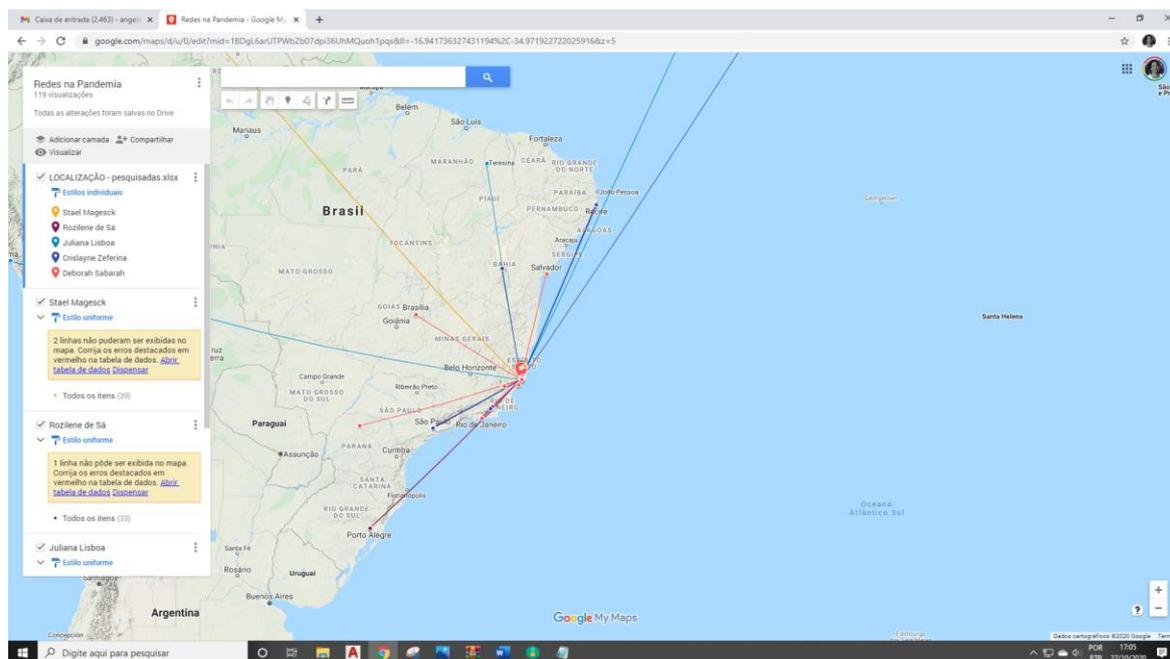
possibilidades de leitura desses espaços híbridos visando compreender a relação entre mapa extensivo e mapa intensivo. Apresentamos, inicialmente, os mapas elaborados na pesquisa baseados nos dados disponíveis na internet (*Instagram*) e, portanto, ainda não são mapas colaborativos. São mapas que representam um recorte de uma rede de atores que se formaram e/ou se fortaleceram durante a pandemia. Estes mapas passam a ser colaborativos na medida em que alguns desses atores serão convocados a intervir nessa construção, na etapa seguinte da pesquisa, com a realização da oficina.

Conforme o Capítulo Dois, fizemos testes com mapas relacionados as narrativas de três pessoas, todas moradoras do Centro do município de Vitória. Porém, observamos que este enquadramento poderia ser ampliado com a inserção de outras duas pessoas para possibilitar leituras mais transversais. Neste caso, uma pessoa que representa uma associação do terceiro setor, cuja sede fica no Centro, e outra que tem uma atuação na região da Poligonal Administrativa 1 do município de Vitória, área conhecida como Território do Bem, que reúne os bairros de São Benedito, da Penha, Gurigica, Itararé e Consolação.

As ações políticas e comunitárias de entidades e moradores dessa região são consideradas referências na Grande Vitória, sendo inclusive objeto de construção de trocas de experiências com moradores e entidades que atuam no Centro, como a AMACentro e a Associação Cultura Capixaba (CUCA), por meio do Plano Comunitário do Centro, um plano autônomo, realizado e deliberado pela comunidade, sem o apoio e sem a interferência de órgãos de planejamento urbano institucionais.

O trabalho de obtenção de pontos de referência para mapear os demais participantes de cada *live*/evento demandou identificar em outras redes sociais, como *Facebook* e *LinkedIn*, o endereço dos mesmos ou, em último caso, fazer contato via *Instagram* para obter as referências, quando não constavam dados disponíveis nas redes. Os endereços de alguns participantes não foram encontrados. Um fato que desvincula as pessoas do território físico é que as cinco pessoas envolvidas na pesquisa também desconhecem os locais de moradia de algumas pessoas que elas mesmas entrevistaram, sendo o tema de cada *live* o objeto de interesse principal.

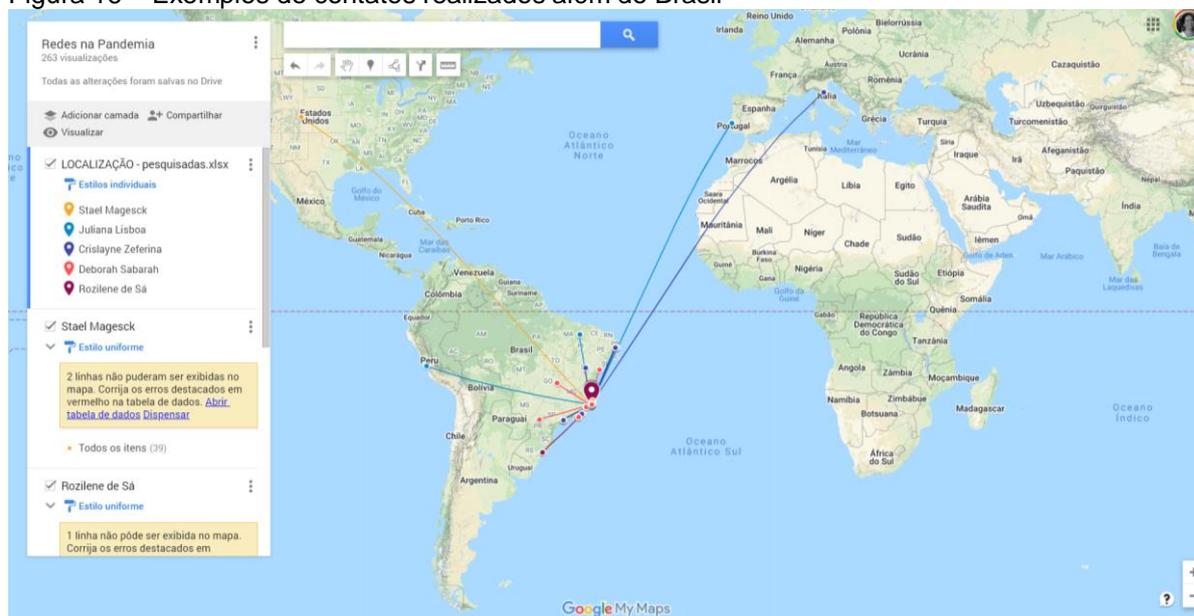
Figura 15 – Exemplo de contatos realizados além do ES



Fonte: Elaborado pela autora baseado em dados do *Instagram*

Ocorreram somente quatro contatos com pessoas que residem fora do Brasil. São moradores de Portugal, Itália, Estados Unidos e Peru (Figura 6), caracterizando uma rede essencialmente local e intermunicipal localizada no Espírito Santo.

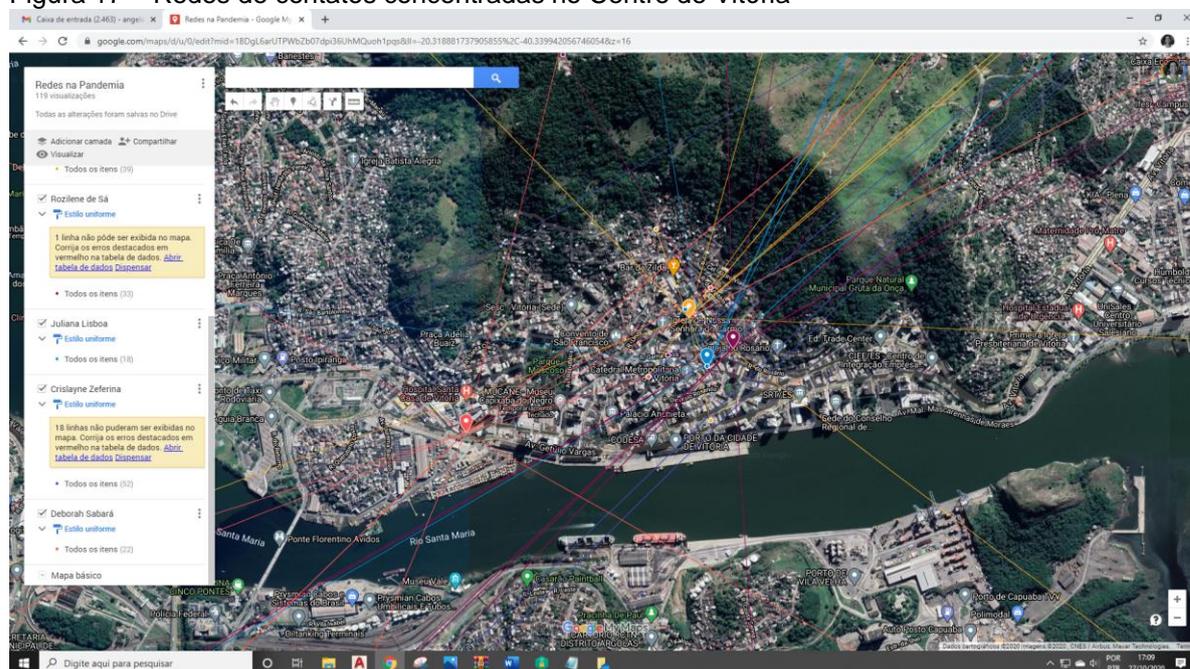
Figura 16 – Exemplos de contatos realizados além do Brasil



Fonte: Elaborado pela autora baseado em dados do *Instagram*

Partindo do Centro de Vitória, onde residem ou trabalham, ocorre a intensificação dos contatos das participantes da pesquisa (Figura 7), representados por uma rede de amigos atuantes em movimentos sociais e em ações coletivas durante a pandemia.

Figura 17 – Redes de contatos concentradas no Centro de Vitória



Fonte: Elaborado pela autora baseado em dados do *Instagram*

Nesse circuito de *lives* encontramos vereadores e candidatos a vereadores, professores e professoras universitárias, escritores e escritoras, moradoras do Centro, artistas, comerciantes, epidemiologista, deputados estaduais, o Secretário Estadual de Cultura, Fabrício Noronha, e a vice-governadora do Espírito Santo, Jacqueline Moraes, dentre outros.

Os principais temas abordados nas *lives* foram as desigualdades e a periferia, a autonomia e reorganização das favelas, a negritude e isolamento social, o enfrentamento à Covid-19, *fake news*, os coletivos jovens periféricos, o protagonismo de ações comunitárias, as mulheres e pandemia, as vulnerabilidades sociais LGBTQ+, as narrativas urbanas, a segurança pública, design, arte, tecnologia, educação, direitos humanos, habitação, entre outros.

Destacamos que Zeferina participou de um encontro via zoom do coletivo *A partir do Centro* com o tema Corpo-Cidade, enquanto Stael e Rozi participaram do encontro

Cultura e Cidade, ambos em 2020, entre julho e agosto (*Instagram @partirdocentro*, 2020). Já a Stael, participou de uma live com a Juliana Lisboa sobre Arte e tecnologia ressignificando territórios (figuras 4 a 8).

Observamos durante o processo de mapeamento que a Déborah Sabará não possuía um local fixo para transmissão de eventos, mudando diversas vezes de local, o que configura uso pleno da mobilidade que o telefone celular possibilita. Para a planilha do *Google Forms*, que só exporta dados para o *Google My Maps* se houver o endereço fixo completo, adotamos o endereço da Associação GOLD, apesar do endereço residencial da mesma ser no município vizinho, Serra, que faz parte da Região Metropolitana da Grande Vitória.

Além disso, observamos que tanto a Zeferina quanto a Déborah possuem trajetórias fortemente vinculadas a temas ou região. Assim, preferem se apresentar de forma coletiva como representante do Território do Bem e representante da GOLD, respectivamente. Desta forma, mesmo com atuação no ciberespaço, suas “raízes” estão firmes em seus territórios.

Massey (2008, p. 145), em relação as narrativas sobre os efeitos do ciberespaço, afirma que “giram em torno de sua capacidade em tornar o espaço insignificante, no contexto de sua própria produção e operação material (sobre o solo, de qualquer forma), o espaço é de fundamental importância”. Afirma ainda que a virtualidade do ciberespaço “tem suas raízes, muito firmemente, na terra e o mundo do espaço físico e o mundo das conexões eletrônicas mediadas não existem como se fossem duas camadas separadas”.

No contexto desta pesquisa, que objetiva mapear algumas narrativas na pandemia,

[...] mapas não têm significado ou ação por conta própria; eles fazem parte do conjunto de pessoas, processos discursivos e coisas materiais. Eles são implantados numa rede de práticas de atores antes de existirem como objetos de conhecimento não ideológicos descorporalizados a priori (KITCHIN; PERKINS; DODGE, 2009, p.16, tradução Gisele Girardi).

Por outro lado, mapas são “produtos para privilegiar e formalizar conhecimentos e eles também tendem a produzir certos tipos de conhecimentos sobre o mundo. Neste

sentido, mapas são produtos do poder e eles produzem poder” (KITCHIN; PERKINS; DODGE, 2009, p. 332, tradução nossa).

Em relação ao mapeamento colaborativo, este é conhecido como *Volunteered Geographic Information* (VGI), traduzido como informações geográficas voluntárias, utilizando plataformas, como por exemplo, o *OpenStreetMap* (OSM), “que produz e disponibiliza dados geoespaciais atualizados e abertos por meio da *internet*” (MACHADO; CAMBOIM, 2019, p. 3).

Sobre a possibilidade de indicações de diálogos entre mapeamento colaborativo e âmbito público e políticas para a cidade,

[...] o mapeamento colaborativo se apresenta como uma alternativa relevante para o uso em conjunto com o mapeamento de referência urbano e outras geotecnologias nas atividades de gestão urbana pelos municípios brasileiros. [...] Para que isso seja possível, são necessárias considerações a respeito da integração entre os dois mapeamentos e processos para compatibilizá-los (MACHADO; CAMBOIM, 2019, p.3).

O mapeamento voluntário é também uma forma de “convidar outros membros da sociedade a colaborar com a construção da representação do espaço geográfico”. As plataformas mais conhecidas são a *Wikimapia*, o *GoogleMapMaker* (que não existe mais), o *OpenStreetMap* (OSM) e o *Waze*. Estas plataformas possuem formas de armazenagem de informações similares ao conceito de mapeamento de referência tradicional, para “atingir os objetivos do Estatuto da Cidade e os instrumentos nele previstos, como o Plano Diretor e as Leis de Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo” (MACHADO; CAMBOIM, 2019, p. 7-11). Destacamos ainda o *Google My Maps*, utilizado nessa pesquisa.

Portanto, as formas de fazer mapa vêm se transformando e sendo repensadas

[...] como ações horizontalizadas e cooperativas que envolvem a espacialização da informação acerca de contextos de vida nos quais os próprios agentes se veem implicados como sujeitos, instaurando campos de dissenso em relação aos mapas hegemônicos, que os assumem como objetos ou ainda agentes assujeitados. [...] Muitos desses processos apontam outras operações possíveis e tensionam a forma positivista da cartografia como produção de representações precisas e, portanto, unívocas (SPERLING; RAMOS; SANTANA, 2019, p. 811).

Neste “tensionamento” entre a cartografia tradicional e outras formas de representação, interessa-nos, então, nesse mapeamento, um conceito de espaço

enquanto processo de interconexões em construção, inacabado (MASSEY, 2008, p. 32), que se aproxima do conceito de espaço de Ingold:

[...] ambos imaginamos o mundo de incessante movimento e devir, que nunca está completo, mas continuamente em construção, tecido a partir de inúmeras linhas vitais dos seus múltiplos componentes humanos e não humanos enquanto costuram seus caminhos através do emaranhado de relações nas quais estão enredados de maneira abrangente. Em um mundo assim, pessoas e coisas não tanto existem quanto acontecem, e são identificadas, não por um atributo essencial fixo estabelecido previamente ou transmitido pronto do passado, mas pelos próprios caminhos (ou trajetórias, ou histórias) pelos quais anteriormente vieram e atualmente estão indo (INGOLD, 2015, p. 211).

Os mapas produzidos utilizando o *Google My Maps* são cartografias tradicionais no sentido de leitura do campo extensivo, físico:

Esse objeto, o mapa, que simula uma imagem de território estável, capturável no todo (porque visto na ortovisão) e em toda sua natureza, cada vez mais disponível pela disseminação tecnológica e cada vez mais produzido porque é, ele mesmo, elemento da reprodução do capital, vira objeto de desejo e, nesse ganho de autonomia, de coisa desejada, de fetiche, por sua vez, deseja-nos (GIRARDI, 2009, p.154).

Na cartografia tradicional, o mapa adota a visão vertical, ortovisão, seduzindo as pessoas pela possibilidade de “visão onipresente”. Porém, ocorre o oposto: “o objeto mapa seduz pelo que pretende representar: o território, o lugar. Mas, ao fazer isso, apresenta uma outra coisa: uma versão de território ou de lugar desprovida de vida, porque estável” (GIRARDI, 2009, p. 153).

No entanto, no âmbito do ciberespaço e dos aspectos subjetivos temos dimensões não mensuráveis e não estáveis. Os deslocamentos que ocorrem no ciberespaço configuram outra dimensão do espaço geográfico.

Lévy define ciberespaço, também chamado de rede e cibercultura como:

[...] novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 16).

Lévy (1999, p. 20) afirma que as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura, sendo que “é impossível separar o humano de seu ambiente material” e,

consequentemente, separá-los dos “signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo”. Conclui, ainda, que “não podemos separar o mundo material — e menos ainda sua parte artificial — das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam”.

Acrescentemos, enfim, que as imagens, as palavras, as construções de linguagem entranham-se nas almas humanas, fornecem meios e razões de viver aos homens e suas instituições, são recicladas por grupos organizados e instrumentalizados, como também por circuitos de comunicação e memórias artificiais (LÉVY, 1999, p. 20).

Portanto, a dicotomia espaço real e virtual não faria sentido sendo que as práticas sociais, econômicas e culturais atuais ocorrem de forma híbrida nesses espaços, mediados também por seus dispositivos móveis, e com a própria estrutura urbana.

Kitchin (1998, p. 394) afirma que existem “duas teorias emergentes sobre a relação entre o ciberespaço e a identidade, ambas girando em torno de mudanças nas conceituações do corpo e baseadas em estudos de Foucault, que sugerem que determinados dispositivos tecnológicos alteram a construção social da identidade pessoal.

No primeiro, o ciberespaço é visto como uma experiência desencarnante com efeitos transcendentais e libertadores. A segunda posição conceitua as interações com o ciberespaço como auxiliando na fusão da natureza com a tecnologia, à medida que humanos e computadores se unem por meio de um processo de cyborging (KITCHIN, 1998, p. 394, tradução nossa).

Lemos (2004, p. 11) argumenta que “a cibercultura potencializa aquilo que é próprio de toda dinâmica cultural, a saber o compartilhamento, a distribuição, a cooperação, a apropriação dos bens simbólicos” os “intercruzamentos e mútuas influências”. Cibercultura é a “cultura contemporânea, marcada basicamente pelas redes telemáticas, pela sociabilidade on-line, pela navegação planetária e pela informação”. (LEMOS, 2004, p. 14). Lemos define o conceito de território informacional como um espaço híbrido:

Desta interrelação podemos, em tese, inferir um novo status ontológico do lugar que passa a ser dotado de características informacionais pela intersecção de suas dimensões físicas, imaginárias, históricas, culturais, econômicas com a nova camada informacional. Tenho chamado esse espaço híbrido de “território informacional (LEMOS, 2010, p. 3).

O autor (2010, p. 14) também afirma que “os estudos das mídias de comunicação” geralmente tensionam os conceitos de deslocamento e lugar. No entanto, alega que

é necessário enfrentar “teoricamente a virada espacial no uso das mídias em uma perspectiva que não tome o espaço urbano como vazio ou sem sentido”.

Alguns trabalhos afirmam o caráter destrutivo das tecnologias e do processo global em relação à dimensão local. No entanto, o uso das mídias locativas podem trazer um reforço da dimensão local e novas apropriações e ressignificações. Para além de suas características sociais, culturais, econômicas, devemos ver os lugares em suas características informacionais, dotado de “territorialização informacional” (LEMOS, 2010, p. 14).

O desafio é “descrever e analisar os processos comunicacionais entre os diversos atores (humanos e não-humanos) e tentar compreender como o lugar pode ou não ganhar novos sentidos” (LEMOS, 2010, p. 3).

A utilização das redes sociais, como o *Instagram*, é mediada por algoritmos, que estabelecem relações de proximidade ou limitam o contato de acordo com o contexto de cada usuário, permitindo ou não a convivência com “outros que pensam e agem de forma radicalmente diferente de nós”.

Portanto, o sentimento de alteridade não é (re)construído apenas a partir da expressão em ambientes on-line, mas também a partir do que a estrutura da rede sugere para seu usuário. Assim, os fatores que compõem e provocam a alteridade não mais são decididos por comunicadores humanos, mas por rotinas de programação (PASE; PECHANSKY, 2018, p. 99).

Os conflitos existentes entre “o espaço real e virtual se concretizam na ressignificação que os atos de fala possibilitam a partir de uma série de efeitos possíveis que se alternam na medida em que emergem novos significados e novas formas de interação” (SANTOS; FIGUEIREDO, 2018, p. 167). Desta forma, a potencialidade de se estabelecer rupturas entre real e virtual está no uso que se faz da plataforma.

Esse tensionamento entre o virtual e o real não é aqui tomado como uma discussão entre uma passividade ou atividade dos manifestantes, mas a partir da potencialidade de performatividade na medida em que meios de intervenção política são recriados utilizando-se de efeitos de linguagem que tomam para si ressignificações dos atos de fala (SANTOS; FIGUEIREDO, 2018, p. 167).

A ciência “é produzida por seres humanos em seu cotidiano e, portanto, o conhecimento gerado é relacional ao tempo e espaço próprios do cientista”. Neste sentido, objetos de pesquisa, pesquisadores e pesquisados não são passivos no processo de pesquisa, mas atuantes na sua produção. (SILVA; ORNAT; CHIMIN JR, 2017, p. 13).

Massey (2008, p. 32) afirma que o espaço não é nem um recipiente para identidades

sempre já constituídas, nem um holístico completamente fechado. É um espaço de resultados imprevisíveis e de ligações ausentes. Para que o futuro seja aberto, o espaço também deve ser. Desta forma, o espaço é abordado como “uma produção aberta contínua” (MASSEY, 2008, p. 89). No mesmo campo, “tempo, espaço e dinheiro que fazem o mundo girar, e nós giramos (ou não) o mundo. É o capitalismo e seus desenvolvimentos que determinam nossa compreensão e nossa experiência do espaço” (MASSEY, 1994, p. 147).

Jacques (2012, p. 280) relembra que Milton Santos identificou a lentidão na cidade como uma virtude; no lugar da “pressa hegemônica”, além do “tempo lento como uma possibilidade de resistência”. Santos (2002, p. 162) afirma que “o mundo de hoje parece existir sob o signo da velocidade” e ser atual “condiz a considerar a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude”. Tal velocidade estaria a serviço da política de empresas globais com rebatimento nas políticas dos Estados e das instituições supranacionais (SANTOS, 2002, p. 163).

Na complexidade das interações entre capitalismo, pessoas e contexto urbano, compreendemos que “problemas complexos se caracterizam pela imprevisibilidade de seus elementos causais, pela sua metamorfose diante do esforço em resolvê-los e pela ausência de soluções de referência válidas e diretamente aplicáveis”. Por outro lado, o campo da arte configura um modo de pensar e agir com grande potencial de articulação coletiva e um vínculo direto com a ação criativa em tempo real. No entanto, a cultura de projetos e intervenções na cidade “ainda é refratária à ideia de se abrir” aos fenômenos que “fogem à racionalidade e ao cálculo” devido a suposta perda de controle sobre o resultado das intenções projetuais (MASSARA, 2015, p. 1-6).

3.2. DESLOCAMENTOS E MAPEAMENTO

O ser humano desloca-se desde o período paleolítico para sobrevivência e para a obtenção de comida. Pode-se dizer que foram esses nômades que deram início às caminhadas do ser humano e “foi caminhando que o homem começou a construir a paisagem natural que o circundava” (CARERI, 2013, p. 27). Neste sentido, a possibilidade de se deslocar, de caminhar, aponta para uma retomada do contato com o lugar.

Historicamente, “caminhar era uma atividade cotidiana, mundana, que levava ao trabalho, ao mercado e à igreja, mas raramente a qualquer grande distância”. Caminhantes não viajavam e conforme o transporte público e a ênfase no deslocamento individual foi se desenvolvendo, a caminhada passou a ser uma escolha e não mais uma necessidade, o que modifica a visão da cidade, que passou a ser uma visão decorrente de uma “postura sedentária, mediada pelos sentidos da visão e da audição e longe do chão” (INGOLD, 2015, p. 76-78).

A errância, uma forma de caminhar, pode ser apontada como uma possibilidade de reaproximação entre corpo e cidade experimentada por vários sentidos simultaneamente. Pode ser subdividida em três momentos históricos, relacionados à crítica ao urbanismo moderno:

o período das *flâneries* (final do século XIX até início do século XX), que questionava a modernização das cidades; o período das deambulações (1910 – 1930), período das vanguardas modernas e da crítica as ideias urbanísticas dos CIAMs (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna); e o das derivas (1950 –1970), que criticou tanto os pressupostos básicos dos CIAMs quanto a sua vulgarização no pós-guerra, o modernismo (JACQUES, 2012, p. 32).

A experiência errática afirma-se como possibilidade de vivência urbana, de crítica, resistência ou insurgência contra a ideia do empobrecimento, perda ou destruição da experiência a partir da modernidade (JACQUES, 2012, p. 19).

Os errantes urbanos não perambulam mais pelos campos abertos como os nômades, mas pela própria cidade grande, fazem a experiência da metrópole moderna, e recusam o controle disciplinar total dos planos modernos. Eles denunciam direta ou indiretamente, através de suas errâncias, os métodos de intervenção dos urbanistas e defendem que as ações na cidade não podem se tornar um monopólio de especialistas sedentários (JACQUES, 2012, p. 25).

Um dos principais problemas da arte do caminhar, de acordo com Careri (2013, p. 132) é transferir a sua experiência e percepção para outras pessoas. Nas primeiras deambulações no século XX, surge a ideia de transferir a percepção dos cidadãos sobre o espaço para mapas não tradicionais, registros de subjetividades, baseados nas variações de percepção obtidos durante os percursos realizados pela cidade e na forma como o caminhante se sentiu afetado (CARERI, 2013, p. 82).

No contexto do caminhar, da presença do corpo na cidade, as ruas e calçadas são os “órgãos mais vitais” de uma cidade, seus principais locais públicos. “Aparentemente desprezíveis, despropositados e aleatórios, os contatos nas ruas constituem a pequena mudança a partir da qual pode florescer a vida pública exuberante da cidade” (JACOBS, 2001, p. 78).

Por outro lado, o espaço público possui ainda a propriedade da reflexividade, ou seja, observamos e somos observados. Em termos de componentes, o espaço público ou os espaços públicos são, primeiramente, organizados de forma física por acordos e compromissos, direitos e deveres republicamente estabelecidos para uso de ruas, calçadas, fluxos, funções, entre outros. Em segundo lugar, os espaços públicos possuem como “elemento central a heterogeneidade na reunião de indivíduos”, que reconhecem as suas diferenças, no sentido político da existência, sem a promessa de convivência harmônica e sem conflitos. Por último, os espaços públicos possuem um poder comunicacional, isto é, “tornar público significa oferecer ao julgamento e à opinião dos outros indivíduos essas características” (GOMES, 2018, p. 117).

Especificamente sobre as mulheres, Massey (1994, p. 148) afirma que diversas pesquisas demonstram como seus deslocamentos na cidade, nos espaços públicos, se restringem “de milhares de maneiras diferentes, desde a violência física a ser olhado com os olhos ou fazer com que se sintam simplesmente “deslocadas” – não pelo “capital”, mas por homens”.

No campo da Arte, Marquez (2006, p. 01) argumenta que nas interfaces entre as esferas da arte e da geografia, “a ciência geográfica é também uma geografia do corpo: o corpo produz conhecimento espacial”, porém está se referindo à história da arte tradicional eurocêntrica.

O espaço como realidade da experiência do corpo – e não como metáfora ou representação – fez-se presente nas artes plásticas desde o minimalismo norte-americano dos anos de 1960; a partir daí, as suas sucessivas abordagens – land art, earth works, instalações, arte ecológica, arte urbana, web art – ampliam a noção do espaço concebido, percebido e vivido (MARQUEZ, 2006, p. 05).

Destaca-se, portanto, a importância de exemplos de artistas que se apropriam criticamente e criativamente de práticas do corpo na cidade. Por outro lado, percebe-

se que aspectos relativos à proximidade da rua, improvisação e capacidade de percepção são abolidos tanto no planejamento dos espaços públicos quanto no ensino, sendo este um desafio atual.

Historicamente, além da expansão espacial, os trabalhos de arte passam a incorporar uma série de temas que não faziam parte do campo da arte:

[..] com pressupostos baseados em sua autonomia, como as inter-relações existentes entre obras, as práticas sociais e os processos políticos, espaço público, o que levaria a práticas cada vez mais implicadas em sua discursividade. A própria noção de lugar, agora seria pensada em termos de um *site* discursivo e se articularia com uma série de outras disciplinas e discursos, incluindo temáticas relacionadas ao corpo (KWON, 2004, p. 11, apud SOUZA, 2015, p. 72).

Sobre a articulação do campo da Geografia com outras disciplinas, Renata Marquez, lembra que a subjetividade não é específica do campo da arte:

Embora a subjetividade não seja privilégio da prática artística – sendo inerente a qualquer prática de sujeitos – é no âmbito das artes que ela se desenvolve sem restrições. Apesar da neutralidade perseguida pela ciência, podemos argumentar que toda enunciação científica é uma construção e que o real não existe por si só, sem que haja alguém ou alguma convenção capaz de percebê-lo como tal (MARQUEZ, 2009, p. 19).

No quadro da cartografia “pós-crítica”, face aos temas “totalidade” e o “uno”, referente aos mapas, vale destacar:

Concebemos o “mapeamento” como uma prática, uma ação de reflexão em que o mapa é apenas uma das ferramentas que facilita a abordagem e problematização dos territórios sociais, subjetivos, geográficos (...) Por isso dizemos que o mapeamento é um meio, não um fim. Deve fazer parte de um processo maior, ser mais uma “estratégia”, um “meio para” a reflexão, a socialização de saberes e práticas, o impulso à participação coletiva, o trabalho com estranhos, a troca de saberes, a disputa dos espaços hegemônicos, o impulso à criação e imaginação, a problematização dos pontos-chaves, a visualização da resistência, a sinalização das relações de poder, entre tantos outros (RISLER; ARES, 2013, tradução nossa).

O mapeamento enquanto estratégia metodológica, lida com a desestabilização e com a sobreposição de narrativas. Portanto, a utilização crítica de mapas visa criar instâncias de troca coletiva para a elaboração e a compreensão de deslocamentos, narrativas e representações, traçando uma articulação entre a Geografia, o Urbanismo e a Arte, sendo a cidade o campo político de rebatimento dessas narrativas.

No entanto, na vida cotidiana existe um grande dissenso no que chamamos de movimentos ativistas, que abordam a questão urbana e a relação corpo-cidade. De acordo com Wisnik (2015, p. 5) existe grande diversidade e demarcações de diferenças de posicionamento de grupos atuantes no espaço urbano, como por exemplo grupos de arte urbana, de teatro-dança, urbanismo tático, grupos de feministas, grupos ligados a movimentos negros e ativistas políticos sociais. Esses grupos coexistem e agem na cidade, em contraponto ao crescimento de uma visão autoritária de gestão das cidades. Nesse sentido, Wisnik afirma que “não se espera mais por uma ação paternalista do Estado, feita de cima para baixo, mas deseja-se construir coletivamente uma visão pública de forma mais horizontal e colaborativa”.

No que se refere a forma de abordagem metodológica da pesquisa socioespacial, Souza (2013, p. 179-182) argumenta que a escala de análise geográfica pode ser subdividida em escala do fenômeno, escala de análise e escala de ação, destacando a necessidade de combinar/articular diferentes escalas. O mesmo autor afirma que esses níveis de escala não serão adotados com igual peso/importância, sendo parte de criação histórica, no sentido de “construção social da escala” e da perspectiva relacional, de colocar em primeiro plano a natureza das relações sociais e práticas sociais incluídas.

Rena (2015, p. 4) também destaca os processos de ressignificação e análise dos espaços públicos e as iniciativas articuladas em rede que buscam dar novos significados ao território urbano, “a partir de intervenções temporárias” organizadas de forma colaborativa ou “práticas que exploram a experiência sensível do espaço”. Essas práticas “podem ter características *high* ou *low tech*, desafiando os conceitos consolidados de espaço público” (RENA, 2015, p. 4).

Franca (2011, p. 136) considera importante superar o debate que se refere às ações macro/micro, *top down/botton up*, *high/low tech*, muita/ pouca tecnologia, plano/tática “enquanto dicotomias do urbanismo”, como alternativa para aquelas ações tradicionais do macroplanejamento, para refletirmos sobre quais são os pontos de contato que nos permitem utilizar efetivamente essas ações em planejamento urbano de instituições.

Vale destacar a nossa dificuldade em reconhecer apenas nossas fontes textuais e não valorizar “o chão que pisamos, os céus em constante mudança, montanhas que estão sempre nos inspirando, nos desafiando e nos dizendo coisas”. Deslocar-se e mapear a cidade, nesse sentido, é praticar e compreender melhor a vida cotidiana. Porém, “existe alguma evidência de que a intensidade da observação atenta do chão varie relativamente à idade e ao gênero, de modo que esteja em plena conformidade com as convenções culturais estabelecidas” (INGOLD, 2015, p. 85).

4. NÓS MAPEAMOS

4.1. ARTE CONTEMPORÂNEA E MAPEAMENTO

Medeiros e Costa (2006, p. 6) argumentam que as interfaces entre arte, cidade e cartografia se dão quando o espaço como realidade da experiência do corpo faz-se presente nas artes plásticas, desde o minimalismo dos anos de 1960, até as suas sucessivas abordagens – *land art*, *earth works*, instalações, arte ecológica, arte urbana, *web art* – ampliando a noção do espaço concebido, percebido e vivido.

Os temas e os processos criativos dos artistas contemporâneos, segundo Renata Marquez (2009, p. 22), contribuem para expansão do campo da cartografia e do urbanismo, pois tratam dos seguintes aspectos: “sistemas de poder, sistemas econômicos, situações de exílio e desterritorialização, solidão e coletividade, traçados de infraestruturas territoriais, trânsitos globais de pessoas e produtos ou registros de micro histórias”. Embora a subjetividade não seja privilégio do campo da arte, essa desenvolveu-se nessa área sem restrições, transportando o conhecimento espacial para territórios culturais onde ele passa a atuar sem um rótulo disciplinar (MARQUEZ, 2009, p. 19).

A arte contemporânea, quando inserida e associada ao urbanismo, pode revelar a existência de demandas e/ou a revitalização de espaços e contribuir para diferentes vivências e novos conhecimentos espaciais em espaços que, por muitas vezes, o urbanismo tradicional não atendeu e/ou não respondeu de forma coerente às necessidades da dinâmica do espaço urbano e do lugar.

Apesar da cartografia ser um instrumento de representação e uma forma histórica de legitimar políticas e ações de grupos sociais dominantes para influenciar a apropriação e percepção territorial, a cartografia também pode se tornar um método de construção da realidade de forma coletiva e horizontal (RENA, 2015, p. 5).

Kitchin; Perkins; Dodge (2009, p. 4) argumentam que as mudanças tecnológicas reduziram as barreiras para o acesso aos dados, democratizando a prática cartográfica.

A mudança tecnológica que reduziu significativamente as barreiras de acesso aos dados e à democratização da prática cartográfica também encorajaram

essa mudança de ênfase. Associado a essa mudança, tem havido uma tendência em direção a formas pós-estruturalistas de conhecer o mundo, que desconfiam de reivindicações de conhecimento abrangentes. Em vez de uma crença no espaço absoluto, ou um mundo socialmente construído, uma forma alternativa de entender o mapeamento enfatizou a relatividade e a contingência em um universo onde as noções de realidade vêm a ser substituídas por simulação e em que o jogo de imagens substitui o trabalho visual, ou na qual velocidade da própria ganha agenciamentos (KITCHIN; PERKINS; DODGE, 2009, p. 4, tradução nossa).

Nessa perspectiva, passaram a ser incorporados ao mapeamento e sua compreensão “os *insights*” extraídos “das abordagens semióticas do mapeamento” como forma de “abordar o meio e suas mensagens”, as relações de classe, da prática cultural, além das contribuições da psicanálise ou da linguística (KITCHIN; PERKINS; DODGE, 2009, p. 4).

A cartografia contemporânea dialoga com a possibilidade de discutir novas linguagens, sendo a arte (e suas diversas vertentes) uma das possibilidades de diálogo, pois o artista, assim como o cartógrafo, registra, absorve, processa, questiona e reelabora o seu tempo (ROLNIK, 2014, p. 23). A antropofagia em si mesma é uma forma de subjetivação caracterizada “pela ausência de identificação absoluta e estável com qualquer repertório, a abertura para incorporar novos universos, a liberdade de hibridização, a flexibilidade de experimentação e de improvisação para criar novos territórios e suas respectivas cartografias” (ROLNIK, 2014, p. 19).

Desta forma, não haveria um “modo certo” de produzir mapas, mas os responsáveis por fazê-los, “necessitam ser sensíveis à política e ao contexto de sua elaboração e uso. Para alguns teóricos isto significa mover para além o pensamento do mapa como representações a fim de tentar conceber uma cartografia pós-representacional” (KITCHIN; PERKINS; DODGE, 2009, p. 10, tradução nossa).

Os mapas podem emergir de contextos diversos e distintos para cada pessoa

[...] por meio de uma mistura de práticas criativas, reflexivas, lúdicas, táteis e habituais; afetado pelo conhecimento, experiência e habilidade do indivíduo para realizar mapeamentos e aplicá-los no mundo. Isso se aplica tanto à elaboração de mapas quanto à leitura de mapas. Como tal, o mapa não representa o mundo nem faz o mundo, é uma coprodução constitutiva entre inscrição, indivíduo e mundo; uma produção em constante movimento, sempre buscando parecer ontologicamente segura. Conceber mapas desta forma revela que eles nunca estão totalmente formados, mas emergem no processo e são mutáveis (eles são refeitos em oposição a mal feitos, mal-

usados ou mal lidos) (KITCHIN; PERKINS; DODGE, 2009, p. 21, tradução nossa).

Oliveira (2012, p. 103) afirma que a cartografia também é considerada arte, havendo “um componente biográfico que acentua o interesse do artista pela cartografia, bem como possibilita uma ideia de apropriação da cidade mediada por uma experiência: a desorientação”.

[...] é motivo de interesse para uma grande parcela de artistas contemporâneos por diversos motivos, que vão desde a potencialidade estética e formal inerente a esta matéria, constituída por camadas de cores, texturas, formas, linhas, manchas, ‘desenhos de lugares’, mas também por sua carga conceitual, em particular no que diz respeito ao esforço em representar e ilustrar um lugar, orientar deslocamentos, viabilizar a localização, atributos geográficos funcionais dos mapas (OLIVEIRA, 2012, p. 102).

De acordo com Oliveira (2012, p. 108), a cartografia é conceituada tanto como uma Ciência, “pois a confecção de um mapa necessita de técnicas para a representação de aspectos naturais e artificiais, aplicação de operações de campo e laboratório, metodologia de trabalho e conhecimentos específicos”, tanto como Arte, pois um mapa “segue padrões de organização estética, ele é um desenho, a imagem de um lugar, e nele constam diversos elementos da linguagem visual, como, por exemplo, traços, símbolos, cores, letreiros, legendas, linhas, pontos, planos, texturas e textos” (OLIVEIRA, 2012, p. 108).

No que se refere à arte contemporânea, vale destacar nosso interesse maior por trabalhos com tensionamentos e expansão de conteúdos, significados e práticas discursivas nesses mapeamentos, aproximando-se do que seria no campo da arte contemporânea a crítica institucional e o *site* discursivo.

As obras de arte contemporânea relacionadas ao tecido urbano, primeiras experiências *site-specific*, de obras produzidas para um local específico, passaram também a incorporar o público e, conseqüentemente, a política e a participação da população. O espaço idealizado das galerias e museus, foi gradativamente substituído pela expansão e materialidade da paisagem natural ou pelo espaço urbano cotidiano. (SOUZA, 2015, p. 63).

Miwon Kwon (2004, p.14) reflete sobre os argumentos desse período, que considera marcado por uma ideia de *site* sob influência e pressão de aspectos sociais,

econômicos e políticos, que ampliaram os temas dos trabalhos de arte para práticas sociais e processos políticos. Desta forma, foram incorporadas reflexões nas áreas de antropologia, sociologia, psicologia, história natural e cultural, arquitetura e urbanismo, ciência da computação, teoria política, entre outras (KWON, 2004, p. 26).

Neste sentido, em analogia com a cartografia, houve uma ampliação na definição de *site*, de localidade física ao formato discursivo, fluído e virtual, e conseqüentemente a expansão do campo da arte. Isto se relaciona com a visão contemporânea de cartografia pós-representacional, cujos fazedores, conforme citado anteriormente, precisam estar sensíveis ao contexto de sua elaboração.

No Brasil, em relação à arte contemporânea, vale destacar as proposições de Hélio Oiticica (1937-1980) em suas deambulações urbanas fortemente influenciadas por conceitos desenvolvidos pela Internacional Situacionista (IS) (1957-1972), como a 'deriva' e 'urbanismo unitário'. Suas caminhadas pela cidade refletem sua crítica à cidade e aos modos de vida urbano”, enquanto suas proposições estéticas buscam reestabelecer as relações entre o indivíduo e a cidade (LOPES, 2012, p. 23).

Hélio Oiticica propôs experiências improvisadas de caminhar pela cidade, colocando-se em total disponibilidade aos imprevistos do perambular pelas ruas e morros cariocas, chamando atenção para a importância de se redescobrir o próprio espaço da cidade, por meio de “deambulações crítico-criativas”. A sua descoberta do Rio de Janeiro (além da Zona Sul, onde morava), em meados dos anos 1960, se dá, em parte a pé, como frequentes subidas de morro, especialmente ao Morro da Mangueira, e também de ônibus, pelas áreas mais marginalizadas da cidade (CARERI, 2013, p. 9).

Oiticica também desenvolveu um mapa de memórias de Belo Horizonte (Figura 8), cidade que frequentou na adolescência. Porém, “inventou outra cidade com topologia, ruas, avenidas e teatros, nos quais eram encenadas as peças que ele escrevia na adolescência”. Esta cidade continha de fato os logradouros da cidade do Rio de Janeiro: Avenida Brasil, Avenida Presidente Vargas, entre outras (BONISSON, 2013, p. 66).

Figura 18 – Helio Oiticica – A segunda parte de Belo Horizonte. Década de 1950.



Fonte: BONISSON, 2013

Sobre a deriva situacionista, Careri (2017) argumenta que até hoje é a forma

[...] mais eficaz para enfrentar as contradições do mundo, entrando nelas sem opor resistência e perder energia, mas se valendo da energia potencial que oferecem os fenômenos em curso para sulcar novos territórios, para entrar neles desimpedidos, sem preconceitos, prontos a acolher o que se sucede, prontos a mudar de direção quando o vento muda (CARERI, 2017, p. 32).

Atualmente, existe um grande interesse pela “plasticidade cartográfica”, pela adoção do uso dos mapas enquanto “suporte estético-material”, para a produção de diversos trabalhos considerados “obras-mapas”. Neste contexto, considera-se também a sua problematização quanto a “ideia-imagem” de cidade que elas representam, além da sua “função-intenção”, que seria de “orientar-localizar coisas e pessoas na cidade”. Portanto, adota-se mapas “enquanto estratégia de situação dos caminhos, dos passos na cidade, e outras práticas do espaço urbano que escapam dessa ordem diretiva” e contribuem para o conhecimento e análise da cidade (OLIVEIRA, 2012, p. 104).

Há também uma série de discussões recentes sobre o papel histórico da arte, que revela o quanto a história da arte oficial, ensinada e propagada nas instituições culturais e de ensino, pode ser parcial, tornando invisível obras produzidas por mulheres, negros, indígenas, entre outros. Assim, constata-se que “a história da arte é a área das ciências humanas em que se constrói uma narrativa sobre a criação de

objetos e experiências realizados em sua maioria por homens, brancos, europeus, estadunidenses e pintores (alguns, gênios)” (MORESCHI, 2017).

Mesmo quando se considera a “noção antropológica de cultura”, sempre há uma hierarquia dos “capitais culturais”, decorrentes do colonialismo histórico (CANCLINI, 2012, p. 194). Neste sentido, o giro decolonial é um movimento teórico, ético e político que questiona as pretensões de objetividade e neutralidade do conhecimento dito científico dos últimos séculos nas ciências sociais, que impacta nas pesquisas contemporâneas no “papel das novas tecnologias, as políticas de propriedade intelectual (desde os saberes orais aos intelectuais indígenas), os propósitos do desenvolvimento, seus limites, dentre outros” (MIGLIEVICH, 2014, p. 78).

O campo da arte, ao contrário da pretensa liberdade de expressão que existiria no meio artístico e cultural, ainda espelha convenções sociais e culturais históricas da sociedade, sem leitura prévia e crítica. O projeto *História da arte*, Prêmio Rumos Itaú Cultural, de Bruno Moreschi (2017), apresenta dados e mapas quantitativos e qualitativos sobre 2.443 artistas, de 11 livros, utilizados em cursos de graduação de Artes Visuais no Brasil, e conclui que os acervos ignoram as produções artísticas de mulheres, negros e indígenas e não europeus (MORESCHI, 2017).

A partir da análise desses dados, observou-se que “de um total de 2.443 artistas, apenas 215 (8,8%) são mulheres, 22 (0,9%) são negras/negros e 645 (26,3%) são não europeus. Dos 645 não europeus, apenas 246 são não estadunidenses. Em relação às técnicas utilizadas, 1.566 são pintores”. Os dados das tabelas subsidiaram a produção de um material de apoio impresso em formato de panfleto, semelhante àqueles encontrados na entrada de museus e centros culturais (Figura 9), contendo dados espacializados também em mapas. O panfleto foi distribuído gratuitamente ao longo de 2017 na entrada de museus do Brasil e de outros países selecionados pela equipe (MORESCHI, 2017).

Figura 19 – Panfleto do projeto História da _rte. Prêmio Rumos Itaú Cultural. São Paulo.



Fonte: MORESCHI, 2017

Figura 20 – História da _rte. Prêmio Rumos Itaú Cultural. São Paulo



Fonte: MORESCHI, 2017

Outro trabalho a ser destacado, também de 2017, tratado como ação de enfrentamento e questionamento, é o “Manual de Uso da Grande Vitória, para&por corpos negros-bichas”, elaborado por Castiel Vitorino, Napê Rocha e Winny Rocha, em que as artistas e pesquisadoras problematizam as questões do racismo, da misoginia e da homofobia, utilizando-se de um questionário crítico e de percursos na cidade (Figura 11).

Este manual te instrumentaliza em novos usos da Grande Vitória. Para isso, indica reapropriações das peças sensíveis e inanimadas que compõem este equipamento. As ações foram elaboradas de acordo com as demandas apresentadas por usuárias negras-bichas e recomendam resoluções para os seguintes problemas: racismo, cisheteronormatividade, misoginia, e outros de origem fascista. Realize os procedimentos apresentados neste manual de acordo com sua necessidade. Atenção: O equipamento Grande Vitória demanda reparo urgente e constante (VITORINO; ROCHA; ROCHA, 2017, p .6).

O manual, que foi elaborado por um “coletivo de dissidentes pretas artistas”, residentes em Vitória e no Rio de Janeiro, apresenta um questionário a ser aplicado no percurso de casa para o trabalho. Os espaços que formam os municípios da Grande Vitória foram subdivididos em Peças Inanimadas (ruas, avenidas, calçadas, linha férrea, portos, linhas de ônibus, terminais de ônibus, praias, cachoeiras, rios e praças) e Peças Sensíveis: habitantes (VITORINO; ROCHA; ROCHA, 2017, p .8).

Figura 21 – Capa do Manual de Uso da Grande Vitória, para&por corpos negros-bichas, encarte impresso, em pequeno formato, distribuídos nas ruas e disponível para download em redes sociais



Fonte: VITORINO; ROCHA; ROCHA, 2017

Destacamos o potencial desses projetos, que indicam a escala local e as práticas ativistas urbanas, como uma outra forma de pensar a cidade, sendo a experimentação “uma forma vital de abordar a complexidade crescente das cidades, à procura de novos tipos de planejamento alternativo, capazes de absorver o que emerge e é gerado pelos meios urbanos” (ROSA, 2011, p. 14).

Os trabalhos citados anteriormente, de certa forma, se alinham tanto à perspectiva do mapeamento enquanto processo de produção de cidades e de suas representações, apropriando-se dos espaços em movimento, não estáveis, quanto à perspectiva criativa e poética da artista portuguesa Grada Kilomba, que explora a vertente do colonialismo e defende que dismantelar estruturas de poder passa também pela linguagem visual e semântica. "Normalizamos palavras e imagens que nos informam quem pode representar a condição humana e quem não pode. A linguagem também é transporte de violência, por isso precisamos criar novos formatos e narrativas. Essa desobediência poética é descolonizar" (KILOMBA, 2019).

4.2. NARRATIVAS E MAPEAMENTO – OFICINA

A primeira vez que experimentamos os recursos do *Google My Maps*, integrados com planilhas, geolocalização e ainda com a possibilidade de integrar fotos e vídeos, fomos positivamente surpreendidos com a ferramenta. Por outro lado, ao verificar os resultados obtidos, observamos que os mapas iniciais não correspondem a potência das pessoas mapeadas, nem tão pouco demonstram o processo de capturar informações nas redes sociais, como uma espécie de “*stalker*”, vasculhando a vida dos usuários.

Ao mesmo tempo, é um desafio transformar os mapas para captar a dinâmica e a força das narrativas e trajetórias das pessoas mapeadas. Os mapas e as imagens finais não incorporam algo que escapa aos processos: a vida. Apesar da entrada dos dados ser feita de forma manual, o produto final é automático e tradicional ao nivelar as informações, necessitando de edições, “dobras” e complementações para se tornar algo vinculado aos temas em discussão na pesquisa.

A vertente da manipulação estética e poética dessas imagens aproxima-se de atividades anteriores desenvolvidas pela pesquisadora na perspectiva do campo da arte contemporânea. O primeiro é um trabalho selecionado e exposto no Salão do Mar, em Vitória, no Espírito Santo, em que utilizou práticas de sobreposições, desenho digital de caminhos, textos e edição sonora aplicadas a um suporte tridimensional.

O *Conexões Terra I Mar 2.0* tratava da compressão espaço-tempo no território da mineração e da siderurgia, do mar enquanto solo virtual, da fronteira terra-mar, da aceleração, dos fluxos do capital, dos impactos urbanos e ambientais. A pesquisadora utilizou uma composição de mosaico de fotografias aéreas da CNS/RJ; um mosaico de satélite Ikonos/RJ do cordão terrestre que separa a baía de Sepetiba, no Rio de Janeiro; monóculos embutidos nas laterais da estrutura com imagens históricas (Terra Brasilis, 1515); CSN/RJ; Quadrilátero ferrífero; mosaico landsat/ES-MG; e mina de Itabira, em Minas Gerais. Havia também uma espécie de abertura, uma janela, com algumas bandeiras impressas, e os áudios eram avisos sonoros de trem e navio editados em *looping*. O segundo trabalho, que ficou somente como maquete, *Conexões Terra I Mar 1.0*, tratava do eixo Mina/Ferrovia/Usina/Porto, intervindo nas imagens como uma trama em fios de aço que interligava cidades, sobreposições e costuras, também em fios de aço e pregos, além de desenho digital e edição de imagens.

Os dois trabalhos são iniciativas independentes de reflexões da pesquisa que a pesquisadora participava como voluntária (*MG-ES Um sistema estrutural*), que reunia a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), o Centro Universitário Católica do Leste de Minas Gerais (Unileste), a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sendo coordenado na Ufes pelo professor Kleber Frizzera, com coordenação geral do professor Nelson Brissac, da PUC-SP.

Figura 22 – Conexões Terra | Mar I e II



Fonte: Elaborado pela autora

O terceiro trabalho é uma sequência de pinturas e costuras, elaborado após uma tireoidectomia, em que a pesquisadora trata a sua própria cicatriz como metáfora para falar dos processos de intervenções urbanas, sendo experimentos que abordavam rupturas e tentativas de união entre tecido urbano em transformação e a orla, seja por reordenamentos e/ou atravessamentos, que possibilitam alguma convivência por meio da permeabilidade.

Figura 23 – Tríptico



Fonte: Elaborado pela autora

Além de tinta acrílica, utilizamos agulha, barbante, tecido e gaze para conferir texturas às telas. Os trabalhos eram feitos diretamente nas telas, sem croquis prévios e modelados durante o processo, sem expectativas sobre o resultado final.

Hoje, profissionalmente, utilizamos como processo de trabalho procedimentos manuais e digitais em projetos, como croquis, mapas e diagramas síntese “intensivos”, além de fotografias. A fotografia na pesquisa interessa-nos enquanto possibilidade de registros de recortes/olhares e de memória.

Em 2020, no segundo semestre, durante a pandemia, participamos do curso de extensão remoto *Habitar o fim do mundo e imaginar o infinito* (Instagram: @corpo.discurso.território), ofertado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), no Curso de Arquitetura e Urbanismo, organizado pelo grupo de estudos Corpo, Discurso e Território, coordenado pela professora Dr^a. Gabriela Leandro, com cerca de 60 participantes de todo o país. Durante o curso, simultaneamente às aulas, com o uso do *InVision*, plataforma de design que possibilita a elaboração de atividades em grupo, foi produzido um conjunto de registros de lembranças, memórias e contribuições dos participantes (Figura 14).

Figura 24 – Mapa produzido coletivamente pela turma do curso de extensão da UFBA/2020, “Habitar o fim do mundo e imaginar o infinito”



Fonte: Curso de extensão UFBA/2020, “Habitar o fim do mundo e imaginar o infinito”, Prof^a. Dr^a. Gabriela Leandro

As experiências citadas anteriormente foram intensificadas após ler o resultado da pesquisa de pós-doutorado sobre Geografia e Dança do pesquisador-artista professor Antônio Carlos Queiroz Filho, da Ufes, *Corporema: por uma Geografia Bailarina*, e das pesquisas sobre mapeamento intensivo desenvolvidas pela professora Dr^a. Ana Maria Hoepers Preve, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Queiroz Filho (2018, p. 22) se refere ao conceito de geografia, no âmbito da subjetividade, como “um modo de se colocar em cena, um modo de se colocar diante de e no mundo” e reconhece “um sentimento que é perene: o de que essa minha Geografia será sempre uma tentativa de um dizer mais “humano””. E ainda questiona “O que fazer com os afetos de que somos capazes?” (QUEIROZ FILHO, 2018, p. 338).

Neste sentido, há uma valorização dos relatos e narrativas. “Não porque eles podem ser considerados mais ou menos verdadeiros, mais ou mesmo legítimos. De fato, nada disso importa. Importa mesmo, é a condição de entrecruzamento e eventualidade revelada em tais relatos e narrativas” (QUEIROZ FILHO, 2018, p. 348).

Ana Preve (2010, p. 85), em seus estudos sobre mapas intensivos, afirma que:

Mapas intensivos são instantes de sensação quando ela toma consistência e se efetua e, novamente, se abre a novos encontros. Enquanto a cartografia apresenta os movimentos de transformação das paisagens (o que se passa, o que acontece) os mapas intensivos apresentam, as reterritorializações. Consistências. O mapa intensivo como consistência é aberto às conexões. Não é um todo estático ou definitivo de algo ou alguém, é a mobilidade dos afetos (PREVE, 2010, 85).

Além disso, lembrar as reuniões do grupo de pesquisa Política Espacial das Imagens Cartográficas (POESI), em 2018, coordenado pela professora Dr^a. Gisele Girardi, com contribuições dos pesquisadores à pesquisa no sentido de experimentar “outras cartografias possíveis”, contribuiu para o processo de reconstrução da pesquisa.

Alguns exemplos de recursos apresentados anteriormente não puderam ser acionados remotamente para a pesquisa, pois demandam atividades práticas presenciais. No entanto, vídeos, fotografias, desenhos e colagens digitais podem ser utilizados, somados a ferramentas auxiliares para compartilhamento de experiências, como o *InVison*, que será adotado em oficina com as pessoas pesquisadas.

Considerando a realização das etapas anteriores – mapeamento, formulários e planilhas – realizamos uma oficina com as cinco integrantes da pesquisa, em 20 de janeiro de 2021, data em que conseguimos conciliar as agendas das mesmas para obter outras narrativas, além das registradas no mapa tradicional.

Sobre a palavra Oficina, Ana Preve (2013, p. 50) lembra que remete a um local das casas antigas, uma espécie de depósito, porém ainda produtivo, que abrigava ferramentas que propiciavam inventar o novo e dar outros usos ao que se esgotava.

Ali havia a possibilidade de se desmanchar, consertar, refazer, inventar, remendar, criar o que, necessariamente, requer outra função e novos sentidos. Desfazer e fazer alguma coisa nas oficinas para aprendê-la sem a supremacia do saber instituído, que geralmente aparece em primeiro lugar em um trabalho escolar, e se instala impedindo outros e outros sentidos (PREVE, 2013, p. 50).

Preve (2013, p. 51) afirma que “as oficinas são composições que o oficinairo faz e usa em benefício próprio para poder dizer alguma coisa ao mundo”, não sendo neutro porque a escolha de um tema de estudo pelo oficinairo/pesquisador “deriva dos encontros que faz com o mundo no seu tempo e que o despertam afetivamente”.

A oficina será adotada como um procedimento para transformar o mapa extensivo (*Google My Maps*) em intensivo. Porém, como se trata de um processo, não temos controle sobre o resultado. No entanto, estamos presentes no seu planejamento e preparação, seja articulando as questões históricas, de gênero e classe, seja mobilizando estratégias de aproximação pela arte ou pelas formas de representação da cidade.

Na etapa de planejamento da oficina, da pré-produção, fizemos a compatibilização de datas disponíveis para participação, a seleção de imagens extraídas do *Instagram* de momentos significativos para as pessoas pesquisadas e de imagens da cidade extraídas de outros sites e arquivos, baseado nas respostas ao formulário, e carregamos essas imagens no *InVision*; selecionamos trechos dos formulários individuais para serem apresentados para todas as participantes; além da seleção de vídeos de curta duração e trechos de textos, que poderiam funcionar como dispositivos ativadores de memórias e de pontos em comum.

A produção da oficina corresponde a realização da mesma, em 20 de janeiro de 2021, com duração de 1 hora e 30 minutos, via *Google Meet*, plataforma de videoconferência do *Google*. A oficina foi subdividida em três fases:

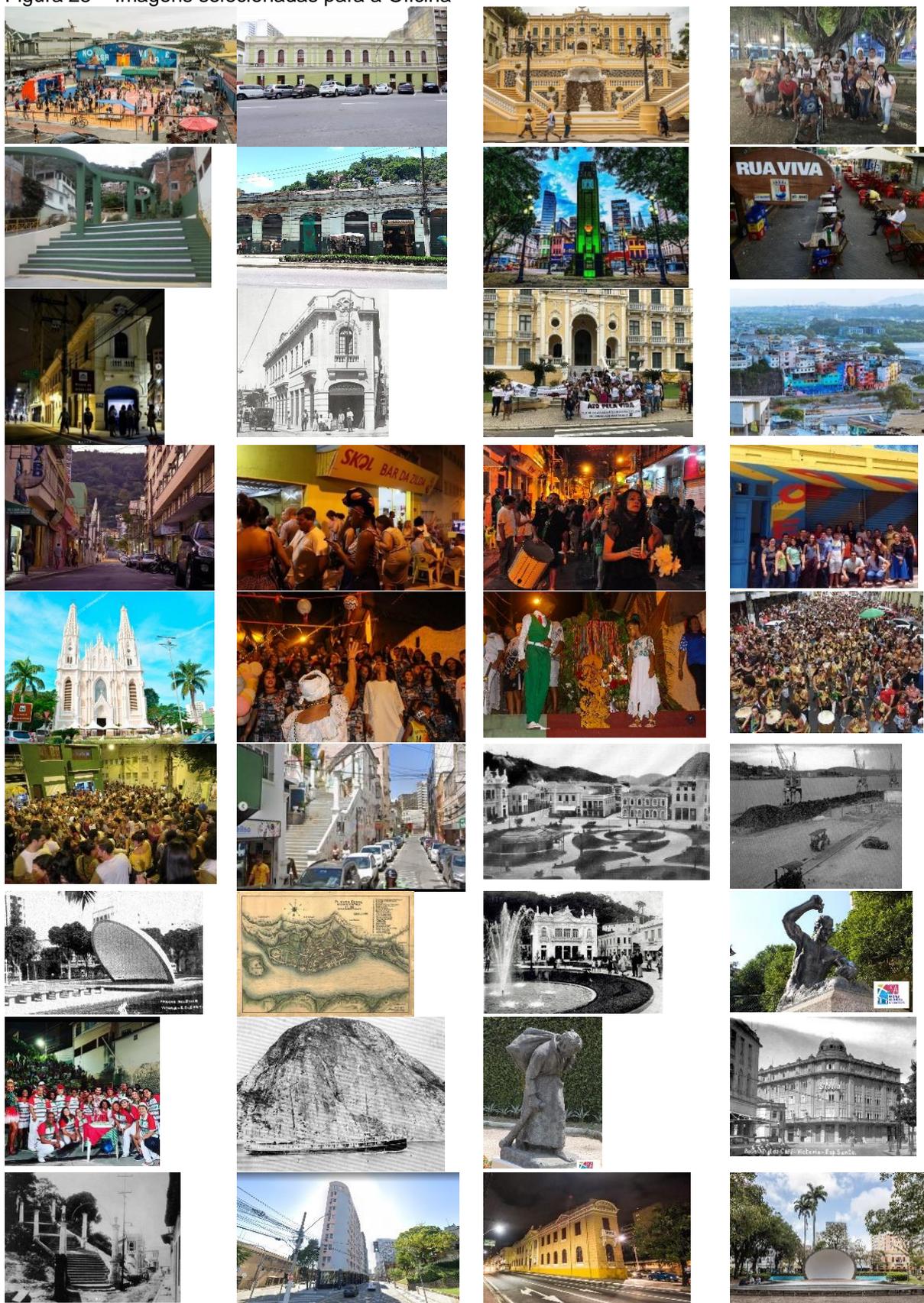
Momento 1

Apresentação da pesquisa e das pessoas; apresentação do mapa elaborado no *Google My Maps*; planilhas e compartilhamento de informações individuais do *Google Forms*; e orientações quanto ao uso da ferramenta *InVision*. A oficina foi realizada com a participação das cinco pessoas apresentadas nos capítulos anteriores: Rozi, Stael, Deborah, Zeferina e Juliana. A oficina contou também com a colaboração de uma assistente, estudante de Arquitetura e Urbanismo, Julia Brahim, que auxiliou a condução das pesquisadas e forneceu suporte para dúvidas técnicas comuns em eventos *on-line*.

Para este momento, fizemos uma seleção prévia de imagens que foram apresentadas durante a oficina. Essencialmente, buscamos imagens histórias e recentes relacionadas à cidade e às pessoas pesquisadas disponíveis na internet, em notícias relacionadas ao Centro, eventos que ocorreram na cidade, entre outros, visando ativar a memória afetiva das participantes, bem como tensionar fatos ocorridos que foram relevantes para a cidade, como ações de resistência.

As imagens foram extraídas de sites de notícias, *instagram*, órgãos governamentais municipal e estadual, entre estes: Prefeitura Municipal de Vitória, Ministério do Turismo, Museu de Arte do Espírito Santo e Arquivo Público. Consultamos também sites de jornais e de divulgação locais A Gazeta/G1, Em Movimento, ESBrasil, Cena Vitória; sites de coletivos, associações e empresas: Cidade Quintal, A partir do Centro, Associação Gold, Guia Negro, OParque; também pesquisamos imagens no *instagram* e *facebook* de fotógrafos e de pessoas comuns: JM fotografia (*facebook*), Márcio Moraes (*facebook*), Vitor Nogueira (*instagram*). Por último, extraímos imagens de uso livre do *Google Street View* (Figura 25). A edição final das imagens foi complementada com fotos da acervo pessoal da autora.

Figura 25 – Imagens selecionadas para a Oficina



Fonte: diversas, citadas no texto

Nas imagens selecionadas (Figura 25), interessa-nos fatos históricos, edificações e áreas que são importantes para manifestações públicas no Centro, além de ocasiões festivas que as cinco mulheres pesquisadas tenham participado e/ou que tenham envolvimento afetivo. Destacam-se a Vila Rubim, região da cidade que abriga mercados de hortifrutigranjeiros e peixes, o relógio da Praça Oito, em frente ao galpões do Porto, o palácio Anchieta, a rua Sete, a Praça Costa Pereira, a Ilha do Príncipe, o carnaval, bares e a vida cotidiana, descritas no Quadro 4, seguir.

Quadro 4 – Monumentos, fatos históricos e vida cotidiana do Centro

Local/referência	Fato/acontecimento
- Mercado da Capixaba	- edificação histórica a ser restaurada
- Museu Capixaba do Negro	- Mucane: oficinas de roda de samba, dança afro e maculelê
- Rua Sete	- enterro simbólico a rua Sete, promovido por moradores
- Praça Costa Pereira;	- reunião de membros da associação Gold
- Sede do OParque,	- abrigou várias atividades coletivas e inovadoras
- Ilha do Príncipe	- intervenção urbana realizada pelo Cidade Quintal
- Antigo Hotel Estoril	- transformado em Habitação Social pela Prefeitura de Vitória
- Escola de Samba Piedade	- festas da agremiação
- Museu de Arte do Espírito Santo	- Maes: imagens históricas
- Palácio Anchieta	- manifestação pública: Ato pela Vida
- Bar da Zilda	- ponto de encontro político e cultural
- Carnaval	- Mucane e Praça Ubaldo Ramalhete
- Catedral Metropolitana	- festejos pelos 100 anos da catedral
- Festas populares	- sarau do Ciclo Palmarino e homenagem a São Jorge
- Parque Moscoso	- concha acústica do Parque Moscoso em dois momentos
- Praça Costa Pereira	- imagem histórica
- Porto de Vitória	- imagem histórica
- Monumento ao Trabalho	- na Praça Ubaldo Ramalhete, rua Sete
- Monumento a Dona Domingas	- catadora de resíduos de papelão que atuava no Centro
- Rua do Rosário	- escadaria histórica

Fonte: elaborada pela autora a partir das imagens selecionadas

Posteriormente, algumas imagens (Figura 25) foram utilizadas nas colagens digitais produzidas na pesquisa, apresentadas no capítulo 5.

Momento 2

As informações individuais de cada participante foram apresentadas de forma sintética. Foram apresentados também um breve texto e dois vídeos de curta duração. O objetivo foi trazer à tona memórias, fatos apagados pela história e novos conteúdos para reflexão.

Primeiramente, como forma de interrelacionar e ativar os conteúdos abertos no capítulo 2, Corpo – Cidade, sobre a questão da mulher negra e do feminismo na cidade, apresentamos o texto do historiador Michel Dal Col Costa (2018, p. 63) que se refere a Santa Casa de Misericórdia e relata a presença de mulheres escravizadas na instituição de amparo à saúde, situada no Centro de Vitória, fato desconhecido pelas participantes.

Um desses casos foi o de Josephina que arvorou o seu “desejo” de libertar-se da Santa Casa de Misericórdia, de quem era propriedade cativa. Quem fez a petição para ela foi José Correia de Jesus, advogado, que justificara o desejo de libertação pelo fato de ser ela maior que cinquenta anos, ter oito filhos e ainda por ter a quantia pela qual poderia pagar o seu valor. A escrava chegou diante da Santa Casa de Misericórdia, na pessoa de seus signatários, e simplesmente disse que era muito velha, tinha oito filhos para criar e que juntara, com muita luta, uma quantia a qual queria dar pela sua liberdade (COSTA, 2018, p.63).

Em seguida, ainda como forma de retomar assuntos abordados na pesquisa, referentes ao capítulo 2, Corpo – Cidade, apresentamos um vídeo de curta duração sobre Donna Haraway e o manifesto Ciborgue, publicado em 1985.

Para um ciborgue, a mudança é constante desde de seu surgimento. Os padrões que nos são impostos como naturais são artificiais. Ninguém nasce de um jeito. Ninguém nasce de um gênero - tudo é construído em nós. Haraway explora as relações da ciência, da sociedade e do poder, sobretudo do patriarcado através do manifesto. Portanto, mudar o lugar de onde se olha, para Haraway, permite enxergar outras possibilidades de luta e de transformação (LIQUID MEDIA LAB, 2020).

O vídeo seguinte, apresentado como forma de conexão com a história do Centro de Vitória, refere-se à edição de uma entrevista com a jornalista capixaba Glecy Coutinho, 87 anos, feita pelo coletivo *A partir do Centro* (2019). Ela foi a primeira mulher a exercer a função de jornalista no Estado, além de ser escritora, pesquisadora, atriz, cineasta, professora e ter ocupado cargos públicos ligados à cultura. Glecy Coutinho narra a sua primeira visita à Vitória, ainda na infância, aos nove anos, porém com memória vívida de seu percurso na cidade. O vídeo alterna o depoimento com imagens antigas de Vitória.

Bom, eu vim a Vitória a primeira vez em junho de 1944 porque aqui em Vitória tinha um médico chamado Dr. Carlos, um alemão e Dr. Carlos falou a mamãe que aquilo que ela tinha era um câncer e ela só podia se tratar no Rio de Janeiro [...] Vim a Vitória com mamãe e papai, vim pra Vitória. Então viemos de trem até Cariacica [...] era época da guerra. 1944 já era guerra. Então nós saltamos no Parque Moscoso lá tinham muitos fotógrafos que eles chamavam de Lambe-Lambe. [...] De lá nós sentamos em um bar, acho que era o café central. Eu penso que era na praça oito na esquina que vai subir para escadaria Maria Ortiz [...] Então almoçamos na pensão de dona Mariquita, mamãe tomou banho e dormiu um pouco, ela ia viajar no trem da Leopoldina para o Rio de Janeiro [...] O catraieiro, quem rema bote é catraieiro, o catraieiro nos levou a estação da Leopoldina lá em Argolas [...] Mamãe tomou o trem e foi para ao Rio de Janeiro, me lembro que ela me abraçou e eu fiquei chorando. E aí eu falei com papai: poxa vida, mas ela nem olhou para trás! E aí ele disse: minha filha, se ela olhar, ela não vai* (COUTINHO, 2019).

Por último, apresentamos o vídeo “Pontes sobre abismos”, da artista Aline Mota, que ao “percorrer as invisibilidades do passado, instigada por um segredo de família”, faz uma viagem às áreas rurais do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Portugal e Serra Leoa, “pesquisando em arquivos públicos e privados e, ao mesmo tempo, criando uma contra-narrativa do que geralmente se conta sobre a forma como as famílias brasileiras foram formadas” (MOTA, 2017).

Eu vejo uma mãe e uma filha. Eu vejo uma avó e uma bisavó. Elas estão unidas pela cabeça. São negras, são da minha família, eu descendo delas. Elas não estão mais vivas, mas eu posso evocar suas imagens. Vento e Bruma. Um dia minha avó me disse que ia me contar um segredo. Ela disse: eu nunca conheci o meu pai. Ele nunca me reconheceu como filha. O nome do meu pai é Enzo. Enzo Pereira de Souza. Enzo era o filho do patrão, filho do patrão onde sua mãe, minha bisavó Mariana, trabalhava. Mariana engravidou de Enzo e foi mandada embora. Anos se passaram, eu demorei muito tempo procurando por Enzo. Até que encontrei seu nome em jornais antigos, ele aparece muitas vezes na coluna social. É muito popular. Naquele dia outra família nasceu, a outra metade do DNA da minha avó (MOTA, 2017).

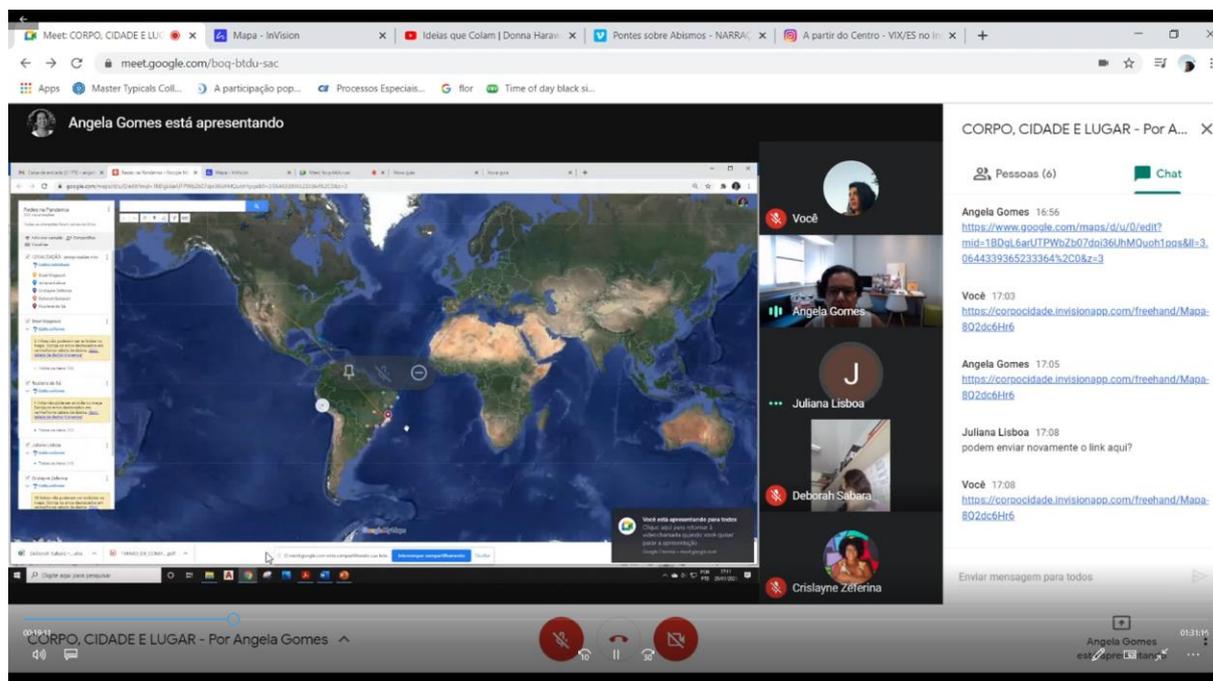
Momento 3 – escuta e troca

Inicialmente, houve um momento de silêncio, seguido de dúvidas sobre os objetivos da oficina. Entre as participantes, Stael não conseguiu baixar o aplicativo *InVison* ao mesmo tempo que as demais, porém enxergava a nossa tela de desenho. Rozi conseguiu acessar a ferramenta, no entanto, ao longo da oficina, perdeu a conexão da internet porque estava na Bahia, com a conexão de rede insuficiente.

Por outro lado, houve um sentimento de ansiedade da organização devido à possibilidade de não ter tempo para a troca prevista e de não conseguir um resultado efetivo, no entanto, para trabalho que tem o intensivo, a poética e a subjetividade

como articuladores de conteúdo, é preciso considerar o fracasso, pois ele também pode gerar uma reflexão. No entanto, o silêncio e o incômodo foram gradativamente substituídos por algumas falas indicativas de sintonia entre elas e a pesquisadora. Explicamos que a proposta era interagir, escrever ou desenhar o que quisessem, construir algo em comum, enfim, conversar e desenhar.

Figura 26 – Oficina realizada com as participantes da pesquisa com *Invision*



Fonte: captura de tela elaborada pela autora

Momento 4 – mapeamento

Iniciamos um desenho, que representava a Praça Costa Pereira, mas foi interrompido para não direcionar a espontaneidade das pessoas, além do que já havíamos selecionado previamente. As duas praças situadas no Centro formam um percurso, sendo uma mais movimentada durante o dia, a Praça Costa Pereira, e a outra um ponto de encontro noturno, a Praça Ubaldo Ramalhete.

A atividade da oficina tornou-se “espaço de emergência de intensidades sem nome” e também “espaço de incubação de novas sensibilidades” (ROLNIK, 2014, p. 69). Conceitualmente, estiveram presentes a ideia de abordar o mapeamento sob as seguintes perspectivas, síntese da pesquisa:

- A perda da noção de autoria individual. O encontro enquanto ativador de novos diálogos, ressignificação e narrativas em contraposição a individualização;
- O encontro como possibilidade de efetivar novas práticas e poéticas para se relacionar com a arte e com o lugar;
- A reapropriação de dados e imagens cartográficas como estratégia crítica para refletir sobre a história, o território e seus sentidos relacionado ao corpo;
- Experimentar tensões, reconstruções e negociações entre ativismo urbano e espaços virtuais;
- Novas formas de construir saberes que valorizem o processo de criação.

Em analogia com uma caminhada, as pessoas pesquisadas são errantes, no sentido de busca e de construção de novos caminhos mesmo na rede, no virtual. Portanto, “navegar, caminhar, perder-se carregam consigo o tema do encontro com o Outro, levam a ser estrangeiro e a encontrar com estrangeiros – e este que talvez me pareça ser hoje – o aspecto mais atual da errância” (CARERI, 2017, p. 33).

As cartografias intensivas, de acordo com Preve (2013, p. 52) tratam de apresentar os movimentos que os mapas percorrem até se tornarem o que são, pois os “mapas intensivos não podem ser deslocados dos processos em que surgiram”.

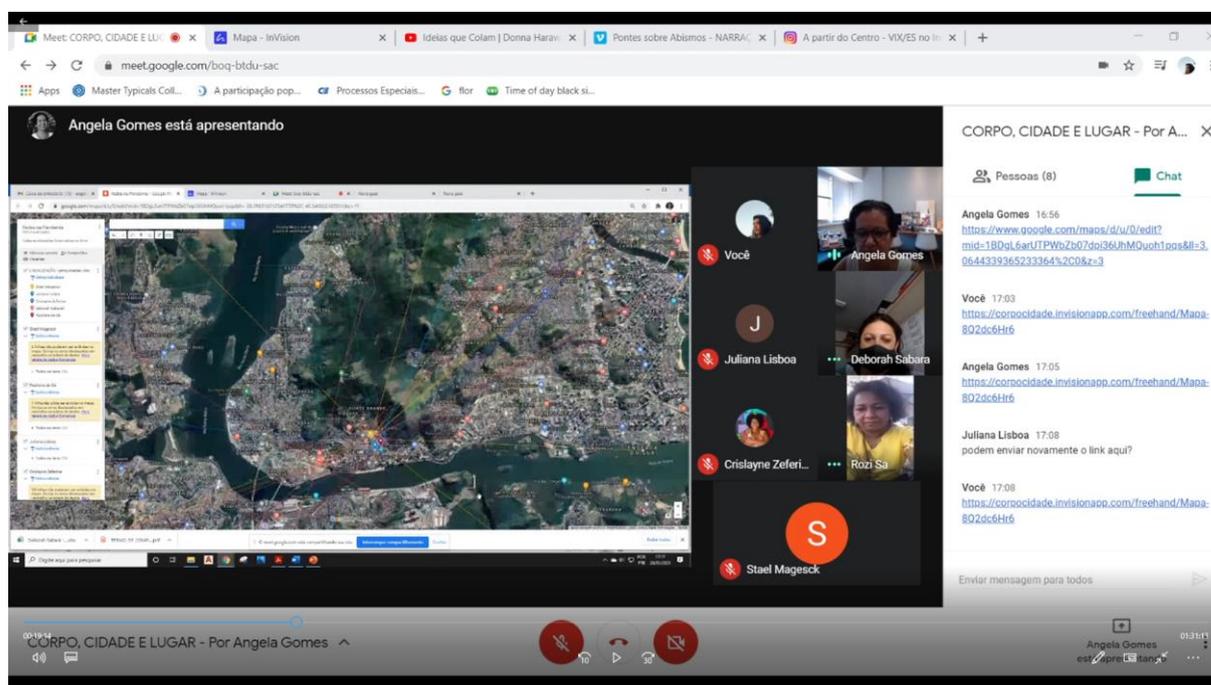
O que se vê já não é só o que se vê. Há relações subterrâneas despercebidas em nosso campo de visão. Investimos nisso, na extração da imagem de uma zona de conforto e de estabilidade, na extração dos princípios que configuram contextos e ilustração para que dimensões espaciais de excesso, beleza e horror sejam recorrentemente revisitados. Fazer ver o que a imagem carregada de clichê nos impede (PREVE, 2013, p. 53).

No entanto, a mesma autora (PREVE, 2013, p. 64) afirma que “O plano extensivo não se opõe ao do intensivo. Não se sai de um plano para entrar noutra totalmente a parte do primeiro”. Neste sentido, o intensivo é:

Uma sutileza, talvez. Imperceptível. Frágil. Um encontro. Acontecimento. Com forças para fazer aparecer a outra coisa de toda coisa. Um modo diferente de olhar que depende muito mais de uma disposição e não de uma estrutura que o prepare dando as dicas de como deve ser olhado um mapa para que ele seja intensivo, ou uma cidade para que ela seja lisa, ou... A linha intensiva é feita do desenho físico da linha e das contingências em que ela é vista ou lembrada, ou pensada, ou imaginada (PREVE, 2013, p. 64).

Há um diálogo criado com as pessoas pesquisadas por meio de uma prática de mapeamento que atravessou o encontro. Utilizamos o material produzido em conjunto para ressignificar o conteúdo a partir da percepção da pesquisadora e do aprendizado do encontro. (Figura 27)

Figura 27 – Oficina realizada com as participantes da pesquisa com *Invision*



Fonte: captura de tela elaborada pela autora

O mapeamento coletivo produzido como resultado da oficina encontra-se na Figura 28.

Figura 28 – Mapeamento coletivo produzido na oficina da pesquisa



Fonte: Disponível em: <https://corpocidade.invisionapp.com/freehand/Mapa-8Q2dc6Hr6>

A seguir, transcrevemos os principais relatos e anotações da gravação das oficinas, realizada em 20 de janeiro de 2021, das 17h às 18h30, com ruídos de comunicação, intervalos de fala e descontinuidade características da interface remota.

Juliana Lisboa inicia a conversa perguntando sobre os objetivos da oficina e suas reflexões:

Nessa questão da rede, olhando nós mulheres, aqui, enquanto rede, estou conhecendo hoje Crislayne e Déborah. Agora, Stael e Rozi somos vizinhas. A gente tem o Centro como ponto em comum (Juliana).

Crislayne se apresenta: “Zeferina, periferia do Território do Bem, ativista social, e estou construindo espaços para emancipar o território; direito mais justo” e não sabia da Juliana Lisboa: “[...] Está dentro do Território do Bem, está bem”.

Juliana Lisboa, “Olhando daqui do Centro, desde 2015, vejo Território do Bem como articulação de forças, metodologia dos processos de vocês, de coisas que funcionaram”.

Stael lembra que no ano retrasado, no Plano Comunitário do Centro, em um dos encontros, vieram pessoas para apresentar o funcionamento do Território do Bem. O projeto da Juliana, na Piedade, tem um ponto em comum, lembra muito o que é feito no *Território*: “melhoria na coleta de lixo, pintura da casa, do caminhar, do processo; estima do território da ação social”.

Déborah diz que gostou muito do mapa e da troca as ideias com o grupo e lembra que as ações dela foram divulgadas pelo *Instagram* pessoal e pela GOLD.

Acho que o que tem de ponto em comum entre todas as pessoas é a resistência e essa resistência está ligada em lugares específicos talvez, que a gente vem de outro município, eu moro na Serra, mas eu venho fazer resistência em Vitória, e essa resistência, às vezes, pode ter um ponto em Vitória e outro no Território do Bem, então a gente se une, essa rede sempre se bate entre territórios, acho que isso é o ponto que eu percebo. Então, está a Zeferina e a Juliana lá no Território do Bem, Stael aqui no Centro, quando eu vi esse vídeo da repórter fiquei imaginando a Stael, ela ama o Centro de Vitória, ela é apaixonada por essas ruas de Vitória. [...] então, essa resistência, nesse momento tão confuso e como a gente se preparar, dialogar com essa população, com esse povo, como esse povo preto, com esse povo do samba, com esse povo que precisa de informação com uma linguagem

Zeferina comenta que gostou da oficina e que o que “nos coloca em comum é sempre a luta pelo fim da desigualdade”.

A gente sempre tá nessa mesma luta, a gente só quer viver e deixar de sobreviver. A gente, eu até fiz aqui um desenho, porque sempre quando você analisa são mulheres que estão de frente, mulheres diversas, com histórias diversas, mas sempre são elas que estão dando a cara a tapa para mudar esse sistema, que nos agride por muitos anos. Então assim quando eu penso algo em comum, eu penso nessa rede de fortalecimento, de luta feminista que existe[...] e a gente já está cansada de sobreviver, a gente só quer viver; acho que esse é um ponto em comum que a gente tem, é o amor pelo nosso território, cada um ama o seu território de alguma forma, né? Constrói algo de alguma forma a partir do que entende do que é necessário para o seu território. Então acho que o que nós temos bem em comum são as lutas porque o endereço ele muda, mas as truculências do Estado na negação de direito, a truculência do município nessa negação dos direitos são sempre as mesmas, e aí a gente tem que brigar sempre pela nossa sobrevivência e ato que a gente só quer viver.

Stael, agradece ao grupo pela oficina: “é uma honra estar fazendo parte desse trabalho com as meninas”.

Eu mesma não tinha conseguido parar para pensar como tinha sido o meu movimento dentro da pandemia e aí quando você enviou aquilo, aquele monte de números, eu pensei, caramba, a gente mudou tanto assim, eu acredito que as meninas também tenham sentido isso, que a gente por si não tinha conseguido imaginar o quanto que nós nos relacionamos mesmo à distância, e como a Debora afirmou, que se relacionou com pessoas que se não fosse a pandemia eu fiquei surpresa quando olhei aquele mapa [...] Uma preocupação minha na pandemia, no ano passado, era de não ser estática, de mesmo vivendo toda aquela situação, mas eu queria continuar em movimento, em estudo, em militância, e aí a gente viu que de fato funciona [...] e sobre o Instagram e eu até respondi talvez, porque eu penso assim, como é também um mundo onde as pessoas colocam o que elas querem, colocam imagens que elas acham que vão aparecer bem, nem sempre elas são tão sinceras [...] não dá para negar que foi uma ferramenta importante para a gente se manter em movimento mesmo estando isolada.

Juliana reconhece que muita coisa aconteceu:

Parece que foram dez anos em um ano, parece que vai demorar muito tempo para a gente processar tudo o que está acontecendo agora. A gente tá muito no agora. Achei muito corajoso da sua parte fazer esse trabalho de registro, um trabalho de memória do agora, do presente, assim porque é um período muito único esse que a gente está vivendo, que a gente naturaliza o agora e vamos só viver, só pensa em viver e você está refletindo, está registrando, está provocando. De fato, daqui a alguns anos, quando a gente voltar e lembrar, que essa coisa passar, e acho também esse futuro, essas dinâmicas de rede, de trabalho vão ser muito afetadas por essas dinâmicas de redes que a gente passou.

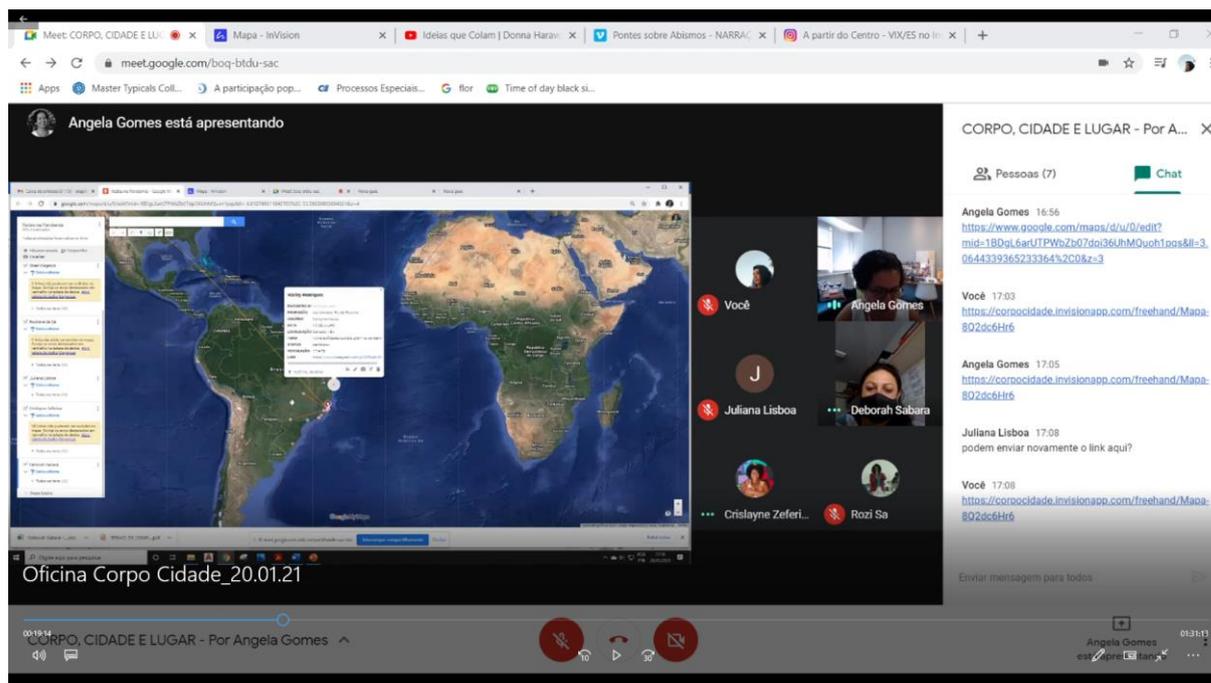
Juliana cita como exemplo a possibilidade de atuar com colegas de outros estados, que possuem afinidades com o Cidade Quintal, pessoas que estão em São Paulo, Mato Grosso e Recife.

E vão ficar ainda muitas demandas, essa demanda da inclusão digital, quantas pessoas ficaram excluídas nesse processo, educação ... nossa, tem um celular para uma família, ter que lidar com EAD do nada, enfim, essa demanda é muito do que ainda temos que correr atrás no Brasil na questão da inclusão digital, virou uma questão de acesso à serviços básicos, consulta, precisa de internet para agendar uma consulta no postinho, auxílio emergencial, várias coisas.

Nesse ponto comentamos sobre autores que já falavam dessa hiperconexão em outro contexto, como Pierre Levy, e de como a pandemia potencializou isso. Comentamos também sobre como a infraestrutura de saúde, associada à falta de saneamento básico, é genocida, pois desconsidera a parcela mais pobre da população em política de assistência na pandemia. Conversamos também sobre retrocesso político, notícias falsas e a como a rede está sendo usada de forma negativa.

Com a realização da oficina (Figura 31) e suas interlocuções, percebemos vários aspectos subjetivos que estavam invisíveis na cartografia tradicional, no mapa extensivo, questões que emergiram, como por exemplo, a somatória de forças das mulheres e sua atuação no território, mesmo limitadas e sem se deslocar; as trocas e novas ações de resistência e de solidariedade possibilitadas pelo ciberespaço; as outras cidades que já existiam e não eram visíveis.

Figura 31 – Oficina realizada com as participantes da pesquisa com Invision



Fonte: captura de tela elaborada pela autora

5. OUTROS CAMINHOS

A internet modificou e estabeleceu novos arranjos ao espaço público brasileiro e esse rearranjo foi “potencializado pela pandemia”, sendo necessário “repensar a formação política, o papel da imprensa e o cuidado com a palavra” em ambiente digital com “nova configuração sobre público e privado”. Hoje, “73% da população brasileira tem acesso a *smartphones* e são convidadas a emitir opiniões” e alguns desses novos atores políticos participam da conversa “com um histórico de exclusão e ressentimento das autoridades e instituições” (DUNKER, 2018).

Por outro lado, estamos também constituindo novas relações entre os espaços públicos e os espaços privados durante a pandemia, cujas mudanças começaram de modo remoto e a partir do ambiente privado.

Devido à chegada da linguagem digital, também surgem novas gramáticas de interpelação baseadas no medo de ficar de fora, no empuxo ao ódio, no narcisismo digital ou na convocação identificatória induzida por algoritmos das redes sociais (DUNKER, 2020).

O uso das redes sociais se expandiu, significativamente, sendo necessário refletir sobre o ciberespaço enquanto esfera pública digital. Todo um conjunto de informações geradas na pandemia devido às restrições do confinamento, ocorridas no país, principalmente, entre março e agosto de 2020, ocasionaram uma aceleração na produção de dados em formato de entrevistas, *lives*, aulas e *webinars*, entre outros.

Se, por um lado, a dificuldade de curadoria do conteúdo de qualidade beira o impossível, dado a quantidade colossal de informação publicada a cada minuto, por outro, [...] No cálculo das redes sociais, o elemento humano está fora da equação. A inteligência artificial busca maximizar cliques e minimizar problemas com a justiça. O compromisso dessas plataformas com a qualidade do debate público é próximo de zero. Na forma atual das coisas, a utopia da esfera pública digital universal é cada vez mais distante (REGO, 2020).

Para Beiguelman (2019, p. 196), a internet teve tanto êxito por ser de fácil utilização. Por outro lado, a facilidade

[...] é também o que converteu a internet num espaço povoado de “cidadelas” fortificadas, onde as pessoas vivem dentro de alguns poucos sites e serviços populares dominantes. Neles, qualquer um pode tomar parte, porém, apenas de acordo com as regras prescritas pelos algoritmos previamente programados. O uso é gratuito, não é livre (BEIGUELMAN, 2019, p. 196).

Nos tempos atuais, as discussões têm como centro a “perda de dados, de arquivos não encontrados e dispositivos que subitamente param de funcionar”. O medo de não ter mais acesso às informações reflete a “imagem mais perfeita da cultura digital” e mostram a dualidade desses tempos, enquanto “a obsolescência ocupa o centro das discussões contemporâneas [...], passamos a arquivar novidades” (BEIGUELMAN, 2019, p.196).

Ao abordar o distanciamento das habilidades do fazer manual diante das tecnologias contemporâneas, Ingold (2015, p. 110) afirma que “a essência da habilidade, portanto, vem a residir na capacidade de improvisação com que os profissionais são capazes de desmontar as construções da tecnologia e, criativamente reincorporar as peças em suas próprias esferas da vida”. Ingold (2015, p. 86) reflete que as pessoas, no seu cotidiano, “apenas roçam a superfície de um mundo que foi previamente mapeado e construído para elas ocuparem, em vez de contribuírem através de seus movimentos para sua contínua formação”.

Promover a oficina no âmbito da pesquisa é um movimento que reflete essa possibilidade de desmontar e reconfigurar a tecnologia. Neste sentido, a oficina, as inserções de imagens, de vídeos, os depoimentos e o questionário foram fundamentais, enquanto procedimentos, para desdobrar e revelar aspectos subjetivos ocultados pelas técnicas do mapa tradicional. Algumas questões referentes à mapeamento ficaram expostas. Entre elas, as estratégias de dissolução da autoria, a horizontalidade do diálogo, a apropriação de imagens e de discursos, as tensões e também as negociações do encontro. A oficina evoluiu como uma forma de repensar o “caminhar e o parar”, de se relacionar com o mapa e com a criação de uma espécie de contra-mapa, agora elaborado como resultado de um encontro. O mapa intensivo é um outro “modo de olhar” porém não tem a pretensão de mostrar, de revelar tudo.

Na oficina, buscamos compreender os relatos para expressar os novos percursos, sendo a deriva, o caminhar e o parar as nossas referências. A deriva não se opõe ao devir, “mas o deixa acontecer e desdobrar-se, acompanhando-o para seus próprios fins: atravessar o mar, um território fluido em perpétuo movimento – e, portanto, um território do ‘aqui e agora’, como tantas vezes são os fenômenos urbanos. De fato, para quem navega, “o andar é tão importante quanto o parar”, no sentido de ter desejo

a curiosidade “para conhecer de perto outros territórios, de ter a possibilidade de novos encontros” (CARERI, 2017, p.32).

O conceito de deriva é ampliado para a possibilidade do encontro, “onde saber aproveitar o vento significa saber usar as relações que se foi capaz de construir ao longo do caminho” (CARERI, 2017, p.33). Portanto, “a arte de ir ao encontro de alguém produz conhecimento recíproco entre as pessoas que se movem em nosso novo mundo e nos ajuda a imaginar, com elas, uma outra maneira de habitá-lo” (CARERI, 2017, p. 34).

Neste sentido, os mapas produzidos na oficina são representações, de acordo com Massey (2008, p.160), “e o são no sentido criativo e sofisticado em que aprendemos a significar aquela palavra. Obvia e inevitavelmente, também, eles são seletivos (como é qualquer forma de representação)”. Além disso, alguns mapeamentos induzem romper o sentido de coerência e de totalidade deixando aberturas para o novo, para o inesperado (MASSEY, 2008, p. 162).

Nessa abertura para o novo, Careri (2017, p. 87) afirma que “o percurso mais breve nunca é o melhor, que há muitas coisas para ver ainda, que perdendo tempo, ganha-se espaço” e cria-se a possibilidade de encontrar o outro. A exploração não necessita de metas, mas de tempo a ser perdido, desvios, mudanças de rumo, paradas para encontrar o outro (CARERI, 2017, p.107).

Há o sentido de experimentação e de improvisação “para que este processo se oriente na direção dos movimentos de afirmação da vida, é necessário construí-los com bases nas urgências indicadas pelas sensações” (ROLNIK, 2014, p. 20).

No sentido de deslocamentos de pontos de vista, de expectativas e de desejos, fizemos na oficina um recorte temporal e um encontro entre cinco mulheres.

Colocar fora do lugar, demover muros, abrir buracos, construir pontes, colocar em relação lugares e pessoas que antes não se comunicavam. Uma vez tendo entendido que tudo se desloca constantemente, inclusive as palavras, então percebe-se claramente que caminhar e parar podem ser abordados com a mesma mente nômade. Podemos parar em um lugar onde tudo continuará deslocando-nos e onde poderemos contribuir para seus microdeslocamentos (CARERI, 2017, p.122).

Na pesquisa, o corpo é ativado partindo das histórias das pessoas, no encontro que não é no corpo a corpo na cidade, mas no “parar” e se “deslocar” na rede, no ciberespaço.

Não se pode conhecer o espaço a não ser atravessando-o com o nosso corpo, não se pode começar a transformá-lo *in situ* a não ser partindo novamente do corpo, das relações que sua presença cria, dos objetos que pode usar e construir. O parar implica um mundo de proximidades em expansão, do corpo ao infinito. O mundo tornou-se o canteiro permanente de “re-criação” do corpo, um lugar de criação, de ação e de transformação em comum (CARERI, 2017, p.124).

Ao longo da pesquisa fomos tecendo novas articulações entre as informações das pessoas pesquisadas na tentativa de estabelecer uma nova cartografia, agora intensiva. Neste sentido, as pessoas pesquisadas são guias para conhecimento dos lugares, apontando brechas e recortes para idas e vindas, e podem nos apresentar “uma leitura da cidade construída com um ponto de vista em movimento e imerso nas dinâmicas do território” (CARERI, 2017, p.18).

No entanto, os lugares mudam, eles prosseguem sem a nossa presença, sendo necessário uma geografia que reflita sobre essas relações e sobre o “desafio de ligar lutas locais à possibilidade de uma política local com mentalidade aberta, de alcance para além do lugar” (MASSEY, 2008, p. 212).

Mesmo se deslocando no ciberespaço, as pessoas pesquisadas possuem algum vínculo com lutas relacionadas ao Centro, às questões do movimento feminista e às questões urbanas. O Centro, considerado em decadência e abandonado, quase residual, no sentido de lugar que não recebe atenção da administração pública, é um lugar repleto de pessoas com narrativas e trajetórias em constante transformação.

Careri (2017, p. 30) argumenta que é necessário inventar instrumentos e modalidades para ‘autorrepresentar’ as realidades pesquisadas, sem necessariamente produzir “objetos nem propriamente projetos, mas sim procurando construir percursos, relações”. Neste sentido, quanto a potência dos métodos que se apropriam de outras linguagens não tradicionais do planejamento,

A arte é capaz de pegar desprevenida a cidade, pegá-la de modo indireto, lateral, lúdico, não funcional, de tropeçar em territórios inexplorados, em que nascem novos fenômenos e novas questões, de entender seus valores

simbólicos e de produzir ações e imaginários imateriais, muitas vezes mais úteis do que a planificação e a edificação física dos lugares” (CARERI, 2017, p.60).

No rebatimento no corpo, percebemos na oficina depoimentos de cansaço, de sentir no corpo o ano atípico e também uma disposição para a resistência, apontados no mapa colaborativo produzido. Há um sentido de luta permanente.

Castiel Vitorino (2020), artista visual que foi moradora do bairro Fonte Grande, Centro de Vitória, performa, em artigo e vídeo, uma parte dessas resistências e lutas frente às questões referentes a sua vida, que são, de certa forma, questões comuns às pessoas pesquisadas na pandemia. Na obra “Como se preparar para guerra: escritos de uma sobrevivente feitos na travessia de 2018 para 2019”, a artista se apropria de vocabulários comuns aos cartógrafos, no sentido dos afetos e da poética. Suas reflexões permanecem atuais.

Todo ecossistema é um conjunto de elementos que juntos criam situações particulares que possibilitam a vida, a morte e a matança. Essa relação é responsável pela minha complexidade que se forja com os itens – identidades, memórias, desejos, afetos – que constituem meu território de existência: corpo. [...] Além disso, eu vivo um contemporâneo marcado pela hibridização da espécie homo-sapiens com as máquinas. [...] Eu sou um tecnocorpo que deseja torna-se uma flor. Eu sou um corpo-flor que cotidianamente corta seus fios que o ligam ao sistema produzido pelo biocapitalismo. [...] E, se percebo minha existência sendo manipulada pelo colonialismo como uma tenebrosa experiência de sobrevivência, então meu desejo de vida é um ato de guerrear (VITORINO, 2020).

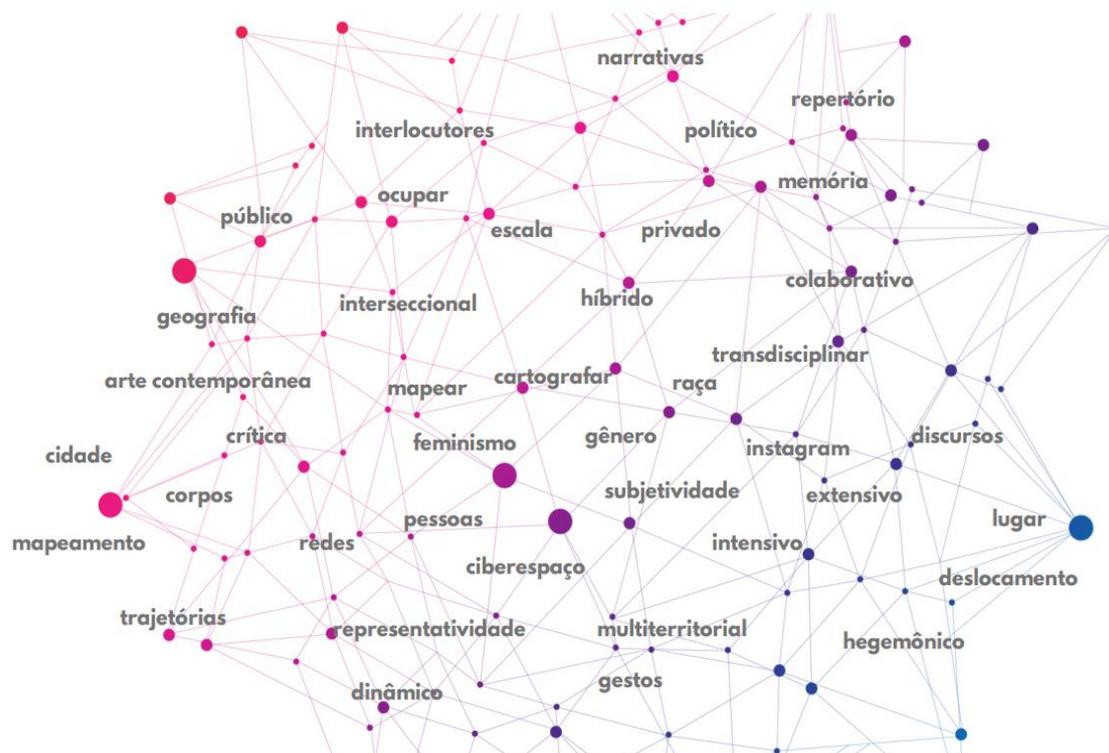
O mesmo trabalho é apresentado em vídeo, com sons e cenários naturais do ambiente em que foi gravado, entre gestos de capoeira, aqui tratada como uma arte marcial, acompanhada dos sons tradicionais do berimbau.(Figura 32)

Figura 32 – Captura de imagem do vídeo “Como se preparar para guerra”, de Castiel Vitorino (2018)



Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5a8oK9fiOMA>>.

Figura 33 – Diagrama: nuvens de temas e palavras



Fonte: elaborado pela autora

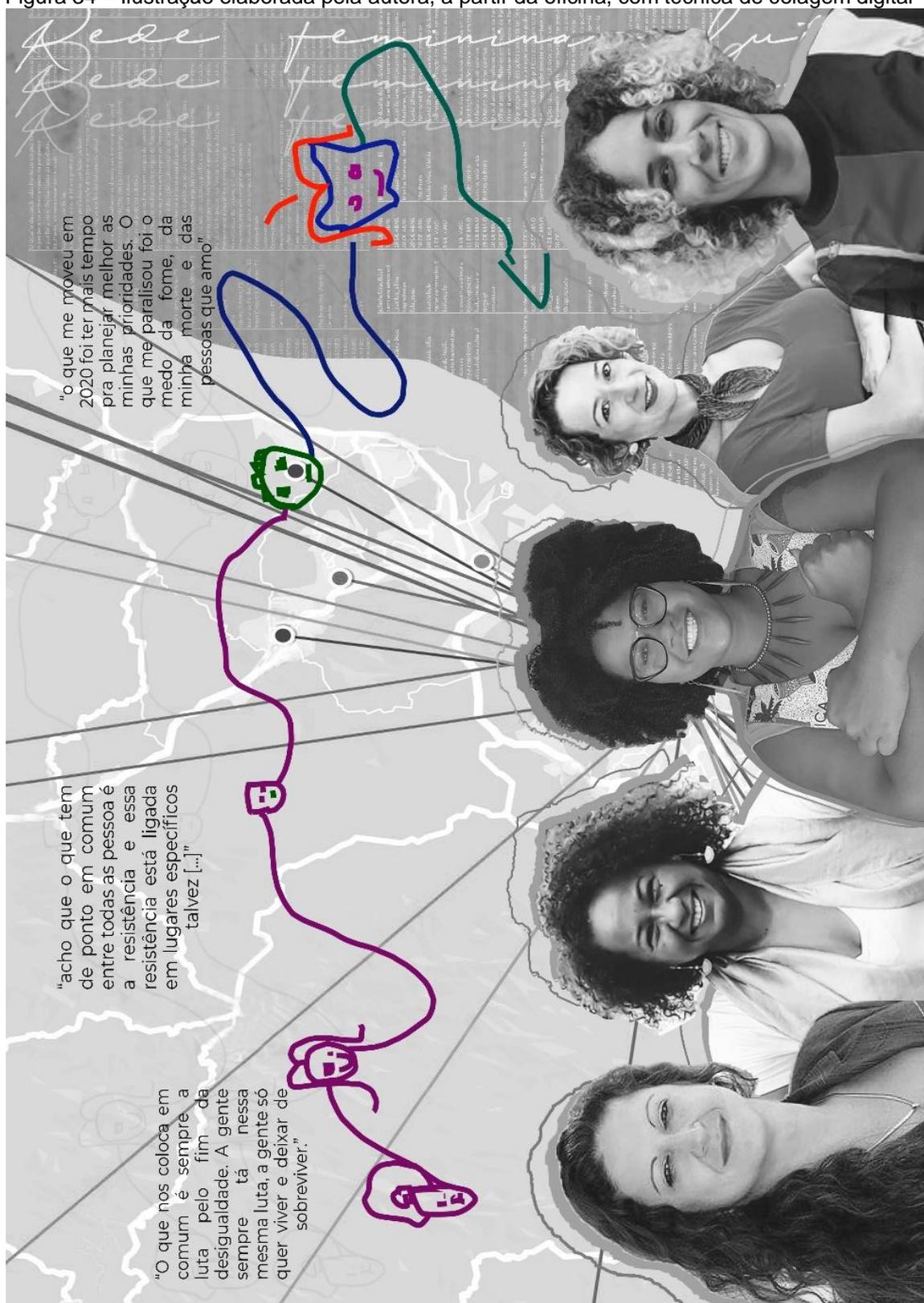
Corpo-Cidade-Lugar, título desta tese, aborda a forma como cinco mulheres, entre tantas na cidade, circulam intensamente nas redes na pandemia. São mulheres que se encontram com outras pessoas, criam interlocuções, narrativas, debatem, divergem, ampliam temas e estratégias contemporâneas, hibridizando espaços físico e virtual nestes movimentos dinâmicos, que são políticos.

A concepção de “outro mundo possível” está em construção apoiada na compreensão da realidade que vivemos

Mas um outro mundo possível depende de seu conteúdo de subversão, da negação da ordem vigente, dos valores desta sociedade, rechaçando a lógica de uma integração ao capitalismo, em sua razão desumanizadora. [...] Nessa direção, o plano teórico articula-se ao real, à práxis como prática socioespacial. Refere-se à realização da vida humana: a virtualidade, diferente de necessidade, é a dialética do possível e impossível. (CARLOS, 2021, p. 485)

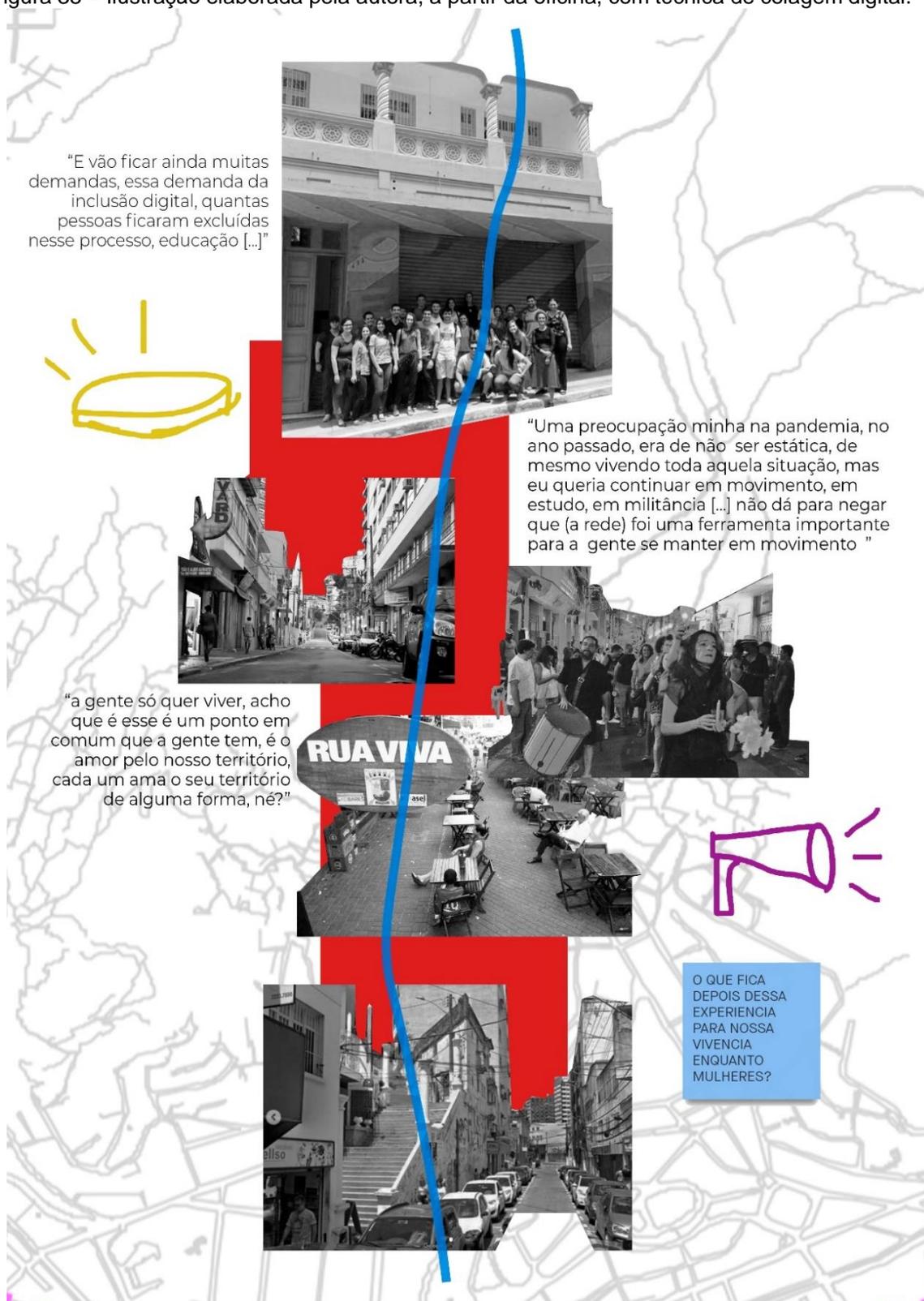
Compete a nós, na academia, não somente interpretar a realidade, mas participar e refletir sobre as contradições da mesma, num processo de diálogo permanente com a sociedade, em debate com interlocutores comprometidos com as transformações e os questionamentos de discurso hegemônicos. Neste sentido, o mapa tradicional, extensivo, apresenta-se como imagem hegemônica, encobrendo gestos, corpos, pessoas, críticas, vivências, discursos e temas transversais, como representatividade e trajetórias diversas. (Figuras 34 e 35).

Figura 34 – Ilustração elaborada pela autora, a partir da oficina, com técnica de colagem digital



Fonte: Elaborada pela autora com imagens disponíveis *on-line*

Figura 35 – Ilustração elaborada pela autora, a partir da oficina, com técnica de colagem digital.



Fonte: Elaborada pela autora com imagens disponíveis *on-line*

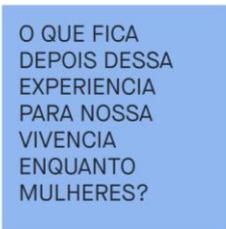
Estas mulheres pesquisadas, juntamente com a pesquisadora, quando atravessadas pela proposta da oficina, intensificaram formas de observação, lugares e procedimentos, para transformar e driblar visões de cidade. Porém, uma parte do que não é visto, o que não cabe nos mapas, nas narrativas do olhar, que são outros estímulos, que incorporam novos sentidos aos corpos em deslocamento e/ou são vivências que já existiam, tornaram-se aparentes na oficina, no encontro realizado.

Costurar, colar, estriar, alisar, emendar, criar novas interseções e mapear permanecem como dispositivos, abrindo caminhos e novos encontros de possíveis, de uma cidade outra. Como produzir uma pesquisa que seja útil às pessoas pesquisadas e não somente a mim, pesquisadora? (Figura 36).

As respostas tangenciam ações coletivas e não somente individuais. Extrapolar os limites acadêmicos em outros mapeamentos, que articulem os âmbitos extensivo e intensivo, ampliando os diálogos entre dados públicos e outras pessoas convidadas, artistas e pesquisadoras, é um dos caminhos. A atuação da pesquisadora no projeto *A partir do Centro* e no *Distrito Criativo do Centro*, rede que fomenta a economia criativa no Centro Histórico de Vitória, é o lado coletivo e intensivo de uma prática. A outra proposta, é transformar a primeira parte desta pesquisa, o mapa extensivo, em exposição pública coletiva e itinerante, desdobrada e recriada, com curadoria de conteúdo, temas e pessoas, compartilhada.

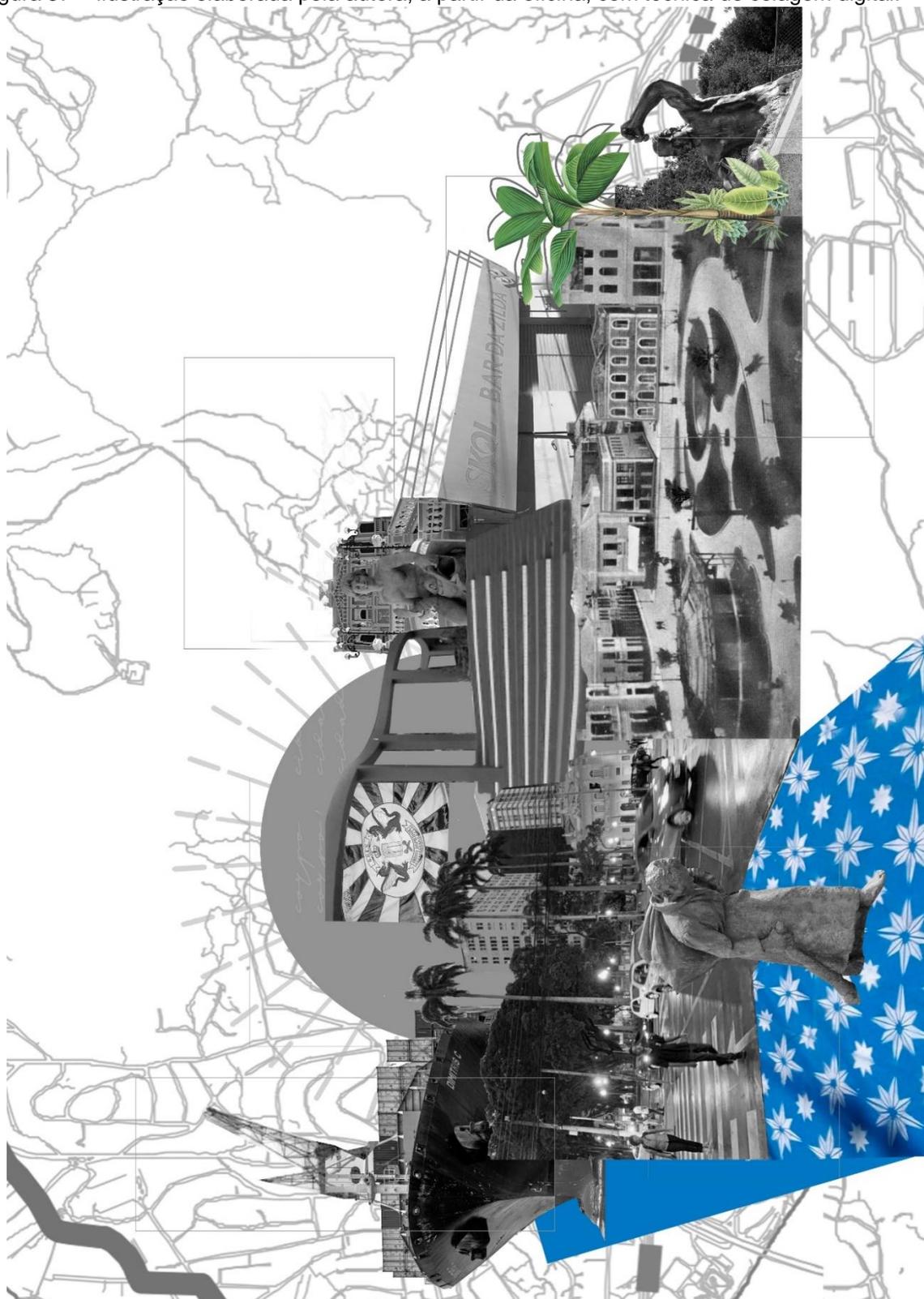
Se o intensivo é um “um exercício político em nós” com rebatimento coletivo, é necessário reforçar a importância de questionar, refletir e romper com situações já configuradas para que outras possam surgir e/ou se destacar. Trata-se de um exercício político de dizer, de expor mais situações que aparentemente são hegemônicas.

Figura 36 – Recorte da oficina



O QUE FICA
DEPOIS DESSA
EXPERIENCIA
PARA NOSSA
VIVENCIA
ENQUANTO
MULHERES?

Figura 37 – Ilustração elaborada pela autora, a partir da oficina, com técnica de colagem digital.



Fonte: Elaborada pela autora com imagens de acervo pessoal de fotografia do Centro de Vitória e disponíveis *on-line*

Neste sentido, recortar, rearticular, mapas e desejos cria uma cartografia com linhas soltas, abertas a novas conexões, em que outras pessoas, novas redes, observarão e participarão destes deslocamentos.

Corpo-Cidade-Lugar também resgatou memórias pessoais da pesquisadora. A palavra isolamento domiciliar ativou um momento vivenciado pela pesquisadora, que durante seis meses, deslocou-se entre alguns cômodos, desconectada da vida, presa na própria mente, incapaz de enxergar um caminho, uma saída. Os momentos de contato com o “real” aconteceram na internet. Este isolamento ocorreu antes da pandemia e os deslocamentos realizados foram mediados pela *internet*. Aos poucos, com a ajuda da ciência, de amigos e de familiares, “voltei a percorrer as ruas e aprendi a me relacionar com as variáveis incontroláveis da vida”.

Hoje, as incertezas permanecem. “Mapear” as cinco mulheres na pesquisa e finalizar uma etapa da tese, deixando caminhos abertos, movimenta e fortalece as possibilidades de enxergar outros horizontes.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen, 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GAYS, LÉSBICAS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSSEXUAIS (ABGLT). Disponível em: <<https://www.abgl.org/historia>>. Acesso em: 7 nov. 2020.

ASSOCIAÇÃO GRUPO ORGULHO, LIBERDADE E DIGNIDADE (GOLD). Vitória, 18 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/associacaogold/?hl=pt-br>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA). Disponível em: <<https://antrabrasil.org/sobre/>>. Acesso em: 07 nov. 2020.

BARBOSA, Fernanda de Castro. **Memórias de um lugar: 25 Anos do Museu Capixaba do Negro**. 2018. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufes.br/revapees/article/download/32254/21397/94704>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução Sérgio Millet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. Disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2018/03/beauvoir-o-segundo-sexo-volume-11.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2020.

BEIGUELMAN, Giselle. **Memória da amnésia: políticas do esquecimento**. 1. ed. São Paulo: Sesc, 2019.

BERTH, Joice. **Mobilização de comunidades é resultado do abandono político**. Entrevista concedida a Laís Martins. UOL, 2020a. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/07/13/joice-berth-mobilizacao-de-comunidades-e-resultado-do-abandono-politico.htm>>. Acesso em: 12 out. 2020.

_____. **O outro do outro**. A violência contra a mulher negra não começou na pandemia. Revista Piauí, 2020b. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-outro-do-outro/>>. Acesso em: 12 out. 2020.

BONISSON, Marcos Hélio. **Oiticica em Nova York (1970-1978): Experiência em campo ampliado**. Dissertação (Mestrado em Estudos Contemporâneos das Artes) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013. 127f. Disponível em: <<http://www.artes.uff.br/dissertacoes/2013/marcos-bonisson.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CAMPOS, Martha Machado; FIM, Minieli; SORTE, Nathalia Spala. **Infraestrutura dos portos.** Herança cultural da cidade. 2018. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/18.214/6937>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo: Edusp, 2012.

CARERI, Francesco. **Caminhar e Parar.** São Paulo. Gustavo Gilli, 2017.

_____. **Walkscapes – o caminhar como prática estética.** 1. ed. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013.

CARLOS, Ana Fani A. **O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade.** GEOUSP – Espaço e Tempo São Paulo v. 18 n. 2 p. 472-486, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/89588>, acesso em: 24 abr 2021

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo:** a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Géledes, 2011a. Disponível em: <<https://www.geledes.Org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>. Acesso em: 05 out. 2020.

_____. **Mulheres em movimento:** contribuições do feminismo negro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Pensamento Feminista Brasileiro:** Formação e Contexto. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. 400 p. p.271-279.

_____. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil.** In: BENEDITO, Vera Lúcia (coord.). **Consciência em debate.** 3. ed. São Paulo: Selo Negro, 2011b.

CIDADE QUINTAL. Disponível em: <<https://www.instagram.com/cidadequintal/?hl=pt-br>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

COLETIVO AFOXÉ. Disponível em: <<https://www.instagram.com/coletivoafoxees/?hl=pt-br>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

COLETIVO BECO. Disponível em: <<https://www.instagram.com/coletivo.beco/?hl=pt-br>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecilia Maria B. **O feminismo no Brasil:** uma (breve) retrospectiva. In: COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecilia Maria B (Org.). **O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas.** Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismovinteanos.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2020.

COSTA, Michel dal Col. **Dignas Negras: mulheres de ascendência africana nos últimos anos da escravidão capixaba.** Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, ano 11, número 3, Vitória 2018. Disponível em:

<https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Revista_APEES_numero_3.pdf>. Acesso em: 12 de jan. 2021.

COUTINHO, Glecy. **Entrevista Glecy Coutinho** – Visita à Vitória na década de 1940 Entrevista concedida a *A partir do Centro*. Instagram @apartirdocentro, Vitória, 09 jul, 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CCbrb9QjomD/>>. Acesso em: 18 de jan. 2021.

DISTRITO CRIATIVO DE VITÓRIA. Vitória, 2020. Disponível em: <<http://www.districtocriativodevitoria.com/>>. Acesso em: 20 de fev. 2020.

DUNKER, Christian. **Como os comentários na internet viraram expressão de violência e opressão**. UOL, 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/tilt/colunas/blog-do-dunker/2020/09/04/sobre-interpelacoes-digitais-e-outras-violencias-discursivas.htm>>. Acesso em: 10 out. 2020.

_____. **Internet trouxe rearranjo ao espaço público brasileiro, afirmam pensadores**. In: MASSUELA, Amanda. Revista Cult, 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/seminario-cult-internet-espaco-publico/>>. Acesso em: 05 de out. 2020.

FERRAZ, Camila Benezath Rodrigues. **Devir-criança e infantilização pela Rua Sete em Vitória (ES)**: narrativas para a ilha rever. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. 340f. Disponível em: <<http://www.laboratoriourbano.ufba.br/wp-content/uploads/2020/09/camilabenezath.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2021.

FÓRUM ESTADUAL DE JUVENTUDE NEGRA DO ESPÍRITO SANTO (FEJUNES). Disponível em: <<https://www.instagram.com/fejunes/?hl=pt-br>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

FRANCA, Fernando de Mello. **Contrários e complementares**. In: ROSA, Marcos (Org.). **Microplanejamento e práticas urbanas criativas**. Cultura, 2011.

FRASER, Andrea. **Da crítica às instituições a uma instituição da crítica**. In: **Concinnitas**: arte, cultura e pensamento. Rio de Janeiro: v. 1, nº 13, 2008.

GASPODINI, Ícaro Bonamigo; JESUS, Jaqueline Gomes de. **Heterocentrismo e Ciscentrismo**: Crenças de superioridade sobre orientação sexual, sexo e gênero. 2020, Revista Universo Psi. Taquara, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/39miMMA>>. Acesso em: 23 de fev. 2021.

GIRARDI, Gisele. **Mapas desejantes: uma agenda para a Cartografia Geográfica**. Pró-Posições, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 147-157, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072009000300010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 12 jan. 2021.

_____. **Mapas alternativos e educação geográfica**. Revista Percurso. Florianópolis, V.13. n.02, 2012. Disponível em:

<<https://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/2759/2196>>
Acesso em: 27 out. 2020.

_____. **Modos de ler mapas e suas políticas espaciais.** Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, nº 36, 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/19960/14300>>. Acesso em: 09 out. 2020.

GOMES, Paulo César Costa. **Espaço Público, Espaços Públicos:** Conceitos fundamentais da Geografia. Vol. 20, nº 44. Niterói: GEOgraphia, 2018. Disponível em: <<file:///C:/Users/Daus/Downloads/27557-95568-1-PB.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira.** In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Pensamento Feminista Brasileiro:** Formação e Contexto. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p.237 a 256.

HAESBAERT, Rogério.-**Território e Multiterritorialidade:** um debate. Ano IX, nº 17. Rio de Janeiro: GEOgraphia, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531/0>>. Acesso em: 03 out. 2020.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue.** Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. **Antropologia do ciborgue:** as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HERMANNY, Renata. **Arquitetura:** Patrimônio Cultural do Espírito Santo. Secretaria de Estado da Cultura. Conselho Estadual de Cultura. Vitória, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2PdmxwY>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

INGOLD, Tim. **Estar vivo:** ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. 1.ed. São Paulo: Vozes, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Manual Técnico em Geociências.** Disponível em: <<https://bit.ly/3dbV1I8>>. Acesso em: 21 de fev. 2021.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes.** Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7894/3/Elogio_aos_Errantes_RI.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2019.

KILOMBA, Grada. **Grada Kilomba:** “O colonialismo é a política do medo. É criar corpos desviantes e dizer que nós temos que nos defender deles”. [Entrevista concedida a] Joana Oliveira. El País, São Paulo, 12 set. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/cultura/1566230138_634355.html>. Acesso em: 13 set. 2020.

KITCHIN, Rob. **Towards Geographies of cyberspace. Progres in Human Geography.** 1998. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/248134367_Towards_Geographies_of_Cyberspace>. Acesso em: 25 de out. 2020.

KITCHIN, Rob; PERKINS, Chris; DODGE, Martin (Orgs.). **Rethinking maps.** New York: Routledge, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/237713740_Rethinking_Maps>. Acesso em: 20 set. 2020.

KWON, M. **One place after another: site-specific art and locational identity.** Cambridge: MIT, 2004.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. **Cibercultura, cultura e identidade.** Em direção a uma “Cultura Copyleft”? Vol.2, nº 2. Contemporânea, 2004.

_____. **Mídia Locativa e Territórios Informacionais.** XIX Encontro da Compós, na UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2010. Disponível em: <http://compos.com.puc-rio.br/media/gt4_andre_lemos.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** (Trad. Carlos Irineu da Costa). 2a. edição. São Paulo: Editora 34, 1999. Disponível em: <<https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2016/03/cibercultura-pierre-levy.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2020.

LIQUID MEDIA LAB. **Ideias que colam – Donna Haraway.** *YouTube.* 2020. (2m25s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tlu0eJ4E6RQ>>. Acesso em: 18 de jan. 2021.

LOPES, Ana Carolina F. R. **A cidade sob a poética do andar: as deambulações de Hélio Oiticica.** Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo). Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (USP), São Carlos, 2012. 185 f. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-07052014-100822/pt-br.php>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

MACHADO, A. A., & CAMBOIM, S. P. **Mapeamento colaborativo como fonte de dados para o planejamento urbano: desafios e potencialidades.** urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana, 11, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-3369.011.e20180142>>. Acesso em: 10 out. 2020.

MARQUEZ, Renata M. **Geografias portáteis: arte e conhecimento espacial.** Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. 248 f. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MPBB-83LGAR>>. Acesso em 11 out. 2020.

_____. **Arte e Geografia.** In: FREIRE-MEDEIROS, Bianca e COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da (Org.). **Imagens Marginais.** Natal: EdUFRN, 2006. Disponível em: <<http://geografiaportatil.Org/files/arte-e-geografia.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2020.

MASSARA, Bruno. **Complexidade e Improvisação em Arquitetura.** Tese (Doutorado em Design e Arquitetura), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2015. 256 f. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-08032016-152801/pt-br.php>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

MASSEY, Doreen. **Space, Place, and Gender.** 1.ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

_____. **Filosofia e política da espacialidade:** algumas considerações. V. 6, nº 12. GEOgraphia, 2004.

_____. **Pelo Espaço:** uma nova política da espacialidade. 1.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. **Um sentido global de lugar.** In: ARANTES, Antonio (Org.); **O espaço da diferença.** Campinas, SP: Papius, 2000.

MEDEIROS, Bianca; COSTA, Maria Helena Braga. **Arte e Geografia.** Natal: Ed. UFRN, 2006.

MIGLIEVICH, Adelia. **Desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna.** Dossiê: Diálogos do Sul Por uma razão decolonial. Porto Alegre: Civitas, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/3fleXeh>>. Acesso em: 20 jan. 2021

MIRANDA, Clara Luiza; ALMEIDA, Lutero Proscholdt; MARTINS, Lucas. **As ocupações no centro de Vitória, ES:** moradia ou ruína?. Salvador: ENANPARQ, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3dc3k6W>>. Acesso em: 12 out. 2020.

MONTANER, Josep Maria. MUXÍ, Zaida. **Arquitetura e política: Ensaios para mundos alternativos.** São Paulo: Gustavo Gilli, 2014.

MORESCHI, Bruno; SANTOS, Amália; PEREIRA, Gabriel. **A História da _rte.** Itaú Cultural, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://historiada-rte.Org/>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

MOTA, Aline. **Pontes sobre Abismos.** Vídeoinstalação. Vimeo, 2017. (08m28s). Disponível em: <<https://vimeo.com/284789268>>. Acesso em: 18 de jan. 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. **A mulher negra no mercado de trabalho.** In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto.** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. 400 p.

OLIVEIRA, Vladimir S. **Cartografias:** da arte de fazer mapas aos mapas na arte. In: Cultura Visual, nº 18. Salvador: EDFBA, 2012. Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12053/1/BBBBBBBBBBBBBBBB.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2020.

PASE, André Fagundes; PECHANSKY, Rafaela Chiapin. **Além do digital: a alteridade ressignificada através dos algoritmos das redes sociais**. In: SILVA, Mauricio Ribeiro da et al. (Org.). **Mobilidade, espacialidades e alteridades**. Salvador: EDUFBA, 2018.

PINHEIRO, Luana Simões. **Os dilemas da construção do sujeito no feminismo da pós-modernidade**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2016. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2210.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2021.

POLÍTICA ESPACIAL DAS IMAGENS CARTOGRÁFICAS (POESI). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7117286740257357>>. Acesso em: 19 fev. 2021.

Por que mobilidade urbana também é uma questão de gênero. [Locução de] Jaqueline Dubas; Júlia Carvalho. [S.l.] Nexos, 17 jan. 2020. Podcast. Disponível em: <<https://bit.ly/2P6zUiC>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. **Portal do Observatório de Indicadores da Cidade de Vitória**. Vitória, 2020. Disponível em: <<https://observavix.vitoria.es.gov.br/tema/38>>. Acesso em: 02 jan. 2021.

PREVE, Ana Maria Hoepers. **Geografias, imagens e educação: experiências**. Entre-Lugar, Dourados, MS: p. 49-66, ano 4, n.7, 2013. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/view/2673>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

_____. **Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação**. Dissertação Tese (Doutorado em Educação, conhecimento, linguagem e arte), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010. 347 f. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251335>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. **Corporema – por uma Geografia Bailarina**. 1a ed. Vitória, 2018. E-book. Disponível em: <https://www.academia.edu/36411127/Corporema_por_uma_Geografia_Bailarina>. Acesso em: 24 out. 2020.

REGO, Daniel Cunha. **PET_REL**, Revista Programa de Educação Tutorial em Relações Internacionais. Análise de Conjuntura. Esfera pública digital em tempos de pandemia. 2020. Disponível em: <<http://petrel.unb.br/destaques/82-esfera-publica-digital-em-tempos-de-pandemia>>. Acesso em: 10 out 2020.

RENA, Natacha. **Metrópole biopolítica, cartografias emergentes e urbanismo tático**. XVI ENANPUR, Belo Horizonte, 2015. Disponível em:

<<http://anais.anpur.Org.br/index.php/anaisenapur/article/view/2511>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

RISLER, Julia; ARES, Pablo. **Manual de mapeo colectivo**: recursos cartográficos críticos para procesos territoriales de creación colaborativa. 1a ed. Buenos Aires: Tinta Limón, 2013.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

ROSA, Marcos. **Microplanejamento e práticas urbanas criativas**. São Paulo: Cultura. 2011

SABARÁ, Déborah. **Uma vida para os outros**. [Entrevista concedida a] Unicef Brasil, Site Unicef, 15 de julho de 2020. Disponível em: <<https://www.unicef.Org/brazil/historias/uma-vida-para-os-outros>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria Queer**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SANTOS, Caio de Castro Mello; FIGUEIREDO, Carolina Dantas de. **Performatividade e conflitos entre a ocupação do espaço real e virtual**: uma análise da plataforma de eventos no *Facebook*. In: SILVA, Mauricio Ribeiro da et al. (Org.). **Mobilidade, espacialidades e alteridades**. Salvador: EDUFBA, 2018.

SANTOS, Milton. **O país distorcido**. O Brasil, a globalização e a cidadania. In: RIBEIRO, Wagner (Org.). São Paulo: Publifolha, 2002.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista**: Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. 440 p.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 4. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2016.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **Dossiê Doreen Massey**. “Não me chame de senhora, eu sou feminista!”. Posicionalidade e reflexibilidade na produção geográfica de Doreen Massey. Vol. 19, nº 40. Niterói: Revista GEOgraphia, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13796>>. Acesso em: 05 out. 2020.

SILVA, Mauricio R. et al. **Mobilidade, espacialidades e alteridades**. Salvador: EDUFBA, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/26089/1/MobilidadeEspacialidadesAlteridades-EDUFBA-2018.pdf>>. Acesso em: 05 de set. 2020

SORJ, Bila. **O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Pensamento Feminista Brasileiro**: Formação e Contexto. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

SOUZA, Angela Gomes. **Museu de Arte do Rio-MAR. Reflexões sobre museu, arte contemporânea e cidade.** Dissertação (Mestrado em Artes), Programa de Pós-graduação em Artes, Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015. 112 f.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Escala geográfica, “construção social da escala” e “políticas de escalas”.** In: SOUZA, M. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPERLING, David; RAMOS, Gabriel; SANTANA, Mariane. **Contracartografias: tecnopolíticas de espacialização da informação - atores, agenciamentos e sistemas.** In: RENA, Natacha; FREITAS, Daniel; SÁ, Ana Isabel; BRANDÃO, Marcela; (Orgs.) 2º Seminário Internacional Urbanismo Biopolítico, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2PhLqrc>>. Acesso em: 26 dez. 2020.

VITORINO, Castiel. **Como se preparar para guerra.** *YouTube.* 2018. (5m51s)n. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5a8oK9fiOMA>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

VITORINO, Castiel. **Como se preparar para guerra: escritos de uma sobrevivente feitos na travessia de 2018 para 2019.** Revista DR. Edição 5. 2020. Rio de Janeiro. *On-line.* Disponível em: <<http://revistadr.com.br/posts/como-se-preparar-para-a-guerra-escritos-de-uma-sobrevivente-feitos-na-travessia-de-2018-para-2019/>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

VITORINO, Castiel; ROCHA, Napê; ROCHA, Winny. **Manual de uso da Grande Vitória, para&por corpos negros-bichas.** 2017. Disponível em: <<https://issuu.com/kuirlomboterrorista/docs/manual-de-uso-livro-digital>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

WISNIK, Guilherme. **A cidade apropriada.** O ativismo e o valor de uso do espaço público. São Paulo: Folha de São Paulo, Ilustríssima, 2015.

ZEFERINA, Crislayne. **Comunidades periféricas se mobilizam contra a violência policial em Vitória.** Entrevista concedida a Elaine Dal Gobbo. Século Diário, Vitória, 20 jun, 2020. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/seguranca/comunidades-populares-se-Organizam-por-dialogo-com-o-governo-contra-a-violencia-policial>. Acesso em: 06 nov. 2020.

ZEFERINA, Crislayne. **Conheça a ativista social que vai conhecer o Papa Francisco.** Entrevista concedida a Guilherme Silva. Revista.AG, A Gazeta, Vitória, 27 jun, 2020. Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/revista-ag/comportamento/conheca-a-ativista-social-que-vai-conhecer-o-papa-francisco-0620>>. Acesso em: 06 nov. 2020.